



TEEN-AGERS



Rita é nome bonito de «teen-ager». Ela pertence a uma família de artistas: o pai é Fernando Curado Ribeiro, a mãe a actriz Maria José e o irmão o jovem actor António Semedo. Mas as preferências de Rita, uma das primeiras inscritas no concurso para a eleição de Princesa das «Teen-Agers» Portuguesas, vão a Pintura: espera tirar um curso e dedicar-se à Decoração. (A história de Rita Basto Curado Ribeiro está na pág. 8)

VIETNAME

bombas e dólares

A tremenda ofensiva desencadeada pelos tanques de Giap significará o começo do fim do Vietname do Sul? Um repórter francês, Yves-Guy Berger, esteve em Saigão e dá-nos um testemunho vivo sobre a realidade sul-vietnamita, dominada pelas bombas e pelos dólares. Primeira verificação: o povo sul-vietnamita, literalmente despoliticizado, mantém-se indiferente ao apelo dos atacantes para aderir à grande ofensiva. (Reportagem nas centrais).



A dor e o medo no inferno do Vietname (Foto «Gamma»/«DL»)

“DL” viu Lelouch e Kazan em Cannes

Um filme sensacionalista de Lelouch, uma obra-prima de Elia Kazan. Lelouch ficou famoso com «Um Homem e uma Mulher». Kazan é um director de reputação mundial desde «Há Lodo no Cais». Eduardo Geada, enviado especial do «DL», viu as novas fitas de ambos no Festival de Cannes e dá-nos hoje a sua opinião, antecipando que o filme de Elia Kazan é sério candidato à Palma de Ouro. (O telex de Eduardo Geada está nas páginas quatro e cinco).

HOJE 32 PÁGINAS
VISADO PELA CENSURA

O ÍDOLO DOVER



Dale Dover

Dale Dover: veio da América do Norte apenas para revolucionar o basquetebol português e dar ao Futebol Clube do Porto um título nacional e outro metropolitano. A sua classe de jogador, o brio com que se exhibe e (até) o orgulho com que admite ser uma autêntica «estrela» do jogo, estão retratados nas páginas dos «DL»/Desportos, que inclui, também, outros temas de plena actualidade. Desde um mergulho na vida de cinco «craques» da bola (Jaime Graça, Estêvão, Nelson, Atraca e Melo) até uma reportagem feita em Oliveira de Azeméis, onde as bodas de ouro do clube local podem ter como prenda a subida de divisão. Isto sem falar em «Praça-a-Praça»: Ronnie Allen e o futebol sportinguista são começo de conversas para Neves de Sousa.

REUMATISMO
DESDE
O MACAÇO

PARIS TORNA
MARLON
MAIS BRANDO

HOJE É DIA
DA SENHORA
DA SAÚDE

A CARTA DE
CHIANCA
DE GARCIA



"DL" / CIENCIA

Por JOHN TAYLOR
da O.M.S.

O REUMATISMO ... desde o macaco

Já houve quem dissesse que o macaco desceu da árvore e tornou-se homem porque já não aguentava mais a dor nas costas. Talvez seja invenção, mas nos ossos dos homens de Java e de Lansing, de 500 mil anos atrás, há sinais de reumatismo da coluna vertebral e já foi diagnosticado reumatismo em múmias do Egipto. Os sociólogos já lembraram a possibilidade de que os banhos luxuosos dos gregos e dos romanos fossem na verdade um recurso contra o reumatismo e o homem moderno, de facto, ainda frequenta termas onde mais ou menos se entrega aos rituais pagãos.

Procuramos também apalpar o algar do distribuidor di-nheiro aos fabricantes de poções, pílulas e outras drogas maravilhosas recomendadas por charlatães. Nos Estados Unidos, por exemplo, segundo a Fundação contra a artrite e o reumatismo, a indústria, cada vez mais próspera, dos tratamentos milagrosos para a artrite furta aos tolcos cerca de US \$250 milhões por ano.

Noutras partes do mundo, as técnicas costumam variar, mas o princípio é o mesmo. Os feiticeiros da África dão ao paciente um fio de cabelo de cauda de elefante para enrolar no pulso. Na Ásia o bazar do *randediro vende saquinhos* de estorco de camelo para a pessoa pendurar ao pescoço e curar o reumatismo. Os europeus, mais civilizados, preferem os aparelhos, instrumentos e acessórios «científicos»: cintos mágicos, coletes magnéticos, colchões anatómicos e camas vibratórias. Não há muito tempo, um vendedor de cobertores anti-reumáticos, levado a tribunal na Suíça, confessou, com toda a honestidade, que estava a vender 500 desses cobertores milagrosos por mês.

MAL GENERALIZADO

Sob o ponto de vista apenas comercial, os vendedores de remédios milagrosos para o reumatismo — e não se confunda essa gente com os fabricantes respeitáveis — estão a trabalhar em mercado próspero. Hoje em dia, ao passo que as velhas doenças como a febre escarlantina, a pneumonia, a difteria, a tuberculose e a

disenteria vão sendo eliminadas, os males crónicos como o reumatismo aumentam de importância. Vamos vencendo as doenças mortais, prolongando a vida do homem, mas enfrentamos agora as dores e os males que apenas o atormentam.

Segundo alguns especialistas, todas as pessoas de mais de 30 anos sofrem de reumatismo, latente ou declarado. Na Europa, a percentagem da população afectada, varia entre 10 e 20 por cento, conforme o país. Mais de 10 milhões de americanos são reumáticos, inclusive 4 500 000 com artrite. Na Grã Bretanha, 5 000 000 de pessoas sofrem de artrite. No Japão, a artrite reumatóide ocupa o quarto lugar entre as doenças que incapacitam o indivíduo para o trabalho.

COMPLICAÇÕES

Muitas pessoas que sofrem de reumatismo podem ainda levar vida razoavelmente normal. Mas o espectro da incapacidade é muito amplo e, consequentemente, o paciente pode ver-se a braços com uma série complexa de modificações que afectam várias facetas diferentes da sua vida, desde o trabalho e as actividades recreativas até às relações com os amigos e a família. É esta, talvez, a diferença fundamental, em termos humanos, entre o reumatismo e as doenças infecciosas como a pneumonia, que o paciente deixa para trás ao sair do hospital.

Tomemos um grupo de casos fictícios para ilustrar as modificações que o reumatismo pode impor ao doente. Simplificaremos os sintomas, em benefício da clareza, observando, porém, que o diagnóstico das diferentes espécies de reumatismo pode ser extremamente complexo e que estamos a deixar de fora, sem mencionar, vários subtítulos.

A Sra. N. é mãe de família ocupada, numa cidadezinha da Holanda. Tem três filhas, vive numa casa muito bem cuidada que dá para um canal ladeado de árvores e além da lida doméstica encontra tempo para trabalhar algumas horas numa fábrica. Esta fica situada a mais ou menos dois quilómetros de distância, que a Sra. N.,

como muitas outras donas de casa holandesas, percorre de bicicleta, mesmo em dias de chuva. Tem tendência para engordar, acha difícil manter a dieta que o médico recomenda e assim o exercício faz-lhe bem à saúde e à consciência.

Certa manhã, já no fim do Outono, a Sra. N. levantou-se com um pouco de dificuldade e ao descer a escada, notou que o seu joelho direito estava meio duro. Mais tarde, durante o dia, o joelho começou a doer e a volta a casa, de bicicleta, à noite, já foi um tanto penoso. No dia seguinte ela foi ao médico, que lhe examinou primeiro as mãos e assinalou as pequenas saliências que se notavam nas articulações finais dos dedos indicadores e médios. A Sra. N. comentou que as tinha havia já alguns anos e que a sua mãe também era assim. Ao terminar o exame, o médico deu-lhe o diagnóstico: osteo artrite.

DEGENERAÇÃO

Notando a expressão preocupada no rosto da paciente, o médico explicou-lhe que não havia perigo de deformidade ou aleijão. O seu caso era consequência da degeneração da cartilagem que cobre as estremidades dos ossos do joelho. A osteo artrite afecta principalmente as articulações que sustentam o peso, tais como os joelhos, os tornozelos, a região inferior da coluna vertebral e os quadris.

A Sra. N. tinha, porém, que viver com mais calma, fazer dieta rigorosa e evitar esforços que agravassem as condições da articulação afectada. Teve de demitir-se da fábrica, reorganizar o seu trabalho em casa, para não estar constantemente a subir e descer escadas e passar a fazer repouso todas as tardes.

Agora, o caso do Sr. B., que está sentado num café na margem de uma rodovia no Norte da Alemanha. Acaba de almoçar com outros motoristas de caminhão e vai prosseguir viagem. É Janeiro, dia frio, o chão coberto de gelo e o vento forte faz vibrar a janela. A sala do pequeno restaurante está quente, bem agasalhada. Ao subir para a cabine do

Continua na pág. 8

SETE DIAS NO MUNDO

FALTA DE MEMÓRIA

Minagem de portos, bloqueio das costas, ataques às linhas de caminho de ferro. Este foi o caminho escolhido. O alvo é a zona norte do Vietname: 19 milhões de habitantes ligados predominantemente à agricultura. A razão invocada é a ofensiva que atingiu as tropas do regime sustentado pelos EUA no Sul. Mais do que simplesmente evitar o afluxo das armas que os aliados de Hanói fornecem, a violência dos ataques demonstra que, na sua ânsia de salvar a face perante a derrocada de uma política votada ao malogro desde o primeiro dia, Richard Nixon pretende obrigar, os sucessores de Ho Chi Minh a aceitarem-lhe uma ajuda, permitindo a retirada americana em boa ordem. A obstinação de Nixon fez-o esquecer o passado recente e as informações que lhe vêm para a secretária. A determinação vietnamita já deu sobejas provas de que não são mais bombas a fazer o que não se conseguiu em 31 anos, com japoneses, franceses e, agora, americanos. Se o presidente americano se obstina em não deixar que os seus protegidos de Saigão sejam vencidos, pelo menos enquanto houver «boys» nas redondezas, os seus inimigos não são menos obstinados. Como já dissemos ontem a violência militar é usada para obter momentâneas vantagens políticas. Por isso mesmo, Le Duc Tho insistiu na resolução política do problema. Não basta pedir um cessar-fogo, como faz o presidente, é preciso também propor uma alternativa para o regime de Saigão. Pois é precisamente o regime que os americanos apóiam que está em causa, como era o de Diem, o de Khanh e os outros que se foram afundando. O que Richard Nixon tem de reconhecer é que, com ofensiva ou sem ela, com apoio ou sem ele, o regime de Thieu não pode sobreviver por que não possui suficiente implantação no país. A alternativa que a FNL e Hanói propõem é a de um regime comunista, como afirma a propaganda americana. O que tem sido afirmado em Paris é que, ao Governo de Thieu, cuja demissão se considera indispensável, deve suceder um governo tripartido que inclua membros do Governo Revolucionário Provisório (onde nem todos são comunistas), membros da actual administração e representantes dos grupos religiosos e políticos. Para sair completamente do atoleiro em que se meteram, os americanos terão de aceitar esta fórmula ou, então, sair pura e simplesmente, abandonado Thieu à sua sorte e à conta bancária na Suíça. Há ainda outra hipótese: o bombardeamento atómico do Norte e do Sul, riscando do mapa aquela região do mundo. Mas essa hipótese traz consigo riscos bem mais graves que os do actual bloqueio. Por enquanto, é ainda possível continuar as discussões por trás da cortina e tentar chegar a um temporário compromisso. Neste momento, o auxílio militar e diplomático que os amigos de Hanói lhe facultem tem importância quase decisiva. O que Moscovo e Pequim possam e entendam fazer, muito embora não possam disso tomar conhecimento, irá influenciar fortemente o futuro próximo. Uma improvável declaração conjunta poderia desempenhar um papel relevante, pois aumentaria, as dificuldades internas de Richard Nixon. Uma acção conjunta seria o fim da guerra ou do mundo.

SEGUNDA-FEIRA

Os resultados das eleições em Itália demonstram a falência das organizações cuja posição ideológica se caracteriza pela imprecisão. Assim, os liberais, partido de direita com oscilações consideráveis em face dos problemas que dia a dia se levantam, e o Partido Socialista Italiano de Unidade Proletária, onde as cisões eram o pão nosso de cada dia, foram derrotados de forma espectacular. Sendo isto natural, não deixa de causar uma certa inquietação o facto de os votos perdidos pelos liberais terem ido parar às mãos dos herdeiros de um passado que tantas cicatrizes deixou na Itália e no mundo: os neo-fascistas. Contudo, do ponto de vista da futura governação do país, pouco ou nada se alterou. Os comunistas e os neo-fascistas continuarão afastados do Governo, a posição socialista está em perigo e consequentemente, abrem-se novas possibilidades para a administração deslocar a sua política mais para a direita.

TERÇA-FEIRA

A União Soviética fez saber que não aceitava a declaração imposta pelos cristãos-democráticos da República Federal Alemã e aceite por Willy Brandt, afirmando que os tratados com o Leste «não antecipem um tratado de paz e não criam um fundamento jurídico para as fronteiras actuais». O facto levou

a que, de novo, os dirigentes do governo e da oposição da Alemanha Ocidental se tenham voltado a reunir procurando chegar a um acordo que permita a ratificação dos tratados com a URSS e a Polónia, condição de sobrevivência do governo de Willy Brandt. Entretanto, devido às discussões tão prolongadas sobre aqueles textos, a Polónia manifestou as suas reservas quanto à sinceridade alemã em desanuviar as relações na Europa.

QUARTA-FEIRA

Eliminada da declaração conjunta a opor aos tratados com a Polónia e a URSS a parte referente às fronteiras, Moscovo concordou em aceitá-la como boa e válida. Mas Rainer Barzel anunciou que o seu partido levantava novas objecções à ratificação. Brandt, erguendo a voz em defesa daquilo que lhe deu um Prémio Nobel da Paz, afirmou que as «querelas do passado não devem prosseguir em detrimento do futuro». A votação, pelo menos pelo que se sabe agora, será na quarta-feira da semana que começa. A margem de Brandt é estreita e o peso das «querelas do passado» grande. O reconhecimento da derrota é sempre difícil, mas não é por se lhe negar o reconhecimento que ela deixa de ser um facto histórico. A derrota de Brandt nesta votação crucial constituirá um rude golpe no desanuviamento e poderá ter con-

A VILLAVERDE CABRAL

COMENTÁRIO INTERNACIONAL

seqüências extremamente graves no futuro.

QUINTA-FEIRA

Anunciou-se em Londres que o secretário de Foreign Office, Alexander Douglas-Home, visitaria a China Popular numa data ainda desconhecida. Em contrapartida, Chi Peng Frei, o homólogo chinês de Douglas-Home, visitará Londres. É a China a entrar no jogo diplomático de que tem sido afastada devido à posição dogmática dos EUA em relação ao regime de Mao.

A comissão militar da NATO advogou o alargamento das actividades dos países do Pacto a zonas para sul do Trópico de Cancer, onde termina a chamada «zona NATO». Dizem os militares que a «ameaça soviética» cresce em todos os mares, com especial revelação naqueles onde a NATO não pode estatutariamente intervir. No entanto, os próprios militares reconhecem que o alargamento tem graves implicações políticas.

SEXTA-FEIRA

As duas Alemanhas chegaram a acordo sobre a circulação e transporte entre elas. Foi o primeiro acordo entre Estados que a RFA e a RDA rubricaram. O facto reveste-se de especial importância devido às discussões que correm no Bundestag a respeito da ratificação dos tratados com o Leste. Face à opinião pública, Brandt sai reforçado. Porém, dentro do Parlamento, a assinatura do acordo pouca influência deve ter, mantendo-se todos os riscos já apontados.

Na África do Sul, entidades oficiais afirmam que, apesar da «situação de aparente e superficial paz», o perigo de subversão aumenta. Pedem essas entidades que a polícia redobre a sua atenção e intensifique a sua acção. Um juiz pediu mesmo legislação que permita não só condenar os culpados como os «fortemente suspeitos».

SÁBADO

Os ferroviários ingleses entraram em greve de zelo para pedirem que os aumentos já garantidos sejam pagos a partir de Maio e não de Junho como a administração pretende. Como resposta a direcção dos caminhos de ferro, que são nacionalizados, ordenou a suspensão de todo o tráfego até amanhã. Mais uma vez, o governo de Edward Heath é colocado perante uma greve de âmbito nacional que agrava a instabilidade económica e política do país.

A Agência de Protecção ao Meio Ambiente (governamental) dos EUA recusou o pedido de adiamento por um ano da entrada em vigor das medidas anti poluição nos automóveis. As grandes fábricas de Detroit e a Volvo Sueca tinham pedido esse adiamento devido aos custos da instalação de anti poluentes. Segundo o que está estabelecido, os automóveis em circulação nos EUA deverão vir equipados com esses dispositivos a partir de 1975.

**CARTA
DO BRASIL**

CHIANCA DE GARCIA

AS TEMPESTADES SURGEM DE SURPRESA

No defunto ano de 1971, eu creio que, nestes Brasis, a mais discutida, a mais venerada, a mais promissora, enfim, a nossa palavra-chave, foi **COMUNICAÇÃO**. Usada de todo o geito. Surgiram centenas de livros sobre o tema. Criaram-se, para sábio ensinamento, escolas e universidades. Sim, estava decidido, o futuro pertencia à «comunicação». Estabeleceu-se mesmo a teoria de que o mundo, o nosso diverso mundo, ia ser apenas uma grande aldeia, movida por essa nova força universal. Vocês, eu, um homem na China, um esquimó no polo, um português na Alemanha, um astronauta no espaço, estaríamos todos simultaneamente recebendo a hóstia consagrada da comunicação, servida por intermédio da «tevê» que não só estaria em todas as casas, como esparramada nas praças públicas em gigantescos «écrans», e acima de tudo incrustada subtilmente, em imagens e som, nos nossos próprios cérebros.

Aí começaram as desconfiças. E pouco a pouco percebeu-se que a teoria da aldeia global não convinha a todas as aldeias do mundo, fossem elas aldeias no duro, grandes metrópoles, ou apenas aquele honesto direito que todos nós temos (eu e o leitor), mau grado o imperialismo mais próximo, de consultar aquilo que é a nossa atribulada aldeia natal. — a consciência.

Quando, em anos já passados, um político brasileiro afirmou: — «o que é bom para os Estados Unidos é bom para o Brasil», logo ficou evidente que a frase devia ser virada do avesso.

Foi assim que começou a descrença na magia da comunicação global que passou a ser entendida como manobra nazista, ou fascista, ou imperialista, ou mesmo, e porque não? comunista.

Mas como é necessário que haja sempre um tema bem quente para empolgar os povos, então foi chegando ao Brasil uma novidade destinada a pôr em pânico a numerosa sociedade de consumo: a trágica realidade da **poluição**. E agora não se fala noutra coisa, o ser humano está cercado por muralhas de **poluição**. Há, na

natureza, um total desequilíbrio ecológico. Portanto...

O NOVO PERIGO

E começam surgindo volumes e mais volumes com planos heróicos para salvar a humanidade. Por intermédio da fé, da filosofia e até das ciências ocultas. É assunto diário nos jornais. Afirma-se. **Viver, já é, em si mesmo, um acto de poluição!** Pode ser salva a humanidade? Pode? Não pode? Mas será que a humanidade quer mesmo ser salva? No fim da vida o sábio Bertrand Russel, descrente e amargo, ainda falou assim: — «humanidade não quer ser salva, e muito menos deseja que alguém trabalhe para evitar o seu fim». Disse, e morreu, quando nonagenário. Em 1967.

MAS VAMOS A FACTOS!

Estou em casa de um casal brasileiro. Ela, com antepassados lusos, lá das bandas de entre Minho e Douro, desembarcada e alegre, sabe resolver qualquer parada. Ele (42 anos) é autor de novelas para a televisão (escreve dez capítulos por semana) naquela sub-literatura peculiar do género (filho adoptivo, mãe preta, carta anónima, menina rica, desastre de automóvel, cemitério, tiros

de revólver, coisas assim) que dado o êxito junto do público das classes B e C o convenceram da sua genialidade. Porque ainda por cima é baiano...

O casal tem três filhos. Dois rapazes e uma garota. O Zéca, o Lico e a Birinha. E não sei como, no pequeno apartamento, ainda cabem a sogra e o sogro, avós que têm o bom senso de aceitar as liberdades da juventude. É meio-dia. Hora do almoço.

A mãe: Você sabe, estive em casa de sua irmã. As suas sobrinhas, meu caro, estão com problemas de audição sonora. Como moram na Avenida Copacabana o médico aconselhou sua irmã a procurar bairro mais tranquilo...

O pai: E há?

A mãe: Tem que haver. Se não forem tomadas providências as duas crianças dentro de poucos meses ficarão completamente surdas, vítimas da poluição sonora do Rio de Janeiro.

O pai: É, dá para enlouquecer.

Birinha, que chega da praia, e vai mudar de roupa: Mamã, não esquece a minha salada. A senhora sabe que eu não sei almoçar sem salada de tomate...

A mãe: Ah, é? E quer morrer? Você não ouviu na tevê que as águas das hortas estão poluídas?

Zeca, que entra capengando: Papai, não posso ir ao colégio porque apanhei uma infecção na sola dos pés. Dói prá cachorro!

A mãe: Eu não disse a você que a praia do Flamengo estava poluída?

A avó, que desde o princípio está lendo uma revista: Nossa! Nesta casa só se fala em poluição...

O pai: É mesmo. Dá para enlouquecer.

O avô, que aparece encostado a uma bengala.

É o resultado da ganância dos lavradores. Para ampliar as culturas agrícolas estão aplicando nas plantas fortes doses de mercúrio. São uns ladrões, envenenadores do povo...

Lico, entrando:

Mamã, que temos para o almoço? A senhora sabe que eu gosto de peixe às pampas...

Mãe:

Não tem peixe, porque segundo informa a Secretaria da Saúde, estão todos contaminados por DDT...

Avô:

É mesmo. O DDT aplicado na lavoura deposita-se no solo e com as chuvas é levado para o mar provocando o envenenamento dos peixes...

Lico:

Conversa, mamã!

Mãe:

Já viu os pés do seu irmão? Apanhou aquilo na praia. São venenos que interferem no metabolismo do ser humano!

O pai:

Dá mesmo para enlouquecer. (para a mulher) Como é que você disse? Venenos que interferem no metabolismo do ser humano?... Bacana. Vou meter essa piada no próximo capítulo...

Birinha, de saia e blusa, agora:

Mamã, me manda fritar dois ovos?

A mãe:

Ovos? Você não sabe que as galinhas estão sendo alimentadas com arsénico?

Lico:

Tou com fome! Se o almoço demora vou ali no boteco e como um cachorro quente!

A mãe:

Sai dessa, meu filho. As linguças que aparecem lindas, na tevê a cores, são feitas com carne de cavalos velhos e tuberculosos. E até de gatos com raiva.

Zeca:

Mas então que é que nós vamos almoçar hoje?

Lico e Birinha:

Queremos almoçar! Queremos almoçar!

A mãe:

Sosseguem, cadê respeito?

Enquanto o pai de vocês fica em casa a dormir eu levantei de madrugada, atravessei a baía, e fui a Niterói. Estive no Centro Espirita Coração de Jesus, e a Dona Rosa, por ser para mim, arranjou-me um cabrito, que benzeu sete vezes com sete espadas. O cabrito vocês podem comer, porque está imunizado! Foi rezado, e bem rezado!

Coro geral:

Oba!

Quando surge a cozinheira e traz numa travessa o cabrito fumegante. Ruído de pratos e talheres. Exclamações. Vinda da rua entra a tia Ermelinda, irmã da mãe.

A mãe:

Senta, Ermelinda, e come que este cabrito foi purificado!

Ermelinda:

Julguei que vocês estavam brigando...

O pai:

Qual, a conversa era sobre a poluição que põe as nossas vidas em perigo...

Ermelinda:

Vocês falam de toda a espécie de poluição mas esquecem a principal. Daquela poluição que vai ser o fim da minha carreira de professora de portugueses. O pior mal, no Brasil, é a poluição do nosso idioma!

A garotada:

Chi, tia! Só faltava essa da poluição do português.

Ermelinda:

Pois essa é que é essa. Até o emprego vou perder.

Pai:

Querida, você está exagerando...

Ermelinda:

Eu? Quem exagera são os escritores. E você está nessa atolado até aqui. Diga lá, em que língua é que vocês escrevem? O português que estamos usando deixou de ser uma fogueira, para virar um lucilar de pirilampus...

Zeca:

Que é pirilampo?

Pai:

Pirilampo, meus filhos, é aquilo que em nossa pátria tem

o nome de vagalume. (Galhofa das crianças).

Ermelinda:

Não riam, não. O pior mal que nos assola é a poluição idiomática.

Pai, dando um murro na mesa:

Escuta, se todas as poluições são como essa então viva a poluição. Porque é com essa poluição que nós vamos ficando mais brasileiros, entendem? A preocupação de escrever certo, de colocar bem os pronomes, estava impedindo o surto da nossa espontaneidade criadora. Viva portanto o nosso idioma nacional. O **brasileirismo** que você condena não é um simples processo de diferenciação. Ele consiste acima de tudo numa busca de auto-expressão, e da criação de formas novas de linguagem. O que nós queremos é de carácter brasileiro é nossa produção literária. Não é que eu seja contra os escritores portugueses. Quais são os portugueses que os seus alunos mais admiram?

Ermelinda:

Na prosa, o Eça. Na poesia, o Fernando Pessoa...

Pai:

Então querida, nem tudo está perdido. O português estará sempre perto de nós quando entra no movimento da nossa prosódia e no rápido relampêjar do nosso estilo...

Ermelinda:

Posso responder agora?

Pai:

Pode.

Ermelinda:

O que você está defendendo é a poluição pornográfica com que escreve as suas porcas novas para a tevê! Entende agora?

O pai, à mãe conciliador:

Meu bem, me dá mais um pedaço de cabrito...

Dos mais recentes livros recebidos destaque os poemas de Eusébio Martins, um nome talvez desconhecido, entre os leitores. Um poeta de menos de 30 anos, e de grande sensibilidade. Uma das próximas cartas será reservada a livros.

Para correspondência: Rua Fernando Mendes, 28, ap. 908, Copacabana, G. B., Brasil.

**EMBAIXADA DE FRANÇA EM PORTUGAL
FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN**

2.ª feira, 15 de Maio, às 21.30 h.

**GRANDE AUDITÓRIO
«BLANCHE»**

filme de Walerian Borowczyk

com: **LIGIA BRANICE, MICHEL SIMON, JACQUES PERRIN,
GEORGES WILSON, etc.**

**Grupo C (não admitida a entrada
a menores de 14 anos)**

ENTRADA GRATUITA — Senhas em distribuição na Fundação

Ora diga-nos...

JÁ FOI À PRAIA ESTE ANO?

1 — Maria Virgínia Amado, professora de liceu:

— Já fui, já. A Carcavelos, Torre e Vieira de Leiria, e com tempo ótimo. O meu filho é pequeno e precisa aproveitar a praia. E eu também, que gosto de nadar.



3 — Tomás Santos, oficial miliciano:

— Ainda não, tenho tido muito que fazer. Mas normalmente vou à praia sempre que posso e o tempo está bom.



2 — «Mister Hatherly, súbdito inglês:

— Tive que fazer no Algarve, e aproveitei para ir à praia. Mas só uma vez, porque tenho a vida muito ocupada, não tenho tempo.

"DL"/ESPECTÁCULOS

CINEMA - MÚSICA



Caetano Veloso



Maria Bethânia



Roberto Carlos



Nara Leão

SOM DO POVO, exemplo a imitar

**CASA
DAS LENTES
OCULOS DE CONTACTO
GRADUADO
DE CONTACTO
OCULOS DE SOLAVIA-MER
E CÉLULAS DE CAIXA DE PREVIDÊNCIA**

**CASA
DAS LENTES**

RUA LUCIANO CORDEIRO, 81-A
TELEF. 44346 LISBOA-1

«Durante muito tempo, por motivos puramente estéticos, impliquei com televisão. Mas acabei por me convencer de que se tratava de uma visão limitada. Fiz agora o meu primeiro documentário para a televisão brasileira. O tema é uma loucura: a música popular brasileira. Um Universo de tema — disse o cineasta Gustavo Dahl ao jornal «O Globo», do Rio de Janeiro.

Sugestivamente intitulado «Som do Povo», o seu documentário, que foi apresentado em estreia na programação do Domingo Maior do Canal Quatro, reúne importantes depoimentos das maiores figuras da música popular brasileira: Vinícius, Tom Jobim, Caetano Veloso e Erasmo Carlos.

Para ilustrar a série de depoimentos, Dahl seleccionou ainda cuidadosamente um lote de intérpretes e de composições que no seu entender, representam os momentos mais altos da música brasileira. Assim, no documentário, aparecem a cantar, entre outros: Chico Buarque, Luís Gonzaga, Carlos Lira, Maria Bethânia, Nara Leão, Roberto Carlos, etc.

«Fui filmando o que aparecia e preferindo intérpretes e músicas de que mais gosto. E, no final, senti que apesar da minha visão pessoal o resultado era coerente. Senti que as coisas que tinha filmando dum ponto de vista cultural — disse ainda o realizador de «Som do Povo», que debutou na RAI há alguns anos já, com excelente trabalho de televisão.

Enquanto nos congratulamos com o facto de ver a música popular brasileira consagrada num importante documentário, deixamos no ar a sugestão: porque não se há-de tentar um pequeno trabalho documental com o que de melhor se tem feito no capítulo breve da música portuguesa? A ideia que fica.

Não se pode dizer que o Festival de Cannes deste ano tenha aberto com chave de ouro. Que a chave de Claude Lelouch sirva para abrir as bilheteiras não duvidamos, mas que essa mesma chave mereça a honra de abertura de um Festival de Cinema que faz gala dos seus alibis culturais eis o que não deixou de surpreender os críticos que aguardavam com alguma expectativa o último filme daquele que foi, em 1966, o grande triunfador do Festival com a produção que o tornou milionário: «Um homem e uma mulher».

«L'aventure c'est l'aventure», filme que talvez não chegue a Portugal, constitui uma das mais oportunistas ementas cinematográficas que nos foi dado ver ultimamente. Com o pretexto de que quis fazer um filme sobre a confusão política actual, Claude Lelouch cristaliza nas aventuras de cinco bandidos internacionais, alguns dos acontecimentos que fizeram os títulos das primeiras páginas dos jornais de grande tiragem. Raptos, assaltos a bancos, vigarices, roubos inesperados, aventuras de mercenários, desvios de aviões, chantagem, etc., tudo toma lugar neste filme que se inscreve sob os auspícios do folhetim de banda desenhada e da filosofia dos Pieds-Nicklés. Quando chega a hora da contestação é numa greve de prostitutas

que a vamos encontrar! Confessando modestamente que nada compre-



EDUARDO GEADA

Enviado especial do «DL»

de do que se passa no mundo, e que apenas quis oferecer ao público um espectáculo divertido da confusão política reinante, Lelouch confessa implicitamente os limites do cinema que pratica. Um cinema que se aproveita das obsessões sociais

nos conduzem por um universo do crime colectivo no qual eles apenas sabem aproveitar as delícias da vida? Reaccionários como todos os bandidos, as personagens de Lelouch, que muito devem ao encanto pessoal dos actores (Lino

Ventura, Jacques Brel, Charles Denner, Charles Gerard e Aldo Maccione), ostentam um optimismo sem credo nem moral, o que não constituiria a pior das jogadas se aí não residisse justamente o trunfo escondido do batoteiro: Claude Lelouch desinteressa-se dos problemas em que mergulha para melhor descobrir, à superfície, a receita das praias de luxo.

Em resumo, um filme que mereceu os aplausos discretos do público pagante, na sessão da tarde, provocou a indignação da maior parte dos críticos e deu origem a uma conferência de imprensa sem qualquer interesse. A imagem do que este tipo de organizações exige, o filme inaugural revelou um conformismo gritante, sempre disfarçado pelo brilho fútil do aparato técnico.

VANGUARDA

Finalmente, no dia seguinte, com a apresentação na secção competitiva, do último filme de Elia Kazan, «Os Visitantes» («The Visitors»), entramos na zona do cinema de vanguarda que este realizador único, exila-



Steve Railsback e Patricia Joyce em «Os visitantes», de Elia Kazan

"DL"/ESPECTÁCULOS



Reinhard Koldhehoff e Stille Kulik em «Das unheil», de Peter Fleischman

do na indústria americana, continua a experimentar para incómodo de muita gente. Com efeito, rodado em 16 mm, a cores, posteriormente ampliado para o formato estandardizado, «Os Visitantes» foi inteiramente rodado na propriedade do próprio Kazan com uma equipa de três técnicos (câmara, luz e som) e cinco actores pouco experientes, totalmente desconhecidos do público. O filme foi escrito e produzido por Chris Kazan, filho do realizador, e custou menos do que normalmente se paga por um «cachet» a qualquer vedeta de Hollywood. Trata-se, sem exagero, de um dos filmes americanos mais importantes dos últimos anos.

Bill e Marthe vivem juntos com o seu filho bebé numa quinta que pertence a Harry, pai de Marthe. Uma manhã de Inverno são visitados por dois camaradas militares que fizeram a guerra do Vietnã com Bill. Mesmo antes de sabermos a causa da visita, adivinha-se desde logo entre os personagens uma teia de relações ocultas que em breve definem os traços dominantes da sociedade americana. Numa das campanhas do Vietnã, os camaradas de Bill violaram e assassinaram uma menor. Bill recusara-se a colaborar e denunciara-os. A partir da aparente tranquilidade da visita revela-se um clima de violência e ódio que Harry, ex-combatente em Guadalcanal e agora escritor de «westerns» fascistas, vai exemplificando em discursos e acções exemplares. Afastado o ideólogo do actual regime norte-americano, os ex-camaradas de Bill obrigam-no a abandonar a atitude pacifista, violam a mulher e partem pela noite fora.

Com o espaço das cenas cuidadosamente delimitado pela iluminação e pelo funcionamento da câmara em sequências que abandonam a planificação clássica baseada no «raccord», o filme de Kazan tira dos obstáculos de produção os mais surpreendentes efeitos estéticos, desde as entradas em campo dos actores até à tradicional direcção dos olhares. Mais radical do que

já era, à sua maneira, dentro dos paradigmas de Hollywood, «O Compromisso», o último filme de Kazan assinala definitivamente a posição política de um realizador que ataca o sistema americano em todas as frentes: recusando-se a pactuar com a violência moral dum sistema de Hollywood que fazem do super-espectáculo a sua razão de ser.

A POLÍTICA

Com «Das Unheil», de Peter Fleischman, traduzido em francês com o título «Les cloches de Silésie», a confusão política volta a estar na ordem do dia. Depois de Godard, em «Tout va bien», o mais desesperado e lúcido dos filmes, afirmar que «rien ne va plus», Fleischman volta a um problema local para construir a sua parábola sobre os malabarismos sociais do capitalismo alemão.

«Heil» em alemão significa «a saudação»; «unheil» é a negação da saudação, uma espécie de maldição, de perigo colectivo sentido. E sobre este estado de espírito que está construído o filme de Fleischman, a princípio estilisticamente organizado como se fosse o jornal íntimo de um neurótico para quem a realidade é insegurança, instabilidade, confusão e ameaças. E deste modo que o realizador pretende justificar os permanentes planos, sequências de Dib Lufti (brasileiro, hoje certamente um dos melhores operadores de câmara do mundo), os tiques obsessivos, a repetição de certos temas, imagens e sons, enfim, todo o lado barroco do filme. Porém, a pouco e pouco, o universo particular do neurótico torna-se a expressão dum realidade possível: é a confusão dos outros que nos aparece como anormal. Assim, ao mesmo tempo que justifica o ponto de vista do filme, Fleischman recorre à tradição expressionista do cinema alemão dos anos vinte no qual a apresentação de um mundo insólito era consequência directa da visão dum louco. Contudo, o filme de Fleischman

pretende ser um pouco mais complexo, decerto inteligente, mas muito menos interessante do que as «Cenas de caça na Baviera», filme que em 1969, precisamente em Cannes, o lançou na estima da crítica.

DESENHOS

«Fritz the cat», longa metragem americana de desenhos animados assinada por Ralph Bakshi, baseada na célebre banda desenhada «Underground» de Robert Crumb, assinala o começo da XI Semana Internacional da Crítica Francesa, integrada no Festival de Cannes. Não é por certo arbitrário que se tenha escolhido um filme de animação para inaugurar a Semana da Crítica. Até agora mais ou menos enfeudado ao cinema infantil de que as produções de Walt Disney são actualmente o pior modelo, o cinema de animação via-se limitado a meia dúzia de variantes gastas até à saturação. Apenas os filmes de Trnka, Borowczyk, Hubley e Dunning, no campo da longa metragem, tinham tentado quebrar a barreira. Porém, «Fritz the cat» apresenta-se ostensivamente como um filme para adultos, a ponto de ter sido classificado, nos Estados Unidos, para maiores de dezassete anos.

Para adultos, em primeiro lugar, porque ousa enfrentar os fenómenos sociais americanos, característicos da década de sessenta, com uma verrina crítica que não é seguramente acessível a um público infantil. Depois, para adultos porque os termos em que se faz o requisiório dos problemas maiores (o conflito de gerações, a liberdade sexual, a política externa americana, o racismo, a repressão policial, o uso da droga, o sadismo de certa juventude neo-nazi, etc) não permitem a condescendência das regras oficiais do espectáculo. Se os resultados práticos e artísticos nem sempre estão à altura das intenções, «Fritz the cat» é um filme suficientemente inovador para merecer a atenção do público. Do público português? Esperemos que sim.

Marsans

EXCURSÕES DE AUTOCARRO

PARTIDAS DE LISBOA
LOURDES, ANDORRA E MADRID
9 dias 2.950\$00
CALIZA E COSTA CANTÁBRICA
9 dias 3.850\$00
LOURDES, ANDORRA, BARCELONA, VALENCIA E MADRID
12 dias 4.950\$00
LOURDES, PARIS, ANDORRA E MADRID
15 dias 5.950\$00
PARIS, LONDRES E MADRID
16 dias 8.500\$00
BÉLGICA, HOLANDA, FRANÇA, VALE DO RENO, SUÍÇA E ANDORRA
20 dias 9.950\$00
SUÍÇA, ÁUSTRIA E ITÁLIA
24 dias 12.500\$00
— VIAGENS DE FÉRIAS
— CRUZEIROS
— VIAGENS IT
— APARTAMENTOS
— BILHETES
— PASSAPORTES
PEÇA CATALOGOS
INFORMAÇÕES E RESERVAS
AV. DA LIBERDADE, 72-A
Telefs. 32 31 42 - 37 00 00

Marsans

50% DE DESCONTO PARA ESTUDANTES (Subsídio da Fundação Calouste Gulbenkian)

VASCO MORGADO APRESENTA

TEATRO VILLARET

a mais moderna e confortável de Lisboa

DE TERÇA A SÁBADO

às 21 h. e às 23 h.

DOMINGO ÀS 16 H. E ÀS 21.45 HORAS

Segundas-feiras descanso da companhia

RAUL SOLNADO e a sua Companhia com

FERNANDO CURADO RIBEIRO

FERNANDA MONTEIRO

MÁRIO PEREIRA

JOÃO GUEDES / MARIA ALVIM

HENRIQUE VIANA

NORBERTO DE SOUSA

BEATRIZ VAZ / DAVID SILVA

e MARIA DO CEU GUERRA no papel de "Dorina"

DIVERTIDÍSSIMO !!!

M/18 anos

CASA COMÉDIA

(Última Semana)

Todas as dias

às 22 h. 34h. e

domingos, 16 h.

PLAY STRINDBERG. Dança da Morte em 12 Actos, de Friedrich Schopenhauer.

C/ Carmen Dolores - Augusto Figueiredo e Álvaro Benamor.

Direcção de Jorge Litopad.

Subs. Gulbenkian e F. Teatr.

TEL. 677299 (18 Anos-Grupo-D)

no TIVOLI

grupo 4

APRESENTA

4.ª, 5.ª e 6.ª feira (17, 18 e 19)

DEFINITIVAMENTE ÚLTIMAS

DE UM NOTÁVEL ESPECTÁCULO

ESPECTÁCULO ÚNICO

GRUPO D 18 ANOS

O ACONTECIMENTO TEATRAL DA TEMPORADA

AS PEÇAS DE DORST E MROZEK

A CURVA

NO ALTO MAR

ENCENAÇÃO DE Fernando gusmão

de 10% a estudantes

ESTE ESPAÇO PODE SER PARA SI! CONTACTE-NOS!

Um estrangeiro do Instituto de

Funcionário de

ro de Junho

Quintess

as (10

Portu

Hi

Pa

do

DL

CINEMA-MÚSICA

NOVO CASINO ESTORIL

SLOT MACHINES
ACESSO LIVRE
MAIORES DE 21 ANOS

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS
DAS 15
AS 3 HORAS



EMOTION

Vedetas da Rádio e da TV Inglesa

RUDI HORN

FAMOSA ATRACÇÃO MUNDIAL

LIDIA RIBEIRO

COM RAUL SILVA NOBRE COSTA

FASCINATION REVUE

PRODUÇÃO DE JOSÉ MONTES



"NUEVOS AMIGOS" "OS MOZAMBEAT'S"

FERRER TRINDADE E SUA ORQUESTRA

DUNYA DI BORA

SÓ NO WONDER BAR

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE ÀS 23.30 H.

Grupo C/ Maiores de 14 anos

NO WONDER BAR À 1.0 H. Maiores de 21 anos

no TIVOLI

grupo 4

APRESENTA

4.ª, 5.ª e 6.ª feira (17, 18 e 19)

DEFINITIVAMENTE ÚLTIMAS

DE UM NOTÁVEL ESPECTÁCULO

ESPECTÁCULO ÚNICO

GRUPO D 18 ANOS

O ACONTECIMENTO TEATRAL DA TEMPORADA

AS PEÇAS DE DORST E MROZEK

A CURVA NO ALTO MAR

ENCENAÇÃO DE Fernando gusmão





JORNAL DOS ESPECTÁCULOS



TEATRO E RISO

Isto de ir ao teatro tem que se lhe diga. As pessoas (a maioria das pessoas) irão mesmo ao teatro quando compram o seu bilhete, se vestem para, se sentam na sua cadeira? Elas pensam que sim, mas não será um equívoco, não irão muito simplesmente procurar sobreviver, a seu modo, à vida, esquecendo-a durante duas horas através da compra (boa, má ou péssima) de uma dose de riso?

No fundo só as salas especializadas em riso se enchem. Porque as pessoas (a maioria das pessoas) não vão ver teatro, vão desopilar um bocado, não vão ver a peça X do autor Y, vão divertir-se — e às vezes civitem-se mesmo — ouvindo velhas anedotas ou assistindo a situações mil vezes repetidas ou por acaso originais, que lhes são contadas ou propostas pelas vedetas do riso. Porque «para aborrecimentos bem me bastam os que tenho», ou «eu pagar um dinheirão para ainda por cima ver coisas tristes?»

Mas o teatro? Pois o teatro é neste Maio de Lisboa, findoso Grupo 4 no Tivoli (que é cinema), e o Experimental do Porto no Capitólio (de visita), quase a acabar o «Tartufo» (porque o riso também pode ser bom teatro), o «Play Strindberg» na Casa da Comédia (que é um teatrinho de bolso).

Desanimador? Claro. Desanimador.

MARIA JUDITE DE CARVALHO

UM FILME SENSACIONAL

«Vai ver, que é uma crítica muito bem conseguida feita à sociedade norte-americana», diziam-me. Eu fui. Não sabia, sequer, em que termos era posta a questão, questão essa, aliás, que eu também desconhecia. Fui ver e achei sensacional. Muito mais que uma comédia «Taking Off» dá-nos uma visão caricatural (a caricatura que nós somos a maior parte das vezes) de duas mentalidades opostas, que não têm nada em comum a não ser a mesma necessidade de viver e uma grande incapacidade de concretizar essa urgência. Isto, claro, sem falar da frescura da realização e da música, perfeitamente elucidativa, que repassa todo o filme.

Entretanto, uma coisa me ficou, para além disso tudo: não há no «Taking Off», qualquer indicação de caminho, qualquer imposição do realizador em relação ao espectador. Depois de ver o filme, as conclusões a tirar ficam ao cuidado do espectador. Que, se fôr uma pessoa medianamente inteligente, tem mais do que os dados necessários para «topar a jogada». Um dos melhores filmes que vi ultimamente.

NUNO GOMES DOS SANTOS

A CRUZ AO CALVÁRIO

Primeiro os factos. Há meia dúzia de dias, subia eu pacatamente a rua do Carmo, quando dos altifalantes de uma conhecida discoteca começou a sair a voz «recauchutada» de António Calvário. Ouvia-se claramente, a amplifi-



A DIVINA CELESTE

Era uma bela moçoila que servia, à mesa num restaurante do Bairro Alto. Isto há anos. Naquela época, organizavam-se expedições marialvescas só pelo prazer de se ser atendido pela rapariga linda. Depois a rapariga casou-se, desapareceu das miras cobiçosas e quando reapareceu era o que se pode chamar uma cozinheira de primeira ordem. Comer é um hábito cultural português da maior importância. E quando os pitéus são preparados com a tradicional competência portuguesa, a importância do hábito aumenta. Vocês precisam ir ao Mercado da Primavera e pedir à Celeste Machado uns pintainhos à Manhiça, uma dobrada com todos, um caldo

verde, uma sopa dourada. Tudo regado com o excelente vinho tinto da casa e ao som da bandinha que se afadiga no coreto para estimular o apetite do respeitável público. A Celeste não tem mãos a medir: ela mesma prepara os pintadinhos, com a eficiência que já lhe valeu viagens especiais a Londres para tratar de repastos diplomáticos. Vocês desculpem que eu não vos fale de Lorca, Ibsen, Fernando Lopes, Renoir e outros temas de actualidade, mas esta semana achei que o grande assunto cultural era a Celeste soprando artesanamente no fogo os seus pintadinhos.

ARMINDO BLANCO

cação era boa e o resto, como de costume, inqualificável. E eu convencido de que os «mortos» não cantavam...

Nessa mesma noite liguei o rádio e durante a emissão do «Tempo Zip» assisti à «autópsia» do cançonetista feita pelo «bistúri» impiedoso de Joaquim Furtado. Em determinada altura, referindo-se ao cinema português, o criador de «oração» afirmou, mais ou menos o seguinte: «O cinema que se faz agora é pior que o que se fazia antigamente. Não é por eu ter feito um papel lá, mas acho que os «Sariños de Fraldas», foi um dos melhores filmes que a gente teve».

Interrogado sobre os poetas que conhecia, Calvário disse: «Sabe, não ando a par dessas coisas. Leio muito pouco. De poetas não me lembro assim de nome nenhum».

O trabalho radiofónico de Joaquim Furtado estava tão bem construído, que não foi preciso muito para degenerar em massacre, a debilidade mental do cantor tinha na realidade muito mais a ver com ele próprio do que com o povo a quem julga dirigir-se.

No dia seguinte, em serviço de reportagem no Parque Mayer encontrei as paredes dos teatros e dos cafés repletas de cartazes: «Festival Calvário no Mayer Cinema». Abalado pela ofen-

siva (em todas as frentes?) Recordei-me ainda, por momentos, das declarações do cantor ao vespertino «A Capital» na altura em que regressou duma «tourné» pela província.

Apresentados os factos passamos às perguntas.

Que significará esta súbita ressurreição? Quem a promove? A quem se dirige? Até que ponto será ela a consequência de um estado de coisas a toda a hora agravado?

Inútil será dizer que a culpa de Calvário é reduzida. Dele pouco se pode exigir, como o demonstram as respostas a Joaquim Furtado. Responsáveis são os que dele se servem para promover a apatia e a sonolência colectivas.

Depois disto não venham dizer-me que foi o povo que escolheu. Isso é história estafada.

JOSÉ JORGE LETRIA

A «REGRA» PERSISTENTE

Não, não vou aqui falar da arte de Renoir como mestre quase inigualável (sempre há o Eisenstein e o Visconti) da imagem articulada. Nem do seu sensorialismo, da sua voluptuosa alegria, tão patente na *Partie de Campagne* (onde reencontramos a pintura de seu pai, Auguste Renoir, a carnção rósea das baigneuses, os verdes azulados de uma paisagem de festa, palhetada de sol... Mas não é ainda isso. Nem o grande sopro épico de *La Marseillaise*, a adesão de Jean Renoir à marcha sobre Paris, à gesta do povo à conquista da sua cidadania. Não, hoje só quero falar aqui do que há talvez de menos aparente e de mais sério, ou mais agudo, como denúncia, em «A Regra do Jogo», que não é sequer o sistema de regras que governa o mariposeio amoroso entre as chamadas pessoas bem-nascidas ou bem providas de cabedais, *les gens du monde*, esses que sabem ordenar jantares e dar ordens (dá-las até com gentileza). A outra regra, a regra tristemente persistente, é a da subordinação (que nada tem a ver — e como isso é demonstrado! — com qualidades potenciais e efectivas) dos produtores aos ociosos.

Claro que o mundo de 1972 não é já o do fim dos anos 30. Pois não. Mas essas relações de dependência subsistem. Olhe-se bem de frente para a França da Quinta República, antes e depois de De Gaulle. É certo que os tecnocratas substituíram, ao leme de muitas empresas, os herdeiros tradicionais. Mas, na cúpula, os «herdeiros» continuam. E, quanto aos tecnocratas, vamos lá com Deus, ou sem Deus, vestiram os hábitos do próximo antigo regime, em jeito tão casquilho e despreocupado como o dos «leões» do Directório sobre as cinzas de 89. Não será assim?

URBANO TAVARES RODRIGUES

A ESTREIA DE RITA

Vamos ter muito em breve «Um Inimigo do Povo» entre nós, e assistir à estreia de uma nova actriz. Num país de «improvisos» — onde tantos de nós, eu incluída, nos improvisamos actores só por sentirmos um certo jeito, e depois amargamos com a dura experiência de um palco em cima do qual temos que aprender tudo — isso não é de facto novo.

Aguardemos, pois, mais esta estreia com a esperança de que «o caminho do teatro» seja «o seu caminho», e não apenas uma experiência. E ele precisa de «gente», de muita gente com vontade de singrar, de aprender, de vencer com inteligência, com conhecimento, com amor; precisa, sobretudo, de espíritos lúcidos que compreendam bem tudo o que ele pode oferecer, enriquecendo-nos, e contribuindo para o enriquecimento dos outros.

Esperemos, pois, de Rita Whanon «o melhor», isto é, toda uma «abertura» e uma humildade serena em relação ao muito que teremos sempre que ir aprendendo, se escolhermos, de facto, esta dura mas maravilhosa profissão.

ISABEL DE CASTRO

NÃO SEJA QUADRADO: VÁ AO SATELITE VER O RENOIR.

"DL"/ESPECTACULOS

GENTE

RAQUEL WELCH NÃO SABE MENTIR

RAQUEL WELCH é, para a América, o símbolo do sexo. Tal como foi JANE RUSSELL, que abandonou a carreira de «devoradora de homens» para se ocupar da difusão da religião metodista; tal como HEDY LAMARR, que apareceu na tela, pela primeira vez, completamente nua, no filme EXTASE, e que, recentemente, veio a ter o nome nos jornais porque, cleptomana, foi apanhada a roubar num supermercado. Tal como RITA HAYWORTH que, há trinta anos era uma beleza sem rival, e que só agora, aos 54 anos, vive um período de paz: parece que deixou de beber, e que o seu longo convívio com Gary Merrill, ex-marido de Bette Davis, se reveste da maior tranquilidade. Voltando a Raquel Welch torna-se necessário dizer que a actriz é extremamente hábil em se promover publicitariamente, tanto mais que, depois de se ter divorciado de Pat Curtis, já não dispõe de um agente particular. Primeiro, compareceu à cerimónia da entrega dos Oscars com um vestido tão decotado que os fotógrafos correram logo a tirar centenas de «flashes». Deve acrescentar-se que, entretanto, JANE FONDA, premiada com o Oscar para a melhor actriz protagonista, se deixou estar a um canto, com os seus cabelos castanhos naturais, a camisola de gola alta e sem sombra de maquiagem. Raquel, depois, tentou um golpe baixo, mas o truque foi imediatamente descoberto. Fizera espalhar por todo o mundo uma fotografia em que a pobrezinha aparecia com um braço engessado, com a seguinte legenda: «A famosa actriz Raquel Welch, que se recusa a utilizar uma «dupla», decidiu fazer um número difícil em patins, durante as filmagens da sua última película, dedicada a uma estrela da patinagem. Raquel fracturou o cotovelo». Deu-se, porém, o caso de 15 dias depois a estrela ter aparecido em público sem o mais pequeno arranhão. Duas hipóteses: que tenha inventado tudo, e sem grande jeito, ou, então, que os seus ossos tenham uma estrutura especial, coisa que muita gente é levada a crer, dada, digamos, a carroçaria a que servem de apoio.

DINO DE LAURENTIS, segundo dizem, teria sido forçado a interromper as filmagens da sua nova película sobre o caso Valachi (o famoso gangster que, pela primeira vez na história da delinquência organizada americana, revelou todos os pormenores sobre as várias associações criminosas),

porque a produção teria recebido uma série de ameaças telefónicas. Isto, porém, no decurso dos trabalhos realizados nos Estados Unidos. Um porta-voz da casa produtora De Laurentis desmentiu a atoarda, afirmando que as filmagens nos Estados Unidos, da película interpretada por CHARLES BRONSON tinham terminada muito simplesmente porque deviam iniciar-se outras, muito menos dispendiosas, nos estúdios cinematográficos de Roma.

NINA VAN PALLANT, a cantora norueguesa de que todos os jornais americanos se ocuparam durante o «caso Irving», estreou-se em Nova Iorque. Durante o processo em que o escritor Clifford Irving foi acusado de falsificação por ter publicado um livro sobre o milionário Howard Hughes e tê-lo apresentado como uma «autobiografia», foi de grande



Raquel Welch



Charles Bronson



Rita Hayworth

relevância o testemunho de Nina Van Pallant. O escritor foi condenado e a sua acusadora tornou-se famosa. O seu primeiro recital foi dedicado a Howard Hughes. Que delicadeza!

MOHAMMAD ALI, isto é, Cassius Clay, terá ganho juízo? O pugilista admitiu, no decurso de uma conferência de imprensa, ser «demasiado falador e isento de bom senso». «Se me tivesse calado, hoje seria milionário. De facto, há coisas justas que é bom dizer, mas no momento oportuno. Eu, porém, não tive a habilidade de escolher o local e as pessoas com quem falar». Admitido isto, Cassius Clay rematou assim. «Agora que compreendo todas estas



Twiggy no filme «The Boy Friend»

coisas, sou o que se pode dizer perfeito. Sou, de facto, forte e belo como há vinte anos, mas tenho a inteligência de sempre e o bom senso dos trinta. Em suma, sou mesmo perfeito». Nenhum dos presente teve dúvidas neste ponto. Mohammad Ali continua a ser o fanfarrão de sempre.

TRICIA NIXON COX, filha mais velha do presidente dos Estados Unidos, ofereceu uma festa na Casa Branca. Entre os convidados encontrava-se Lucy Johnson, filha mais nova do ex-presidente americano. O filho desta última, Patrick, de quatro anos, a certa altura desapareceu. Preocupação geral e busca afanosa nas muitas salas da Casa Branca. A

criança foi, por fim, encontrada: estava sentada à mesa presidencial, tranquilamente instalada na cadeira de Nixon, e já conseguira fazer ir pelos ares uma pasta com documentos. Isto da política é uma coisa que se traz no sangue...

RONALD REAGEN, governador da Califórnia, ex-actor e grande conquistador, afirmou que voltaria ao cinema: «Porque estou certo de que, uma vez feito o filme, me dão um Oscar. Porque é que só o meu amigo George Scott o pode ter? Eu também teria interpretado muito bem o papel de Patton». Uma modestia exemplar

TWIGGY, o famoso modelo que em 1966 e 1967 criou

o estilo «mocinha subdesenvolvida», regressa à ribalta mas como intérprete de um filme. Mais gorda e bela é, como se sabe, a protagonista de «The boy-friend», de Ken Russell. Twiggy canta, dança, sorri e até representa bem. Irá, dentro em breve, a Moscovo, para apresentar o filme. Que acolhimento lhe fará a Imprensa soviética, que, há três anos, a estigmatizou com as seguintes palavras: «Um produto típico da decadência capitalista»?

MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS HIDRÁULICOS

Direcção dos Serviços
de
Aproveitamentos Hidráulicos
DIVISÃO DE OBRAS

PLANO DE DEFESA, CONSERVAÇÃO E REGA DA BACIA HIDROGRÁFICA DA RIBEIRA DA VILARICA

CONCURSO PÚBLICO PARA ARREMAÇÃO DA EMPREITADA DE CONSTRUÇÃO DA BARRAGEM DO SALGUEIRO E ÓRGÃO DE SEGURANÇA E UTILIZAÇÃO DA ALBUFEIRA

Anuncia-se que até ao dia 27 de Junho de 1972 se encontra aberto concurso público para arrematação da empreitada acima referida.

O acto público do concurso realizar-se-á pelas 15 horas do dia seguinte ao anteriormente indicado, na Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos, situada em Lisboa, na Rua de S. Mamede (ao Caldas), n.º 23.

— DEPÓSITO PROVISÓRIO: 250 000\$00.

— Alvarás exigidos aos concorrentes:

II categoria ou sua 4.ª subcategoria e classe ou subclasse correspondente ao valor da proposta.

O projecto, o caderno de encargos e o programa de concurso poderão ser examinados na Divisão de Obras da Direcção dos Serviços de Aproveitamentos Hidráulicos, situada em Lisboa, na Rua de S. Mamede (ao Caldas) n.º 23, em todos os dias úteis e nas horas de expediente.

Lisboa, em 10 de Maio de 1972.

O ENGENHEIRO
DIRECTOR-GERAL

(a) Armando da Palma Carlos

FUSÍVEIS
TIPO ROLHA

JF
J.F. DE AZEVEDO E SILVA & C.ª, L.ª
TEL. 654165 * LISBOA

UM ÊXITO EDITORIAL
PROF. CHRISTIAAN BARNARD
"COMO DEFENDER
O NOSSO CORAÇÃO"

CUPÃO-ENCOMENDA

Preencha em letra de Imprensa e remeta ao Apartado 2224 — LISBOA 2

Desejo que me enviem contra-reembolso para o nome e endereço a seguir referidos o livro do prof. Barnard, «Como defender o nosso coração». Pagarei 60\$00 mais as despesas do correio.

Nome

Morada

Localidade Assinatura dl

cupão de inscrição

N.º

NOME

MORADA

TELEF.

LOCALIDADE

DIA DO NASCIMENTO

DE

DE 19

PROFISSÃO OU ACTIVIDADE



Recorte este boletim, preencha-o com letra bem legível, junte uma foto de busto e outra de corpo inteiro (a preto ou a cores) e envie para «Diário de Lisboa» — Teen-Agers — Rua Castilho, 185-1.º — Lisboa 1



A PRINCESA DAS "TEEN-AGERS"

Filha de artistas entre as candidatas

Quando a Rita deu conta estava inscrita como candidata à eleição de Princesa das «Teen-Agers» Portuguesas. A iniciativa partirá do irmão e dos amigos que enviaram o boletim sem conhecimento dela. Para conseguirem as fotografias foi um pouco mais difícil. Mas arranjaram também solução. Pediram-lhe emprestada uma bela fotografia dizendo que era para mandarem fazer um «poster». Rita não suspeitou de nada e acedeu ao pedido.

De minha livre iniciativa não queria concorrer. Foi o meu irmão que me pediu as fotografias e mandou-as para o «Diário de Lisboa», dizendo-me que eram para fazer um poster. Mas não fiquei muito zangada porque gostava de concorrer mas, por minha alta recreação, não o faria. Não tinha coragem... Isto não significa que eu seja uma pessoa inibida. Pelo contrário, vivo o mais independente possível dentro da obediência que devo à minha mãe.

Maria Rita Curado Ribeiro é



Maria Rita

o nome completo desta jovem, uma das últimas inscrições recebidas pelo «DL» para o concurso da eleição da Princesa das Teen-Agers Portuguesas. Como o seu nome deixa adivinhar, Rita pertence a uma

família de gente de teatro. O pai é o actor Curado Ribeiro e a mãe a actriz Maria José, ainda recentemente ligada ao Teatro Experimental de Cascais.

O Irmão — António Semedo — é um dos jovens actores do mesmo teatro. Além disso também canta e, provavelmente, interpretará algumas canções na peça D. Quixote, que a Casa da Comédia projecta em breve levar à cena. Rita é, porém, uma excepção à regra, nesta família de gente do teatro, e tem projectos diferentes para o seu futuro.

Gosto muito de dançar e cantar. Temos até um grupo e, por brincadeira, vamos cantando. Talvez dentro em pouco comecemos mais a sério. Mas o meu grande sonho não é esse. É ir para as Belas Artes e tirar Pintura, para depois me dedicar a decoração. Sei muito pouco de pintura mas gosto e isso dá muita força para se conseguir fazer um curso.

O SONHO

Rita confessou que a ideia de poder viajar foi aquilo que mais a atraiu neste concurso.

É um dos meus grandes sonhos. Gostava de conhecer o Oriente e a Itália. Para não fugir à regra gostava também de ir a Inglaterra.

Qual a razão desse grande interesse das jovens portuguesas pela Inglaterra?

Talvez sejam as mesmas razões que levam a minha mãe, quando tinha a minha idade, a desejar conhecer a França. Mas eu quase não tenho preferência. Gosto de viajar e de conhecer tudo.

Rita acha que as jovens da sua idade são todas mais ou menos iguais. Algumas com uma aparência um pouco mais snob outras não.

Mas no fundo todas gostam de brincar com bonecas. Miúdas é o que somos. Mas ao perguntar-me o que penso da minha geração responderei que somos muito bons mas no futuro haverá muito melhores.

Apesar de não ter sido ela a enviar o boletim de inscrição Rita confidenciou-me sempre ter alimentado o desejo de concorrer ao título de Princesa das «Teen-Agers» Portuguesas, mas antes tinha um namorado que não estava de acordo.

Concorrer é para mim uma experiência agradável que não me fará vaidosa. No ponto de vista intelectual também não me prejudica. Pelo contrário é um passo para conhecer mais gente.

O REUMATISMO

Continuação da pág. 2

caminhão, o Sr. B. sente no ombro uma dor, não muito forte, que o fez lembrar da luxação que sofreu no tempo em que praticava desporto.

Durante a viagem, sentado ao volante, sente-se pior com o ar gelado que entra por uma fresta da janela. Ao chegar à cidade onde vive, desce do caminhão lentamente, o ombro duro e dolorido. Reumatismo muscular — diagnóstica o médico no dia seguinte, mandando-o recolher ao leito. É mal comum e antigo, que pode afectar qualquer músculo do corpo. Companheiro de vários tipos de dor nas costas, dor nas costelas, bursite e outros padecimentos musculares. No outro Inverno, o Sr. B. será posto em viagens mais curtas, embora contrariado, pois a mudança representa diminuição de rendimento.

A Menina E. estivera um tanto doente, várias vezes durante o ano e o patrão concedera-lhe mais uma semana de férias para que pudesse descansar. Secretária de um escritório de advocacia movimentado de uma grande cidade da França, é membro muito estimado do pessoal, não só porque escreve muito bem à máquina, mas também por ser, em geral, paciente e conformada. Ultimamente porém, a Menina E. tem tido problemas com a dactilografia por causa da inchação das articulações médias dos dedos de ambas as mãos. Habitualmente, no entanto, a falta de agilidade dos dedos começa a desaparecer, após cerca de uma hora de exercício à máquina e ela pode trabalhar sem dificuldade durante o resto do dia.

O CONTROLO

O médico que a examinou perguntou-lhe se estava a emagrecer e ela admitiu que sim. Durante a conversa geral, veio também à tona a informação de que ela se mudara do interior para a cidade depois do rompimento de um noivado. Estava-se a adaptar ao novo emprego quando lhe parecia e a receber trabalho de responsabilidade crescente. Após exame muito cuidadoso, o médico diagnosticou artrite reumatóide.

Teve o cuidado de assinalar, porém que, com as técnicas modernas, a pessoa pode «controlar» a doença, aliviando assim, consideravelmente os seus efeitos. De facto, no caso desta doente, o mal não progrediu e agora desapareceu completamente.

O Sr. F., o último do nosso grupo de pacientes, é chefe de secção de uma firma grande que se ocupa de propaganda e relações públicas em Londres. Embora já tenha mais de 40 anos, ainda faz parte de um team de rugby local, e joga sempre que pode nos fins de semana. No mês passado, houve o jantar anual do clube e o Sr. F. comeu e bebeu bastante, por achar que um homem nas suas boas condições físicas poderia fazê-lo sem perigo. No meio da noite, porém, foi despertado por uma dor aguda no pé e compreendeu que estava prestes a ter mais um dos seus ataques regulares de gota. De manhã o seu dedo grande do pé esquerdo estava inchado, vermelho — escuro e extremamente dorido. Chamado o médico, este examinou não

só o pé do Sr. F., mas também duas pequenas saliências numa das suas orelhas e em seguida receitou uma semana de repouso na cama. A esposa sugeriu que talvez ele devesse deixar de jogar rugby, mas o médico que também praticara esse desporto, sacudiu a cabeça. Assinalou que pelo menos um atleta ganhou a maratona olímpica entre ataques de gota.

O meu pai também sofria de gota, contou o Sr. F. à esposa mais tarde com certo orgulho. E, já que mencionamos o caso, também Alexandre, o Grande, e Luiz XIV.

VÁRIOS TIPOS

Um dos pontos a assinalar no nosso grupo de pacientes fictícios é a variedade das doenças que representam (na verdade a variedade das doenças reumáticas é tão ampla que surgem dúvidas sobre a nomenclatura). As formas mais graves afectam as articulações do corpo — a osteoartrite e a artrite reumatóide são os exemplos principais. Mas um exemplo humano é causado pelos tipos não articulares, que afectam os músculos ou tecidos. Uma das fórmulas de reumatismo muscular está relacionada com a febre reumática, doença que pode deixar lesão cardíaca.

A causa exacta das doenças reumáticas é mistério que ainda não se desvendou. Não se descobriu até agora «microbio» de reumatismo, salvo o caso da febre reumática, associada à infecção estreptocócica das amígdalas, nariz ou garganta e o facto de que pode ocorrer o artrite com certas espécies de infecção específica, principalmente tuberculose e doenças venéreas. A hereditariedade pode ter influência e a Sra. N., por exemplo, apresentava pequenas saliências nas articulações das extremidades dos dedos que o médico prontamente identificou como nódulos de Heberden. Tais nódulos que se encontram com frequência nos casos de osteoartrite, são transmitidos genericamente e facilitam o diagnóstico. A inchação da articulação média dos dedos da Menina E. constitui, porém, sintoma de artrite reumatóide.

A vida insalubre e a habitação superlotada e húmida contribuem para o reumatismo. Na Holanda, foram encontrados sete casos de artrite reumatóide numa rua onde o chão das casas fica no mesmo nível da água durante o Inverno. Entre os pacientes de febre reumática de um hospital de Londres, muitos residiam antes a meia milha do Tamisa ou de outros cursos de água.

O reumatismo tem uma grande tendência para aparecer e desaparecer em seguida, o que o recomenda à preferência dos vendedores de medicamentos milagrosos. Muitos pacientes atribuem essas variações às modificações do tempo e tem-se comprovado que alguns podem fazer previsões meteorológicas bastante seguras. Um estudo científico realizado na Alemanha demonstrou que a incidência do reumatismo aumen- muito durante a passagem de ondas de calor ou de frio, mas principalmente quando o ar frio do Polo Norte desce até à Europa. Nessas ocasiões, a pele de

alguns pacientes passa, realmente, por modificações capilares, sinal de que o clima pode pôr em movimento um mecanismo fisiológico.

O ataque de gota do Sr. F. (doença que é uma forma de artrite) foi provocado por uma refeição pesada e, além da susceptibilidade hereditária mencionada pelo paciente, enquadrar-se no caso de um homem que gosta de viver bem. (As saliências na sua orelha são tofos, sintomas de gota. O médico examinou-os, porém para estar certo de que não eram as saliências que às vezes constituem sinal de artrite reumatóide).

Apesar da tradição popular, a gota não é doença apenas de gente rica pois que a classe social constitui somente um dos factores. Nos casos de gota, o organismo deixa de eliminar com a rapidez necessária ácido úrico do sangue, que se deposita nos músculos e nas articulações. Tem-se dito que o ácido úrico estimula a inteligência e faz com que o indivíduo progrida na vida, mas não há provas conclusivas dessa asserção.

Trata-se, no entanto, de ponto interessante, porque constitui indício da associação entre o reumatismo e as condições mentais do indivíduo, as suas preocupações, ambições e receios. A nossa fictícia Menina E. não tinha tido reumatismo porque romperia o noivado, mas a perturbação emotiva faz parte, frequentemente, dos antecedentes psicológicos dos portadores da doença. A sua maneira de ser paciente e conformada constituía também uma característica do quadro geral do caso. Relaciona-se frequentemente, o reumatismo com enfermidades psicossomáticas — uma dor ou rigidez, pode ser o resultado de preocupação ou tentativa de subconsciente de resolver um conflito emocional.

A procura das causas do reumatismo está também estreitamente ligada às ocupações. Algumas profissões estão fortemente associadas ao reumatismo e outras menos. As pessoas que levantam fardos pesados, como os carregadores, costumam sofrer mais cedo ou mais tarde dores nas costas.

É estranho, mas também uma pessoa de vida sedentária pode vir a ter o mesmo problema, se a almofada do seu carro é muito macia. Um homem que trabalha com um martelete de ar comprimido pode ter muito pouco em comum com um canteiro, mas ambos correm o risco de sofrer artrite das articulações de mão ou dos dedos. Os padeiros e os botequineiros sofrem, frequentemente, de artrite nas articulações do pé e os motoristas de autocarros, têm reumatismo no ombro. A lista é praticamente interminável e compreende trabalhadores braçais, estivadores, mineiros, porteiros, bombeiros, carteiros, e todos os indivíduos que estão expostos a esforço físico ou posição forçada inclusivo até jóqueis e dançarinos.

Em termos de custo social, as doenças reumáticas são, na verdade, fardo bastante pesado. O absentismo causado pelo reumatismo na Grã-Bretanha custa à indústria cerca de 16 milhões de dias de trabalho por ano ou quase três vezes o número de dias perdidos em greves durante um período médio de doze meses. Nos Estados Unidos essa perda atinge 100 milhões por ano.



UM GRUPO PARA CADA FIM:

LEVE
DURÁVEL
RESISTENTE
PRÁTICO
ECONÓMICO

- 02 Regas e jardinagem
- 14 Moto-bombas
- 20 Sucção pesada
- 22 Gasolinas e produtos químicos
- 26 Trasfega de vinhos (atóxico)
- 34 Protecção de cabos eléctricos
- 40 Aspiração industrial
- 42 Condutas de ar condicionado
- 46 Piscinas (flutuante)
- 480 Ar comprimido e pulverização

FABRICADO SOB LICENÇA
DE A.G. PETZETAKIS-A.S.
ATENAS

POR:



Heliflex Portuguesa, Lda

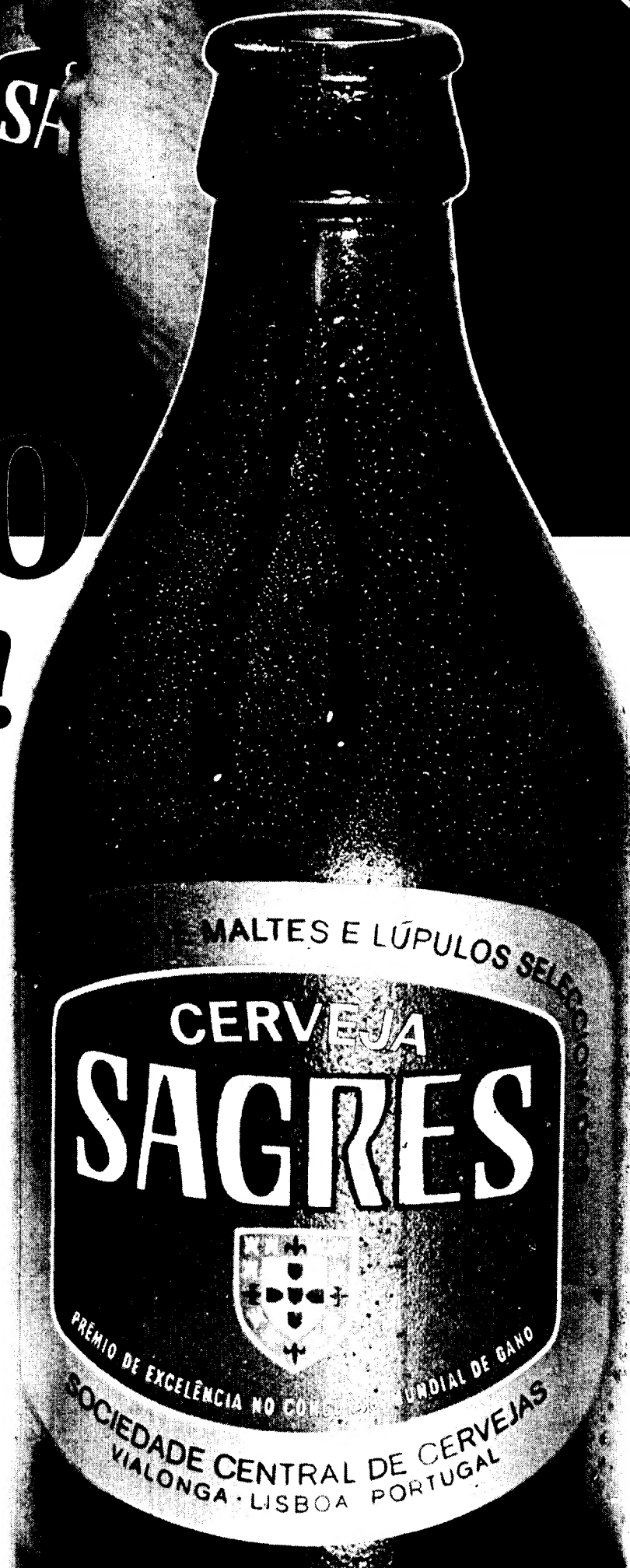
TUBOS FLEXÍVEIS

ILHAVO-AVEIRO - Telef. 24010 - Apart. 130
LISBOA - R. Conde de B. Roma, 12 D - Tel. 727271



obrigado pela sua opinião!

Este foi o rótulo que escolheu!
Em 1971 vestimos a sua Sagres de novo.
Foi para esse primeiro rótulo-e outros-
que pedimos a sua opinião,
como consumidor da cerveja Sagres.
Agora... um novo rótulo foi escolhido.
Escolhido por si.
Muito obrigado pela sua opinião!
Na realidade, escolheu o melhor.
O que melhor se harmoniza com a sua Sagres.
Nele estão sintetizados a riqueza de gosto
e a vida viva da Sagres: na sua moldura
de ouro, na cor vermelha em que se inscreve
a marca da sua cerveja.
Pela sua colaboração muito obrigado.
**Durante algum tempo encontrará no mercado
a sua Sagres vestida de três maneiras diferentes.
Mas sempre a mesma alta qualidade
e rigorosamente o mesmo produto.**
Mais uma vez, muito obrigado pela sua opinião!





Caminhões militares conduzem os refugiados



Civis em fuga na região de An Loc

VIETNAME DO E DA

Por
YES-GUY
BERGER
«Gama»
«DL»

Ao atacar em três pontos na sua ofensiva de Primavera, os norte-vietnamitas fizeram-no com extraordinária violência. A força de a esperar, já ninguém acreditava nesta ofensiva, a qual, pela sua intensidade como que recomeça a guerra da Indochina. O seu objectivo fundamental, sem conjecturar sobre outros, foi já portanto, atingido: dramatizar a situação e levar o mundo a acorrer á cabeceira do seu doente crónico - o Vietname.

Na verdade, o mundo inteiro, por razões diversas, interessa-se por aquilo que se vai passar. O mundo inteiro excepto uma cidade: Saigão. A população da capital sul-vietnamita parece, efectivamente, desinteressar-se da sua sorte. A invasão comunista parece que lhe não diz respeito. No mercado e nos cafés ninguém fala dela. Os quarenta jornais expostos sobre os passeios não têm mais ou menos leitores do que anteriormente. A rádio continua a transmitir melodias xaroposas e a rua vibra com o zumbido das «Hondas». Filmes chineses, engarrafamentos, actividade frenética e, contudo, descontraída, a vida desenrola-se como habitualmente, inteiramente dedicada ao pequeno comércio e aos pequenos prazeres.

A RECTAGUARDA

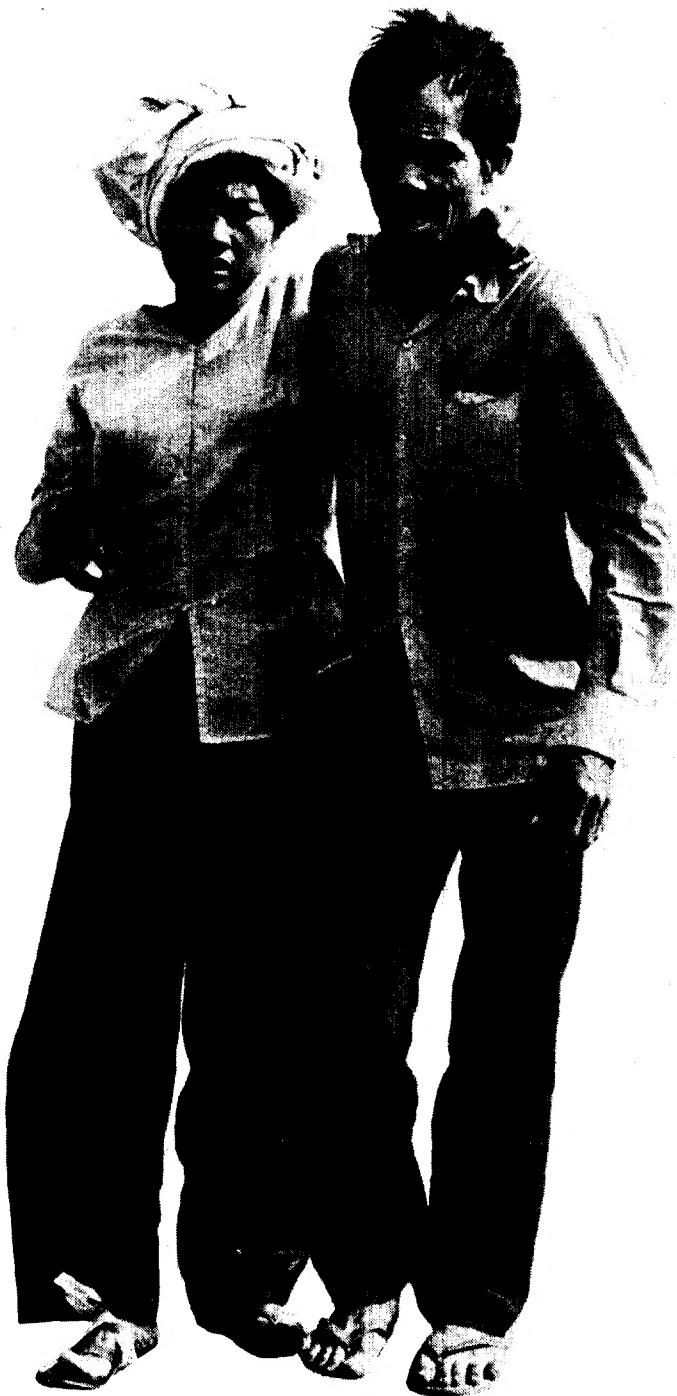
A censura restabelecida contribui mesmo, ao limitar as informações ás notícias oficiais, para afastar o espectro de uma guerra que toda a cidade recusa com uma poderosa força de inércia. São poucos os que prestam atenção ao facto de as explosões surdas, de noite, se tornarem mais frequentes e talvez mais próximas. As sentinelas, de uniforme camuflado, protegidas por um curioso escudo de vime, são mais numerosas nos pontos estratégicos. O Senado e a Assembleia decidiram provar a sua existência protestando contra a violação das fronteiras. O Presidente Thieu multiplica as declarações lúcidas e alarmantes, que se fosse jornalista, seriam certamente proibidas. É tudo. A única manifestação da semana agrupava cerca de trinta jovens.

Os habitantes de Saigão casados de trinta anos de guerra, encontram-se completamente «despolitizados». Saigão, convém não esquecer, e a rectaguarda. Em relação ás zonas dos combates é um pouco o que Perpignan era para Verdun em 1916. Aonde será, portanto, necessário ir para encontrar a inquietação? Nas estradas, em redor da cidade, os comboios de munições e os transportes de tropa são mais numerosos do que anteriormente, mas afogam-se na massa dos carros particulares, dos autocarros pintados de várias cores, dos camiões e dos mini-autocarros, descuidadamente submetidos a buscas de rotina. Ao longo para o Sul subsiste ainda uma impressão de segurança total, para a qual contribui a exis-

tência de alfaias agrícolas e antenas de televisão. Será que estamos num país em guerra que se prepara para resistir aos invasores?

Existem na realidade, três

ram os dólares e aquele onde caíram as bombas. O Vietname onde caíram os dólares é o das planícies e das cidades, pacificado pela irrigação das piastras, cuja jóia é o delta. A circulação é aí intensa, o comércio próspero e a agricultura



Cada qual foge como pode. A população rural sul-vietnamita, despolitizada, não se levanta em massa como o Vietcong esperava

Vietnames. O Vietname do Norte, comunista, e dois Vietnames do Sul: aquele onde caí-

ra compensadora. A sua divisa é: «Enriqueci por todos os meios», sendo certo que semelhante método constitui a melhor barragem anticomunista que se possa imaginar.

O Vietname onde caíram as bombas é a região das montanhas e das florestas, zona de insegurança mal controlada pelas tropas governamentais em virtude do seu difícil acesso. Quanto mais alta ou mais densa, mais sujeita à influência do vietcong. O comunismo começa a 500 metros de altitude, ou esconde-se sob o arvoredo. Nas zonas revelam-se no controlo de uma população muito dispersa e sofrida.

É este o Vietname, amarelo de dia e vermelho de noite, que se mostra na televisão. Difícil-



SURDOS

CASA SONOTONE

Não vá para fora a ouvir mal. Podemos remediar o seu problema. Faça um exame audiométrico que é gratuito, sem compromisso algum, e verá os resultados que obtém, ouvindo perfeitamente. Temos as últimas novidades em aparelhos de bolso, atrás da orelha, brinços auditivos, Laringes Electronicas, pilhas de todas as voltagens. Facilitamos o pagamento. Assistência permanente em Lisboa e na Província a todos os aparelhos, sejam vendidos por nós ou não, de qualquer marca. Visitem-nos sem hesitar, e desde já os nossos agradecimentos.

MODELO 685 U

Em Lisboa, Poço do Borratém, 33, s/l. Telf. 868352
No Porto, Praça da Batalha, 92-1.º. Telf. 02-35602
Em Luanda, R. Ant.º Enes, 42-2.º. Apartamento 26

Rodrigo Ferreira dos Santos Maia

MISSA DO 1.º ANIVERSÁRIO

Sua mulher, filhos, nora, genro, netos, irmãos e mais família participam que amanhã, dia 15, às 12h15, na Igreja Paroquial de Santo António das Antas (Porto), será celebrada missa pelo eterno descanso do seu saudoso extinto, agradecendo, desde já, a todos quantos se dignarem participar neste piedoso acto.

Porto, 14 de Maio de 1972.

LITOGRAFIA MAIA

MISSA DO 1.º ANIVERSÁRIO

Vem por este meio comunicar que amanhã, dia 15, às 12h15, na Igreja Paroquial de Santo António das Antas (Porto), será celebrada missa pelo eterno descanso do seu saudoso sócio fundador, Sr. Rodrigo Ferreira dos Santos Maia, agradecendo, desde já, a todos quantos se dignarem comparecer neste piedoso acto.

Porto, 14 de Maio de 1972.

ÁRVORE MÁGICA



CAR-FRESHNER CORP.
WATERTOWN - U. S. A.

NOVIDADE EM PORTUGAL

PURIFICADOR DE AR

para casa e automóvel

1-2 meses de efeito
simples · decorativo
apreciado em todo o mundo

À VENDA NOS BONS ESTABELECIMENTOS

Representantes exclusivos:

CREFAR-R. DA MADALENA, 193-LISBOA

OS DÓLARES E AS BOMBAS

mente vulnerável mesmo para a aviação, os rebeldes multiplicaram, ali, durante anos, os esconderijos e as pistas. Ignorando as fronteiras, é directamente ligado por um complexo de comunicações ao tronco comum das pistas Ho Chi Minh, que serpenteiam através do Sul do Laos e do Nordeste do Camboja.

Um dos objectivos da actual ofensiva, é despertar a sua passagem as unidades rebeldes que aí hibernavam havia meses. Foi assim que as duas divisões norte-vietnamitas que ameaçam Hué, na província de Thua Thien, puderam ser reforçadas na sua manobra de cerco por uma terceira divisão comunista que se encontrava estacionada, havia vários meses, nas montanhas de Quang Nam, cerca de sessenta quilómetros mais ao sul.

Este domínio das regiões fronteiriças e montanhosas, não apenas do Vietname, mas também de toda a antiga Indochina, jamais foi seriamente contestado pelas tropas regulares, e os mais violentos ataques dos bombardeiros gigantes nunca conseguiram afectá-lo. É ele que permite actualmente ao comando norte-vietnamita, após uma longa e secreta preparação, abrir simultaneamente, em diversas regiões, frentes verdadeiras ou simuladas que fixam as tropas

equipamento comunista é uma prova disso - foi sólidamente organizada, sendo difícil imaginar um homem como Giap (o vencedor de Dien-Bien-Phu, actualmente ministro de fôrça mal colocado e perder a guerra num Trafalgar terrestre onde as suas melhores tropas se fariam massacrar pelos B-52).

Convém acrescentar que a sorte da guerra ainda não foi decidida e o domínio das regiões florestais e montanhosas pelos comunistas é compensado, por ora, pelo domínio das cidades, das planícies e das principais vias de comunicação pelas forças aliadas. Há, sobretudo, que contar com o trunfo esmagador - é esta a palavra exacta - das forças aéreas americanas, reforçadas ainda neste últimos dias pelo Presidente Nixon. (Uma armada de 100 B52 cuja carga útil é de 30 toneladas de bombas cada uma é actualmente utilizada sempre que as condições do tempo o permitem.)

O POVO

Todavia, este trunfo tão precioso, quer pela sua potência de fogo, quer pela sua força de dissuasão, não terá de qualquer modo o mínimo efeito sobre aquilo que deveria ser logicamente a segunda fase da operação: o levantamento pro-



No rosto desta criança todo o drama de guerra

dos, tais como os refugiados católicos de 1954, seriam de qualquer modo extremamente difíceis de absorver.

É, portanto, lícito pensar que os militantes da Frente de Libertação terão de suportar a mesma passividade indiferente a que o governo de Thieu tem de fazer frente. Será, em todo o caso, a ocasião de pôr à prova a sua influência sobre a população e mesmo a sua existência, dado que ninguém sabe actualmente se obedecem a ordens draconianas ou se as suas redes foram desmanteladas.

INQUIETAÇÃO

Até onde pode evoluir a situação? Parece, embora se trate da primeira ofensiva convencional da guerra, que o objectivo não é a conquista militar do território. Ganhar terreno com vista à negociação tem de certo o seu preço. A operação, porém, foi sobretudo preparada para coincidir com a campanha eleitoral americana. O objectivo é forçar Nixon a fazer regressar tropas americanas para salvar o exercito sul-vietnamita da derrota - o que, considerando o estado de espírito da maioria dos seus compatriotas, lhe custaria certamente a sua reeleição - ou a negociar numa posição de fraqueza. Estas negociações poderiam, como por acaso, realizar-se em Moscovo, em 22 de Maio, aquando da visita oficial do Presidente, e não em Paris, por uma retomada eventual de conversações que já não passavam há muito de uma montra vazia.

Todavia, se o exercito sul-vietnamita, abalado pelas primeiras derrotas fosse de esmagamento em debandada e de debandada em pânico, seria um erro contar com a moderação dos comunistas.

Trata-se, porém, de uma hipótese extrema que tem poucas probabilidades de se verificar. O vento pode muito bem mudar de direcção. É preciso não esquecer, com efeito, que as Forças Armadas de Saigão, são actualmente, tanto pelos seus efectivos como pela qualidade do seu armamento, o primeiro exercito da Ásia. Bem treinadas, as suas unidades de elite (para-quedistas, fuzileiros navais, rangers) provaram muitas vezes a sua combatividade. Os seus oficiais, muitos dos quais são católicos refugiados, são capazes e experimentados. Finalmente, conta com a maioria da população.

Trata-se, porém, da primeira vez em que se encontram empenhadas sós, na sua totalidade, no seu próprio território. Por esta razão, os americanos os observam com a inquietação.

Resta acrescentar que a pro-

va de força em que as duas partes estão empenhadas é decisiva. É a hora da verdade, um teste, para as duas partes da combatividade das suas tropas e da competência do seu comando. Que o exercito de Saigão conheça o seu Junho 40, e o oportunismo das multidões fá-las-á oscilar sobre o campo comunista praticamente sem condições. Que, pelo contrário, os blindados sejam detidos e obrigados a procurar refúgio do outro lado da fronteira - golpe mortal no prestígio de Giap - e a pessoa de Thieu ficará engrandecida por muito tempo.

Seja, como for, a vietnamização não está em causa e verificar-se-á aconteça o que acontecer. Trata-se simplesmente, de saber se é o Norte ou o Sul quem a levará a efeito.

ANÚNCIO

No dia TRINTA E UM do próximo mês de MAIO, pelas ONZE horas, no Tribunal Judicial desta comarca, e nos autos de carta precatória vindos do 6.º Juízo Civil da comarca de Lisboa e extraídos dos autos de execução de sentença que Amândio Gomes de Cargalho move contra João de Deus Lopes Gonçalves, casado, comerciante, residente em Pinheiro de Loures e Manuel Rodrigues da Cunha, casado, comerciante, residente na Azinhaga do Barrucho, em Odivelas, há-de ser posta em praça, pela primeira vez, para ser arrematada ao maior lance oferecido acima do valor adiante, digo, do valor indicado no processo, uma máquina de Fazer Café.

Loures, 24 de Abril de 1972
O Juiz de Direito, a) António Alexandre Pinto

O Escrivão de Direito, a) Manuel Freire Ferreira

VIAGENS 1972

VIAGEM AO JAPÃO

V CONGRESSO MUNDIAL DE ANESTESIOLOGIA
11/9 a 6/10

TOURS INGLATERRA

Londres
Londres — Edimburgo
Inglaterra — Escócia
Grande Tour da Grã-Bretanha

Cursos de língua inglesa
Descubra a Holanda
Sonho do Japão

— 4 partidas

TRANSNAUTICA

AGENCIA DE VIAGENS

F TURISMO

LISBOA

Rua Duque de Palmela, 35-37

PORTO

Rua de Júlio Dinis, 739

(Peçam-nos programas especiais)

Desperdiçar não é grandeza. Coloque as suas economias em objectos que valham.

GRANDE OURIVESARIA DA MODA

RUA DA PRATA, 257

TROCO

os seus móveis usados por novos, modernos ou de qualquer estilo. Grande variedade em exposição. Fabricação por desenhos. Facilidades de pagamento

ARMAZÉNS

DE MÓVEIS

JORGE

Avenida Almirante Reis, 35
(perto da igreja dos Anjos)

Tel. 83 21 61

COMEÇOU O FIM?

governamentais e absorvem as suas reservas.

A tática é clara e a última palavra está longe de ter sido dita. trata-se de dispersar o adversário, atra-lo a um local enquanto se ataca num outro, passeá-lo o mais que for possível e obrigá-lo a desguarnecer os sectores que se deseja atacar. A frente de Quang Tri, a de Kontum e a protecção de Saigão — tornada necessária pela presença a 140 quilómetros de capital, de três divisões norte-vietnamitas estacionadas do outro lado da fronteira cambojana — mobilizam já a totalidade das tropas do Presidente Thieu. O que acontecerá se uma outra divisão norte-vietnamita, estacionada na região de Kampot, tentar penetrar no delta? O que acontecerá sobretudo, se as forças norte-vietnamitas e «sihanoukistas», retomando a sua recente pressão sobre Phnom-Penh, forcarem o alto comando de Saigão á seguinte opção: deixar cair a capital khmère nas mãos dos comunistas ou render o exercito cambojano desmantelado enviando para o local duas ou três divisões?

A sorte do governo de Saigão é não ser certamente o único a enfrentar problemas de efectivos; mas a sua inferioridade manifesta reside no facto de só dificilmente poder, a partir de agora, tomar a iniciativa das operações. A invasão a espantosa qualidade do

gressivo da população civil - sem a qual o controlo da planície seria impossível - e o seu apoio activo ás «forças de libertação» pelos meios habituais: insegurança nas cidades e nas estradas susceptível de embaraçar os movimentos de tropas, atentados contra os mi-

litares, os «colaboradores» e os americanos que permanecessem no país, etc....

Sob este aspecto, as perspectivas não parecem favoráveis aos estrategas de Hanoi. Efectivamente, não restam dúvidas ao observador imparcial, de que a população do

Centro, e sobretudo, do Sul, não quer, na sua grande maioria, ser comunista. Nas suas motivações entram aliás, mais razões sociais do que políticas: temor de represálias, medo de um recuo do nível de vida, gosto reduzido da austeridade, etc...Certos núcleos sólidos,



Sul-vietnamitas respondem aos morteiros inimigos

Paris adoca Marlon Brando

Marlon Brando fez, no passado dia 3 de Abril, 48 anos, pois nasceu em 1924, em Omaha, no Nebraska. Não sabemos como festejou o aniversário, pois, estando em Paris a filmar «Último Tango», passou o dia enfiado no hotel. Desde que chegou à capital francesa, há dois meses não tem dado esperanças ou lugar a ilusões seja a quem for. Afirmou que não tencionava ver gente; no máximo, jantaria de boa vontade com André Malraux e Jean-Paul Sartre.

Em suma, Marlon Brando fez, até agora, tudo por alimentar a sua lenda. Mas quem o conhece bem garante que o verdadeiro Brando é muito diferente. E se agora se esconde com tanta fúria, se teima em não ver ninguém e foge literalmente quando se lhe fala em fotografia e entrevistas, é porque se sente envergonhado... Parece mesmo que afirmou: «Não é bonito ter quase cinquenta anos e ser actor e aparecer num filme completamente nu, com uma rapariga pela mão...»

O filme de Bernardo Bertolucci conta, de facto, a história de um homem de cinquenta anos que se apaixonou por uma mocinha, que não é o que se possa dizer uma mosca morta... Os dois abandonam-se às mais audazes experiências amorosas, sob o olhar atento da «camera», dirigida pelo realizador italiano.

Conta-se que a notícia, espalhada por alguns jornais franceses, provocou a curiosidade de milhares de mulheres. E tão mórbido fenómeno dura já há umas semanas, sem dar mostras de terminar. Há dias, a equipa tinha de filmar um «exterior no Boulevard de Grenelle. O trânsito foi bloqueado por centenas de mulheres e por pouco não se dava um encontro com a Polícia que

queria resolver o problema do engarrafamento. A graça estava em que Marlon não iria entrar nas filmagens, mas estava presente a «partenaire», Maria Schneider, a sua «amante», uma moça que terá aí uns vinte anos. As mulheres, amontoadas debaixo da ponte de Paris, tão querida de Maigret, não tiravam os olhos de cima da actriz para lhe descobrir nos lábios os sinais de fogo dos beijos de Marlon Brando.

Ao assistirmos a estes tumultos provocados pelo filme damos-nos conta de que Marlon Brando continua, apesar de tudo, a ser um símbolo do nosso tempo. E ao ver-me diante dele, de barba um tanto comprida, olhos escuros, a famosa boca amuada, a testa mais alta do que eu pensava e o corpo pesado, procurei descobrir o que é, de facto, este símbolo, o que é que ele esconde...

A meu lado, outros jornalistas: não muitos, uns três ou quatro. Os privilegiados. Porque Marlon Brando sublinhou e mandou dizer pelo seu agente de imprensa, Walter Alford, que estava disposto a responder a umas tantas perguntas, não muitas. E sem perda de tempo, por favor. Está cheio de sono. Não veste com esmero, tem até um ar descuidado. Não traz gravata, tem, debaixo do queixo, duas pregas de gordura. Aparecem-lhe uns pelos escuros, por fora da camisola. Senta-se no meio de nós e sorri.

«O senhor, normalmente, não quer nada com jornalistas. A que devemos, hoje, este privilégio?»

— Talvez se deva ao facto de ter acordado de bom humor... Mas não pense que não aprecio o vosso ofício. Os senhores também trabalham como eu. Aborreço-me, apenas, as pes-



Ele não quer ser um «macho-objecto».

soas que querem saber coisas da minha vida e depois as interpretam como muito bem entendem. Uma vez, por exemplo, um colega vosso fez-me contar a minha vida e quando soube que eu, aos quinze anos, tinha entrado para a Academia Militar de Shattuck, no Minnesota, julgou ter descoberto não sei que história e escreveu que o pacifista Marlon Brando era um ex-fascista, que tinha feito a guerra como voluntário e que tinha morto muitos japoneses, alemães, eu sei lá... Estive naquela academia, mas era um colégio como outro qualquer, e, na América, a maior parte dos rapazes frequentam tais institutos. Bem, agora escrevam que comeci imediatamente a discutir

e que armo em provocador. «Quanto a mim, os seus esclarecimentos foram extremamente importantes. Portanto, em vez de falarmos de política, falemos de amores. Quantos lhe têm sido atribuídos?»

— Acho que uma centena. Se tivesse amado todas as mulheres que dizem, teria passado nove décimos da minha vida a beijar, acariciar e o resto. Além disso, também fiz outras coisas, talvez menos obsessivas e prolíferas, mas nem por isso menos interessantes... Falemos claro. Casei-me três vezes. A primeira, com uma senhora que se chama Louise Castenada, de quem tive um filho. Depois com Anna Kashfi, não posso chamar-lhe uma senhora, e sabem bem porquê. Outro filho. Há dez anos, enfim, toda a gente sabe que a minha mulher se chama Tarita, uma polinésia da qual tenho dois filhos. Teiheoutou, de nove anos, e Tuni, uma menina de dois. Eu e Tarita conhecemo-nos em 1962, quando trabalhava em «Revolta na Bounty». Gostamos um do outro. É tudo.

Mas os amores que lhe atribuíram eram todos falsos?

— Já disse que sim, e espero que me acredite. Posso até revelar que a dar a mão aos vossos colegas ricos de fantasias se metiam os funcionários dos serviços de imprensa da minha firma produtora. Os senhores sabem como é que esses tipos funcionam. Se não sabem, não conseguem imaginar o que seja uma fábrica, bem organizada e eficiente, de «aldrabices»...

Não acha que tudo isso é o preço que se paga pelo êxito?

— Será... mas que preço! Pense só que escreveram sem piedade histórias sobre a minha família...

Era qualquer coisa que seria melhor não contar?

— Não era uma família perfeita, daquelas que se tomam como modelo. Meu pai era caixeiro viajante, minha mãe sonhava, com o êxito no teatro, que não conseguira quando jovem. Meu pai era um homem duro, difícil, frio; nunca gostei dele e acho que ele também nunca

sentiu nada por mim. Minha mãe era uma mulher terna, delicada, mas havia o teatro que a condicionava e quase se tornou a sua obsessão.

O senhor é um homem rico?

— Sou proprietário de duas casas, no valor de 15 mil dólares cada uma, de um automóvel que vale, hoje, cerca de dois mil dólares, de uma pequena conta bancária com cinquenta mil dólares... É tudo. O resto gasto-o, mando-o a Tarita...

Sabe que um jornal escreveu que o senhor, tornado «male symbol» com este filme, aos quarenta e oito anos de idade, aspira a tornar-se um «sex symbol»...?

— Era de esperar que se chegasse a isso... Penso que nunca fui um símbolo. Fiz sempre o meu trabalho com seriedade, porque gosto das coisas sérias e bem feitas. Passei do teatro para o cinema precisamente por isso, porque sabia que em Hollywood havia mais meios e se podia trabalhar melhor. Há vinte anos, os jovens queriam qualquer coisa diferente dos Stewart, Gable, Peck... e quando apareceu James Dean descobriram que aquilo que desejavam estava ali mesmo à mão, real e realizável. Apareceram, então, aquele tipo de filme e aquele tipo de personagem. Eu procurava distinguir-me. Nasceu, assim, a lenda do símbolo. Na minha idade, como o senhor muito

bem disse, quer que aspire a tornar-me um símbolo sexual? Não acha que me arrisco a tornar-me um actor de uma comicidade irresistível? Teillard de Chardin escreveu, uma vez: «O sentido da medida é a mais inumana das virtudes...»

Permite que continuemos com este tema? O que é que sente ao filmar completamente despido?

— Vejamos... Em primeiro lugar, sinto muito frio, porque os estúdios de Billancourt são bastante velhos, dizem-me que foram construídos em 1929, e o sistema de aquecimento funciona muito mal... Isto faz com que sintam uma fome terrível: como a meio da manhã dois ovos cozidos e uma «sandwich» de presunto. Depois, tenho muitas cócegas, e quando Maria Schneider se aproxima de mim e me passa os dedos pelas costas, sinto-me todo arrepiado e era capaz de começar aos saltos, por causa das cócegas. Mas não me devo mexer. Em vez disso, tenho de fingir uma paixão devoradora pela rapariga. Tenho de fazer um esforço sobre-humano para me não rir... Pois é, isto também é cinema. Acho que é justo que nós os actores sejamos tão bem pagos...

Mas não respondeu à minha pergunta...

— O que é que eu devia dizer: que estou convencido de que este tipo de filmes



Um galã atormetado à porta dos 50 anos

PIANOS VERTICAIS E DE CAUDA

ALUGAM-SE
Estabelecimentos
VALENTIM
DE CARVALHO
Comércio e Indústria, S.A.R.L.
95, Rua Nova do Almada, 99
LISBOA

LUSTRES

Fazemos novos, reparamos, transformamos ao gosto do cliente. Fábrica:
Av. 5 de Outubro 203-r/c.
Esq. Tel. 771639 (Ao Campo Pequeno).
VENDA AO PÚBLICO

MÉTODO ASSIMIL

Aprendizagem de Línguas por assimilação intuitiva.

Em discos microgravados, cassettes ou bobines

LIVRO DE TEXTO
LÍNGUAS ESTUDADAS:

INGLÊS
FRANCÊS
ALEMÃO
RUSSO
ITALIANO
ESPANHOL
HOLANDÊS
GREGO
PORTUGUÊS

REPRESENTANTES:

CUSTÓDIO CARDOSO
PEREIRA E C., SUC.

Rua do Carmo, 9 a 13
Telef. 324076 — LISBOA

ATLANTICA LINE

NEW YORK
BALTIMORE
BOSTON

o porta-contentores «Atlantica Genova» em 28 do corrente, para os mesmos portos e

ST. JOHN — MONTREAL — TORONTO

n/m. «Atlantica New York em 24 do corrente.

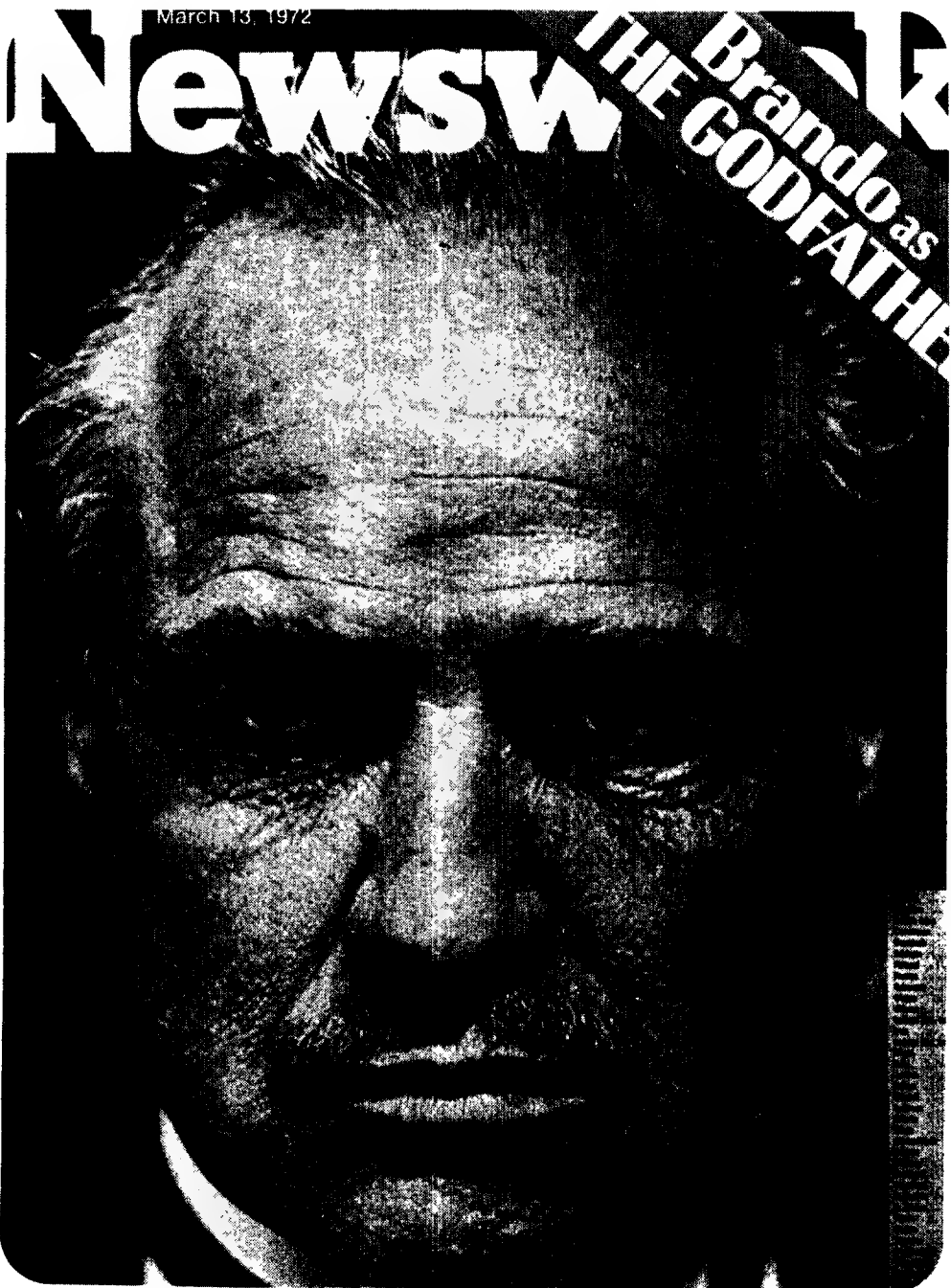
OS AGENTES GERAIS:

SOCIEDADE COMERCIAL
OREY, ANTUNES & CIA LDA.
PRAÇA DUQUE DA TERCEIRA, N.º 4 TEL. 380044 382286
LISBOA 2 PORTUGAL

AGENTES-NO PORTO:

SOCIEDADE COMERCIAL OREY, & BARROS LEITE, LDA.





Criação de Marlon em «O Padrinho» deu capa na «Newsweek»

melhora a sociedade, que castiga os padres da civilização de consumo?... Não, isso eram coisas que Herbert Marcuse escreveria há uns anos e já estão velhas e ultrapassadas...

Podemos falar de política?

— Se o senhor é uma pessoa bastante liberal, de acordo.

Que pensa da aproximação entre a China e os Estados Unidos?

— Diga, antes, da aproximação entre os Estados Unidos e a China, porque a China, a meu ver, não mexeu um dedo. Finalmente alguém, bastante coerente e concreto, como Nixon não é, compreendeu que uns milhões largos de homenzinhos amarelos contam qualquer coisa. Quanto mais não seja como peso físico e biológico. Acho que discutir é sempre justo, racional, mas não penso que a viagem de Nixon provoque grandes modificações de ordem política e social. Se o regime americano tivesse realmente vontade de fazer as coisas como deve ser, não teria estado à espera que um presidente fosse visitar a Grande Muralha para descobrir que os negros são negros mas têm os mesmos problemas dos brancos e que os amarelos do Vietname têm o direito de serem deixados em paz.

Quantas vezes por ano vê os seus filhos?

— Acho que não sou um pai perfeito, no sentido tradicional do termo e só vejo os meus filhos uma vez por outra. Digamos que num ano, passo quatro meses com eles. O mesmo se passa com Tarita. Talvez só umas semanas mais. Como se sabe, a minha família mo-

ra a uns quilómetros de Pa-peete, porque acho que lá ainda existem condições de vida humanas e razoáveis. Lá, por exemplo, não se come carne. O meu trabalho, porém, não permite que lá vá mais vezes. Não sou apenas actor. Também sou produtor e dedico-me muito à política.

Entre as actrizes com quem trabalhou, qual a que recorda com maior satisfação?

— Eva Marie Saint... Lembra-se dela? Uma mulher terna e delicada que destruíram sem piedade.

Nunca lhe aconteceu fingir, «posar» para a galeria?

— Acho que não. Sinto-me satisfeito com a minha sinceridade, embora isso, por vezes, me tenha acarretado problemas.

Amanhã, quando envelhecer, qual será o seu papel nos filmes que lhe derem?

— Penso que dentro de uns anos, digamos dois ou três, me afasto e vou viver

para a Polinésia, com Tarita e os meus filhos. O meu papel será, então, o do homem feliz e tranquilo, que quer esquecer ter vivido entre hienas e tigres.

Qual é, a seu ver, a mulher ideal?

— Nunca leu Bernard Shaw? Pois ele, um belo dia, escreveu. «A mulher ideal é a que se leva ao cemitério, bem fechada num caixão». Claro, era um dito muito cruel, mas não muito afastado da realidade. tudo quanto sofri de mau veio-me de uma mulher. Acredite, portanto, que é muito difícil encontrar a mulher ideal. Quando muito consegue-se encontrar uma que não desenvolveu em si os sintomas do mal que corrii as mulheres: a rivalidade com o macho, o desejo de o destruir, de o tornar num escravo.

Em quantas marchas pela paz tomou parte?

— Não as contei. Acho que umas doze.

Também o faria, se vivesse na Rússia?

— Desculpe-me, mas não me parece uma pergunta muito atilada. Se fosse necessário, também lá tomaria parte nelas. Se o fiz não foi só num gesto de revolta contra o regime americano, mas contra uma certa concepção da vida, que também está a conquistar países como a Rússia, que, até aqui há uns anos, pareciam imunizados.

Mas de que é que se trata?

— De tudo. Olhe à sua volta. Esta corrida ao dinheiro, ao poder, à força para descobrir que os peixes morrem nos rios, que já não se pode comer atum porque está cheio de mercúrio, que não podemos mergulhar nas águas do mar se não queremos ficar contaminados.

É verdade que teve problemas com a Mafia?

— De que é que está a falar, de que «mafia»?

Não finja que não compreende: da Mafia, enquanto trabalhava no filme «O Padrinho».

— Não foram o que se pode dizer problemas. É verdade, como escreveram os jornais, que recebi ameaças, cartas anónimas... Mas já estava habituado, porque recebo muitas cartas dessas. Quando, por exemplo, tomo parte em marchas pela paz, ou quando digo que é uma porcária o processo a Angela Davis, ou a guerra do Vietname... Mas dessa vez, fez-se muito barulho porque o filme tinha de ser lançado, de modo que se forçou um tanto o caso. Uma vez, por exemplo, até parecia que a Polícia de Nova Iorque tinha sido toda mobilizada. Havia camionetas e carros blindados por todo o lado e eu apenas tinha de atravessar uma rua e fingir que tombava sob os tiros de um gangster. Até da Sicília me chegaram cartas, uma particularmente ridícula de um senhor de Palermo, que jurava querer levar-me ao tribunal por ter enlameado o bom nome da sua terra. Estava eu, nessa altura, a ler a história do jornalista De Mauro...

Como é que foi para Hollywood?

— Foi uma coisa fantástica, de que nunca me esquecerei. Uma história que, até agora, nunca contei a ninguém. O meu agente teatral, que também era o agente de Stella Adler, uma grande actriz de teatro de quem fui discípulo antes de entrar para o «Actor's Studio», disse-me que em Hollywood andavam à procura de alguém que fizesse de contrapeso a James Dean e aconselhou-me a tentar, apresentando-me à Twenty Century Fox. No dia seguinte, já eu estava em Hollywood. Submeteram-me a uma prova,

Continua na pág. 15



RECTÂNGULOS DA VIDA

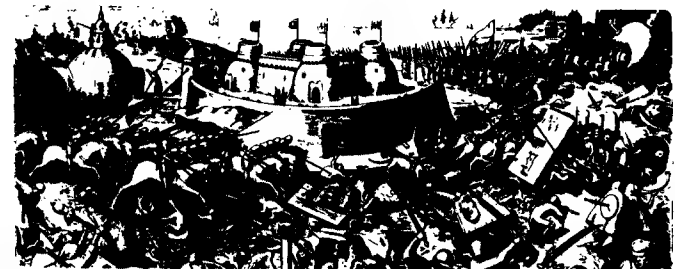
MARIA JUDITE DE CARVALHO

A GUERRA DE CADA UM

Contam que estiveram na guerra, sem qualquer referência que a localize no tempo ou no espaço, mas a guerra deles, sabe-mo-lo, já não é a nossa e menos ainda a dos nossos filhos. Cada geração tem — pelo menos — uma, que tristeza de vida, Todos os anos leio nos jornais que eles se reúnem, os que restam, sempre em menor número, pois claro, e suponho que recordem esse tempo heroico e os companheiros desaparecidos.

Isto lembra-me aquilo. Ou foi aquilo que me lembrou isto. Adiante, tanto faz.

Encontrei há tempos uma pessoa que não via há dez anos, e conversámos longamente. A certa altura uma referência à «grande patifaria que o Cicrano fez. Mas eu disse-lhe, mas eu previ...» Dessa tal patifaria tivera eu notícia pormenorizada, na devida altura, e conhecia portanto o caso. Mas a verdade é que depois disso muita e muita água



correria sob as pontes, e tinha deparado com muitas outras patifarias iguais ou até maiores. Ele, porém, ficara naquela, que era, por assim dizer, sua.

Apetecia-me perguntar-lhe se depois daquela história só tinha encontrado no seu caminho boa gente, criaturas direitas, e se mesmo os que se vestiam de honesto discreto ou indiscreto não lhe tinham causado — às vezes, claro, não sou tão pessimista como isso — uma ou outra desilusão.

Mas desisti. Ele falava com tanto entusiasmo de um passado que parecia ter sido ontem... A tinha dito, B tinha feito, C tinha maquinado, ele respondera, ele previra... Na verdade não dava jeito nenhum interrompê-lo. Era uma história fácil, quase infantil, embora real, com os maus de um lado e os bons do outro. Para quê falar-lhe de outras histórias que, para mal dos nossos pecados, não são a preto e branco mas a cores, degradadas, e que cada um, portanto, pode ver a seu modo? Nas quais não se sabe muito bem quem são os bons e quem são os maus?

Aquela fora, porém, a guerra dessa pessoa que encontrei. Acontecera já há vários anos, mas estava conservada e fresca na sua memória. As outras guerras, depois daquela, seriam muito menos importantes, mesmo que lhe fossem pormenorizadamente contadas. Pois se ele não estivera lá...

RECAUCHUTAGEM *Triunfo* S. A. R. L.

CASAL DA SERRA DE S. JOÃO—SENHOR ROUBADO
ODIVELAS TLS. 91 06 91—91 15 42

TEM O PRAZER DE INFORMAR
AOS SEUS CLIENTES E AMIGOS QUE CEDEU O SEU POSTO
DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA DA PÇª JOSÉ FONTANA Nº 10-A/D
(EM FRENTE AO LICEU CAMÕES), À FIRMA

TRIUNFO — COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE PNEUS, S. A. R. L.
CONTINUANDO COM TODAS AS SUAS ACTIVIDADES NA SUA
SEDE SOCIAL, EM ODIVELAS.

TRIUNFO — COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE PNEUS, S. A. R. L.

PÇª JOSÉ FONTANA, Nº 10-A/B/C/D—LISBOA
TLS. 4 21 18—5 43 40

TEM A HONRA DE INFORMAR QUE ADQUIRIU DA FIRMA
RECAUCHUTAGEM *Triunfo* S. A. R. L.

O POSTO DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA SITO NA PÇª JOSÉ
FONTANA Nº 10-A/D (EM FRENTE AO LICEU CAMÕES),
ONDE ESTABELECEU A SUA SEDE SOCIAL E SE COLOCA
DESDE JÁ À INTEIRA DISPOSIÇÃO DE TODOS OS SEUS
CLIENTES E AMIGOS.



NOVO TRIUMPH DOLOMITE raça e prestígio

A ligação do novo Triumph Dolomite com a reprodução do quadro de Degas não é insólita. A qualidade da tela original, o prestígio do pintor e a raça dos cavalos têm no Triumph Dolomite a sua equivalência transportada para um produto industrial de elegante «design». Todos gostam deste novo modelo da Triumph: a família, os amigos e até os indiferentes têm uma pontinha de inveja quando vêm a classe do seu Dolomite. Triumph Dolomite uma escolha inspirada.

Cilindrada 1854 c.c.
Potência máxima: 95 HP (DIN) a 5.200 r.p.m.
Capacidade do depósito: 57 lts.

Em exposição e venda nos «stands» de: J. J. GONÇALVES, SUCRS. AUTOMÓVEIS, LDA.

Lisboa — Rua Camilo Castelo Branco, 2-D
Porto — Rua da Constituição, 219

CAFER — Rua Júlio Diniz, 858—Porto



MARLON BRANDO



Marlon em Paris com o filho que teve de Ana Kashfi

Continuação da pág. 13

descobrimos que tinha um sotaque horrível e decidiram que eu devia aprender inglês... Recebeu-me, por fim, o chefe da publicidade. «Como te chamas?», perguntou-me ele. Respondi e ele disse-me que não soava bem. Objectei que trabalhava no teatro com aquele nome há já oito anos. Atalhou-me, afirmando que precisamente por isso é que era necessário que Marlon Brando se transformasse em qualquer coisa como Hoah Shiller ou Jim McFarland... Respondi que era Marlon Brando e assim continuaria a ser. Foi a minha primeira discussão. Mas fui eu a ganhar. Depois, o tipo começou a escrever a minha biografia. Disse-me. «Ouve, para a Imprensa, tu nasceste em Nova Iorque. O teu pai é descarregador e a tua mãe telefonista. Tu já vendeste jornais, já conduziste um camião e já foste moço de ascensor...» «Eu disse que sim e quando me encontré com os primeiros jornalistas da minha vida disse tudo ao contrário, isto é, a verdade. Fui logo considerado um louco rebelde e, a partir daí, deixaram-me em paz...»

Fale-nos do filme em que está a trabalhar. O que é que se passa em «Último tango?»

— Ela é uma francesa de vinte anos, recém-casada com um tipo da televisão. Ele tem cinquenta anos, é viúvo e americano. Encontram-se e é o amor à primeira vista. Ela enlouquece literalmente, por ele, amam-se. Desesperadamente, por parte dele, desportivamente, por parte dela. Até que, por fim, a rapariga, precisamente porque é uma destas incompreensíveis jovens de hoje, quer ser verdadeiramente desportista e acabar com tudo. Propõe-lhe, então, o último tango em Paris. Está agora a discutir-se como é que a fita deve acabar. Há quem queira que a rapariga mate o homem, mas há quem seja de opinião que deve tudo terminar românticamente, com o último tango e a partida dele, que compreendeu, para a América...

Como se sente a trabalhar com Bertolucci?

— Parece um jovem sério e bem preparado. Sinto-me bem. Os realizadores, de facto, são gente difícil. Tive, por exemplo, vontade de matar Gillo Pontecorvo, que me dirigiu no filme «Queimada» e me obrigava a repetir dez vezes a mesma cena, debaixo de um sol de estrear ovos...

Uma última pergunta: o que é que dizem de si as mulheres com quem tem convívio?

— Foi coisa que nunca me interessou... Sei que

umas me odeiam e outras não. Não me posso julgar, claro, mas acho que sou um homem que quer viver em paz e que deixa os outros em paz. No fundo, sou um tipo normal, com todas as nevroses na altura própria.

Ao olhar para o relógio reparámos que estivemos a conversar com Marlon Brando durante uma hora e vinte minutos. Marlon tira os óculos. Olha para nós com um

sorriso que parece tímido. Faz estalar os dedos da mão direita, abre os braços como que a dizer que não tem mais nada a acrescentar e que tem de se ir embora. Cumprimenta-nos a todos com um gesto da mão e afasta-se com passo rápido, ligeiro.

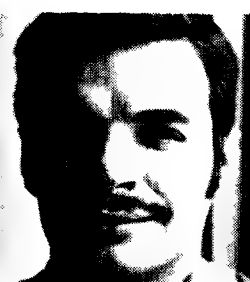
Na sala, mal saiu, ficou como que um vazio. Marlon Brando é, na verdade, alguém.

QUAL SEXO FRACO?

Impressionou-me este caso de que tive notícia por um jornal da província: uma mulher de Avintes, Francisca da Silva Picoto, hoje com 68 anos, viu, quando tinha 30, partir seu marido para o Brasil em busca de melhor sorte. Deixou-a com três filhos, o mais novo dos quais de seis meses. Só, sem qualquer amparo (diz o jornal), a sr.^a Francisca trabalha como uma moura para prover ao seu sustento e ao dos seus. Dois anos após a partida do marido, chegou-lhe a notícia de que este cega-

Crônica de DOMINGO

TORQUATO DA LUZ



ra, pelo que passara a vender lotaria e a viver numa barraca. Imediatamente se formou no espírito da sr.^a Francisca a inabalável decisão de ir buscá-lo e trazê-lo de novo para junto dos seus. Mas como? Onde havia dinheiro para isso?

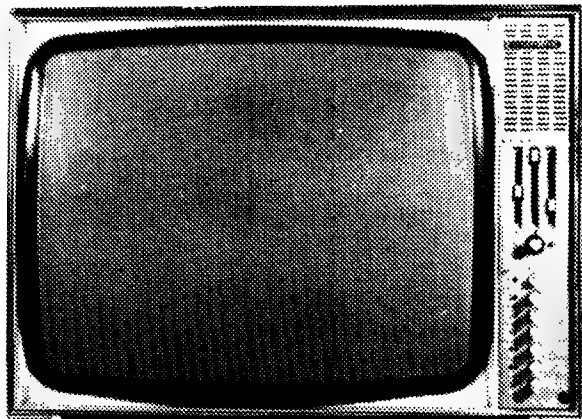
Ao longo de mais de 30 anos, a decisão foi mantida — e durante todo esse tempo a sr.^a Francisca foi «pondo de lado» tudo quanto podia. Migalhas que, todas juntas, lhe deram agora a oportunidade de ir, de avião, ao Brasil, procurar (sòzinha) o marido, encontrá-lo e trazê-lo mesmo.

No regresso, esperavam-nos os três filhos do casal, a nora e até os netos, que pegaram na sr.^a Francisca aos ombros e a levaram em triunfo — como se deve aos heróis.

Sou avesso a consagrações, sobretudo agora que a palavra quase perdeu o seu significado, de tão usada. Mas penso que uma mulher que, durante mais de trinta anos, luta sem desistência por uma coisa que a outros, nas mesmas condições, pareceria inatingível e consegue-a, penso que esta mulher, dizia eu, merece, para além da nossa admiração, ser apontada como exemplo. Para que não mais alguém tenha a ousadia de falar de sexo fraco.



GRUNDIG



TELEVISORES
RÁDIOS
GRAVADORES
HI-FI

A. OLIVEIRA

Avenida Almirante Reis, 91-A • LISBOA

GRANDES FACILIDADES DE PAGAMENTO

SEM ENTRADA
SEM FIADOR

CINORTE

Companhia de Cimentos do Norte, S. A. R. L.

Sede Social: Av. Fontes Pereira de Melo, 14-12.º

LISBOA

**AUMENTO DE CAPITAL SOCIAL DE 10 000
PARA 125 000 CONTOS**

Nos termos estatutários, deliberou o Conselho de Administração aumentar o Capital Social em 115 000 contos, pela emissão de 115 000 acções do valor nominal de Esc. 1 000\$00 cada, representadas por títulos de 1, 10, 50, 100 e 500 acções, nas seguintes condições:

ACCIONISTAS

90 000 acções com reserva de preferência para os actuais accionistas, ao preço de Esc. 1 000\$00 cada acção, na proporção de 9 acções novas por cada 1 acção antiga; os accionistas, que o pretenderem, poderão concorrer a um eventual rateio das acções que não venham a ser subscritas no uso do direito de preferência.

PÚBLICO

25 000 acções a emitir ao valor nominal, para oferta à subscrição pública, sujeitas a rateio. As importâncias relativas a acções não atribuídas poderão ser recebidas pelos seus subscritores, a partir do próximo dia 1 de Julho de 1972.

CONDIÇÕES DE PAGAMENTO

O pagamento, da totalidade das acções, será feito em 3 prestações a saber:

- a 1.ª, de 30%, no acto da subscrição;
- a 2.ª, de 30%, de 1 a 31 de Julho de 1972;
- a 3.ª, de 40%, de 1 a 31 de Dezembro de 1972.

PRAZO E LOCAIS DE SUBSCRIÇÃO

A subscrição das acções destinadas ao público, estará aberta de 17 a 19 de Maio de 1972, nas Sedes, Filiais, Agências e Dependências dos estabelecimentos de crédito abaixo indicados, que tomaram firme a emissão das referidas acções:

**BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO.**

A entrega dos títulos definitivos será feita dentro do prazo de seis meses após a liquidação da última prestação, nos estabelecimentos de crédito onde se efectuou a subscrição.

O prospecto circunstanciado referente a este aumento de capital, pode ser obtido na Sede da Sociedade ou em qualquer dos Bancos acima mencionados.

Lisboa, 12 de Maio de 1972.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

SUPERMANOS

A CASA SIMPÁTICA

Televisão	2.990\$00
Frigoríficos	1.900\$00
Trituradores	260\$00
Secadores de cabelo	140\$00
Cassetes	35\$00
Relógios de cozinha	300\$00

VENDAS

A PRAZO

LARGO DO MASTRO, 5 — TEL.: 561555

AOS EXPORTADORES DE FRUTAS E VEGETAIS

NEGOCEIE COM UMA ORGANIZAÇÃO
ENTRANDO NO MERCADO COMUM

THE METRO EXPRESS LAB.® GROUP
FRUIT—VEGETABLES—IMPORTERS

ESCRITÓRIO:

8. Victor House, Barlhouregh Garden
London, N. 20 England

Tel. 01-368-7484. 5 linhas

HIPOTECAS

Fazem-se sobre propriedades urbanas, em
Lisboa, Arredores e Província, de pequenas
e grandes quantias, ao juro da Lei.

Transacções rápidas e com o máximo sigilo

A CONFIDENTE

R. Ouro, 292, 1.º Esq. do Rossio
Telef. 369384-5-6

MENSAGEM DO GRAAL

A VERDADE DESCONHECIDA DO HOMEM ACTUAL
Escreva para este jornal, anúncio n.º 559

CENTRO DE MEDICINA DENTÁRIA

— RATO —

Obturações, extracções, correcção de dentes, dentaduras

— PREÇOS DE POLICLINICA —

CONSULTAS DAS 9 AS 19 HORAS

ENCERRADO AOS SABADOS E DOMINGOS

Calçada Bento da Rocha Cabral, 1 (so Rato) — Tel. 68 41 91

HORUS
RAUL LOURENÇO LAPA
QUIRO-ASTROLOGO

CONSULTE «HORUS» e ficará a conhecer

OS ANOS MAIS IMPORTANTES da sua vida, os
momentos mais felizes ou menos favoráveis que lhe estão
reservados, EM TODOS OS CAPÍTULOS DA SUA EXIS-
TÊNCIA!

E AINDA muitas outras informações de grande inter-
esse acerca de si próprio e do seu Destino...

Todos os dias úteis das 10 às 12 e das 14 às 19
horas. Av.ª João XXI, 3-2.º Frente (Junto à Praça do
Areeiro) - Telef. 724162 - LISBOA

PARA O PERÍODO
DE 14 A 20
DE MAIO



ÁRIES

(21 de Março a 20 de Abril)

AMOR: Muito poderá ser feito no que se refira aos seus interesses particulares. Situações confusas agora se aclararão, e tudo quanto se relacione com a sua vida doméstica terá solução satisfatória.

DINHEIRO: Conseguirá algo depois de algum esforço e espera. Como os dinheiros auferidos não serão substanciais é conveniente poupar o que conseguir realizar.

PROFISSÃO: Observa-se um maior interesse nas suas ocupações. A ocasião é indicada para se dedicar a novos interesses. Faça novas relações que lhe serão proveitosas. É possível que alguns nativos do «ÁRIES» venham a travar relações com pessoas importantes, que muito farão pela satisfação dos seus interesses.

SAUDE: Não se alimente excessivamente durante este período, evite emoções fortes e jamais se encolerize.



TAURUS

(21 de Abril a 21 de Maio)

AMOR: Analise cuidadosamente os seus objectivos na vida. No que se refere aos seus interesses particulares haverá restrições e atrasos. Uma pequena contrariedade espere-a. Recomenda-se calma e reflexão nas palavras.

DINHEIRO: Procure solucionar as suas questões financeiras pondo em ordem as suas contas e aguarde uma agradável surpresa. Possibilidades de alguém recorrer ao seu património certamente pessoa do seu meio ambiente.

PROFISSÃO: Durante este período ser-lhe-á fácil obter favores e outras vantagens de superiores e pessoas que ocupam posições de destaque. Melhorarão as condições de trabalho. Indicado para início de sociedades.

SAUDE: Nas deslocações que tenha absoluta necessidade de fazer, tenha muito cuidado especialmente se conduz qualquer veículo.



GEMINI

(22 de Maio a 21 de Junho)

AMOR: No plano amoroso tudo decorrerá normalmente. Todavia as actividades misteriosas poderão causar grande confusão e desapontamento, é preciso agir com franqueza e as claras em tudo o que fizer.

DINHEIRO: Toda e qualquer diligência através da família dará resultados. Tem uma oportunidade de progredir muito aproveitando plenamente todos os seus esforços, individuais. Cautela com os gastos extraordinários.

PROFISSÃO: Deixe que a sua vida profissional decorra na forma habitual. Se pretender seguir novas direcções é conveniente orientar-se à base da ponderação do estudo e dos conselhos amigos de pessoas de comprovada idoneidade.

SAUDE: O excesso de actividade mental será a principal causa das enfermidades desta semana.

horoscopo

pelo
astrologo
HORUS



CANCER

(22 de Junho a 22 de Julho)

AMOR: As condições amorosas decorrerão num clima tanto ameno como obstinado. A volubidade será prejudicial à harmonia em família. Uma palavra impensada, escrita num impulso momentâneo, poderá repercutir-se sobre os seus interesses, e na sua felicidade futura.

DINHEIRO: Se souber aplicar a boa intuição que os astros lhe concedem neste período, novas fontes de receita aparecerão e consequentemente, a semana será progressiva financeiramente.

PROFISSÃO: Boas oportunidades de sucessos através da sua actividade profissional poderão ser obtidas. Trabalhe com entusiasmo porque conseguirá elevar-se na situação que presentemente desfruta e, consequentemente uma melhoria nos seus proventos mensais.

SAUDE: Os astros indicam perda de vitalidade, com enfermidades em consequência. Evite os excessos alimentares e descanse regularmente todos os dias.



LEO

(23 de Julho a 22 de Agosto)

AMOR: Domine os seus desejos e as suas emoções. Proceda com discrição em todos os seus actos particulares, pois os astros advertem contra a maleficiência em relação a assuntos sentimentais.

DINHEIRO: No que se refere a finanças surgirão dificuldades. Observam-se problemas complicados ou de interesse tardio. Tenha muito cuidado ao tratar dos seus negócios e da forma como e onde aplica o seu capital.

PROFISSÃO: É conveniente não fazer durante a presente semana alterações sensíveis na orientação anteriormente seguida, para a condução dos problemas inerentes à sua vida profissional. Continue firme nos seus propósitos e, procure desenvolver a sua acção com calma e ponderação.

SAUDE: As preocupações inerentes às suas condições físicas, nesta altura, são principalmente de ordem respiratória.



VIRGO

(23 de Agosto a 22 de Setembro)

AMOR: O momento reclama o seu interesse e dedicação pelas coisas do lar. É um período mais indicado para a sua vida social, para efectuar visitas e cuidar das suas amizades. Uma influência benéfica contribuirá para a reconciliação com as pessoas de família com as quais se tenha incompatibilizado. Enfim, as coisas correrão mais tranquilas e haverá jovialidade.

DINHEIRO: A altura é esplêndida para conseguir bons resultados das empresas em que se meter. Se agir com calma e ponderação, de tudo se sairá bem.

PROFISSÃO: Se negocia e está epnsando em ampliar, os seus negócios poderá empregar com proveito o seu capital, pois terá a seu favor os principais planetas, a ajudar nos seus esforços construtivos. Os assuntos ligados à arte chamarão o seu interesse e darão boas satisfações e honras.

SAUDE: As influências planetárias em referência à saúde são-lhe também bastante propícias.



LIBRA

(23 de Setembro a 22 de Outubro)

AMOR: Um importante aspecto negativo recomenda cautela no que se refira a amores, e amizades. Não dê muita importância a coisas que lhe digam respeito e abstenha-se de discussões provocadas pelo seu orgulho despropositado em certos momentos.

DINHEIRO: Se proceder com cautela poderá encontrar-se em condições de tirar proveitos financeiros dos seus próprios esforços. De facto, será capaz de realizar agora tudo o que teve de ser adiado.

PROFISSÃO: Na vida profissional os resultados do seu esforço não virão logo, pelo contrário, serão vagorosos. Não tenha pressa, use de calma e saiba aguardar com paciência a serenidade as conclusões do seu trabalho.

SAUDE: A disposição poderá atingir a excessiva sensibilidade e manifestar-se impulsiva. Sob as actuais vibrações deverá ter muito cuidado com a sua dieta.



SCORPIUS

(23 de Outubro a 21 de Novembro)

AMOR: Use da maior circunspeção e domine a impulsividade a fim de não criar situações que podem ter consequências graves. Seja tolerante e em presença de qualquer contrariedade não exploda.

DINHEIRO: As vibrações são igualmente negativas quanto a finanças. As rendas e os lucros sofrerão uma redução. Seja prudente nos gastos e conte só com o que tiver certo.

PROFISSÃO: Embora o seu trabalho rotineiro decorra durante este período normalmente, deve estudar cuidadosamente os projectos que tiver em mente, e que deseje pôr em prática nesta altura. Evite, porém, o contacto com pessoas pouco realistas e demasiado loquazes.

SAUDE: Não se mantenha indiferente ao seu estado de saúde. É conveniente vigiá-la, pois há tendência a alterar-se em especial a parte superior do seu organismo.



SAGITTARIUS

(22 de Novembro a 21 de Dezembro)

AMOR: O ambiente amoroso será indulgente. Amizades nesta altura podem ser-lhe de bastante utilidade. Consolide a sua posição em face das mesmas. Observa-se uma vibração particularmente feliz aos seus esforços idealísticos.

DINHEIRO: A sua disposição tende a ser precipitada em matéria de finanças o que prejudica e concorre para causar prejuízos e não ajuda à obtenção de lucros.

PROFISSÃO: Os negócios em projecto terão boa realização se tiverem o cunho da sinceridade e da seriedade a acompanhá-los. Os assuntos profissionais que tiver presentemente entre mãos beneficiam de aspectos favoráveis.

SAUDE: Embora esta semana não seja favorecida quanto à saúde, não há a recear acontecimentos de gravidade.



CAPRICORNIUS

(22 de Dezembro a 20 de Janeiro)

AMOR: Os prognósticos para este período são abertamente convidativos em referência a amizades, casos sentimentais dum modo geral, e grande harmonia conjugal. Viagens felizes e passeios alegres.

DINHEIRO: Aproveite todos os ensejos que se lhe depararem para aumentar a sua situação económica. Propício para efectuar compras e negociar com acções e papéis de crédito.

PROFISSÃO: Surgirão surpresas agradáveis no seu meio profissional. Despenda bons esforços e raciocinará com muita lógica.

SAUDE: Nada de anormal se registará na presente semana. No entanto, não se exceda seja no que for.



AQUARIUS

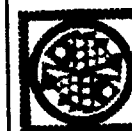
(21 de Janeiro a 19 de Fevereiro)

AMOR: Observam-se divergências no sector sentimental, mas estas podem ser resolvidas por meio do seu tacto diplomático. Esteja com atenção às suas manifestações emotivas. As actuais vibrações astrais indicam contratempos na vida conjugal e inclinam à prática de actos violentos e expressão dura.

DINHEIRO: As suas possibilidades financeiras serão muito escassas, assim, não ponha muito entusiasmo na aplicação de capital e diminua as despesas que não forem absolutamente necessárias e urgentes.

PROFISSÃO: Há toda a conveniência em preocupar-se simplesmente com a sua situação presente. Esforce-se por cumprir bem o seu lugar que exerce. Terá, no entanto de usar de método e de sentido prático, se quiser tirar partido das circunstâncias.

SAUDE: As influências astrais em relação ao campo físico, aconselham prudência. Cuidado com divertimentos perigosos.



PISCIS

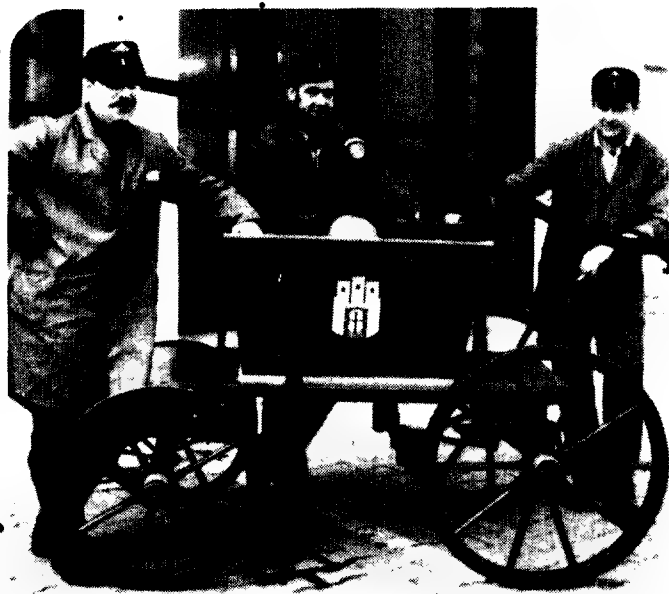
(20 de Fevereiro a 20 de Março)

AMOR: Os interesses românticos estão sob bons auspícios, assim como as relações familiares e vida doméstica. Tudo se conjugará com muita compreensão e felicidade.

DINHEIRO: Melhoria acentuada na sua vida económica, quer no seu próprio esforço, quer por patrocínios influentes. No entanto, os fluidos astrais recomendam cuidado com as despesas fúteis.

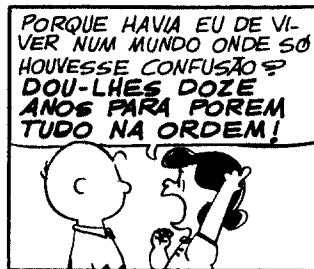
PROFISSÃO: Não se preocupe em demasia, deixe as coisas seguirem o seu curso normal. Há uma forte tendência para desprezar os métodos eficazes, para preferir outros apenas aparentemente mais eficazes. É preciso não esquecer que essas mudanças podem também ter as suas desvantagens.

SAUDE: A sua saúde alterar-se-á se não descansar o suficiente ou se se descontrolar emotivamente. É necessário também cuidado com a alimentação.



A PÉ PARA FRANÇA

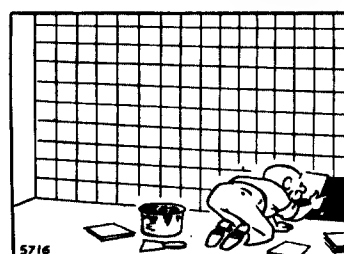
Uma bomba contra incêndios (na foto) que já conta mais de cem anos será oferecida pela cidade de Constança, na margem do Lago de Constança (República Federal da Alemanha) à Cidade-Parceira de Fontainebleau, ao Sul de Paris. Realizando-se em Fontainebleau uma grande festa de bombeiros, a delegação de Constança levará o carrinho a pé num percurso de 600 km. O grupo de 24 homens realizará etapas diárias, a pé, de 35 e 50 quilómetros. Nos últimos dias participarão nesta marcha de amizade um prefeito e alguns vereadores de Constança.



CAROL DAY - Emergency!



by David Wright



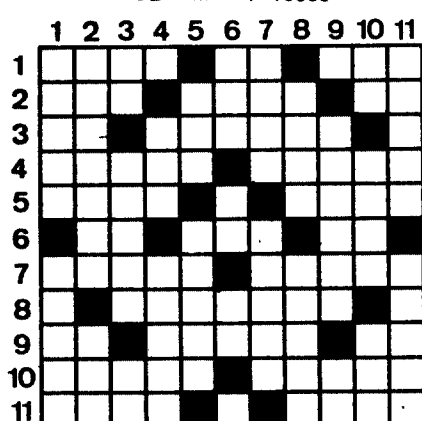
palavras cruzadas

COM PROVÉRBO

PROBLEMA N.º 10088

HORIZONTAIS

- 1 Bagatela. Pronome reflexo. Amargura (fig).
- 2 Nome de mulher. Suco vegetal concreto. Nota musical.
- 3 Lírio (s. q.). Rei lendário de Iolco (Tessália).
- 4 Animal da Sibéria. Que é do ar.
- 5 Língua vernácula indiana. Personagem do 'Otelo' de Shakespeare.
- 6 Prefixo de privação. Constrói. Pronome pessoal.
- 7 Gostara muito de. Inflamar.
- 8 Cortares rente.
- 9 Campeão. Marcam o peso da tara em. Prefixo de afastamento.
- 10 Bonecas (pop). Entende.
- 11 Magote (ant). Cidade da Argélia.



VERTICAIS

- 1 Variedade de maçã. Saco de.
- 2 Aprontaram. Preposição.
- 3 Quinto filho de Jacob. Acalentar. Em a.
- 4 Amarra. Rumos.
- 5 Bebida usada nas índias orientais. Punhais compridos usados por caçadores.
- 6 Sua Senhoria (abrev). Lan-tânio (s. q.). Aparência.
- 7 Pronome demonstrativo. Pão grande (prov. tram).
- 8 Freguesia do concelho de Mondim de Basto. Prazo.
- 9 Loucos. Irídio (s. q.).
- 10 Preposição. Fêmea do cavalo. Nome de mulher.
- 11 Nome de fruto. O diabo (gir).

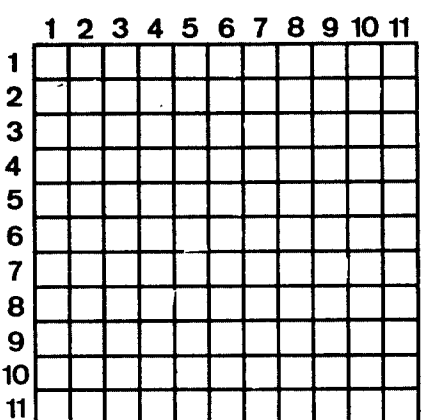
Resolva completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6246

HORIZONTAIS

- 1 Árvore da Índia Portuguesa. Incinera.
- 2 Artigo definido (ant). Cavidade aberta numa parede para colocação de uma imagem. Artigo definido.
- 3 O mesmo que espineta. Vasilha com asas (prov).
- 4 Passe em silêncio. Aventuroso inglês que denunciou a Carlos II uma suposta conspiração papista.
- 5 Prefixo de origem grega com o sentido de diante. Língua negro-africana, falada na margem esquerda do alto Bahr-el-Gebel.
- 6 Dá mãos. Caminhei para cá. Personagem da literatura fantástica inglesa.
- 7 O sono das crianças. Bocados. Letra grega.
- 8 Figuras das cartas de jogar chamadas condões.
- 9 Meta na mala. Nome dado pelos judeus à mulher de Loth que foi transformada em estátua de sal.
- 10 Segundo. Encolerizar.
- 11 Pronome demonstrativo. Poder.



VERTICAIS

- 1 Freguesia do concelho de Gouveia. Ilha do Finistère, entre Ouessant e a ponta de São Mateus.
- 2 O mesmo que olímpico.
- 3 Zombará. Tempo do verbo ir.
- 4 Inerente. Espécie de uva branca dos Açores e da Estremadura.
- 5 Interjeição usada no Algarve para chamamento. Planície entre duas colinas.
- 6 Cidade de França.
- 7 Sobrado. Legenda de brasão.
- 8 O mesmo que roseiral. Poltrona de luxo.
- 9 Peixe do Algarve. O mesmo que Siro da Síria.
- 10 Abrandar. Basta.
- 11 Membros de aves. Pequeno casaco de mulher.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10087

HORIZONTAIS:

- 1 Pacas Borba.
- 2 Abra. Seis.
- 3 Uri. BOM. Iço.
- 4 LIVRO. Arnal.
- 5 Arear. Liara.
- 7 Atrás. Acode.
- 8 Mauro. Ramal.
- 9 Ina. BOM. Ami.
- 10 Gana. Unas.
- 11 Olono. Brasa.

VERTICAIS:

- 1 Paula. AMIGO.
- 2 Abrr. Tanal.
- 3 Crive. Ruano.
- 4 Aa. Rasar. An.
- 5 Bor. Sob.
- 6 Fô. Ob.
- 7 Mal. Arm.
- 8 Os. Risca. Ur.
- 9 Reina. Omana.
- 10 Bicar. Damas.
- 11 Asola. Elisa.

PROVÉRBO: Bom livro, bom amigo.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6245

HORIZONTAIS:

- 1 Briga. Teixeira.
- 2 Aunar. Armar.
- 3 Reuni. Agora.
- 4 Iça. Ale.
- 5 Aru. Ani. Até.
- 6 Ou. Axada. As.
- 7 Ave. Amã.
- 8 Orei. Arme.
- 9 Nardo. Anuir.
- 10 Ir. Ossos. Na.
- 11 Oó. Só. Sabor.

VERTICAIS:

- 1 Bar. Ausônio.
- 2 Rueiro. Raro.
- 3 Inuço. Aer.
- 4 Gana. Avidos.
- 5 Ari. Axe. Oso.
- 6 Una.
- 7 Taã. Ida. Aos.
- 8 Erga. Amansa.
- 9 Imola. Aru.
- 10 Xareta. Nino.
- 11 Era. Esperar.



S. R.
**MINISTÉRIO
DAS FINANÇAS**
DIRECÇÃO-GERAL
DAS CONTRIBUIÇÕES
E IMPOSTOS
REPARTIÇÃO CENTRAL

AVISO

Faz-se público que até ao dia 8 de Junho próximo futuro se encontra aberto concurso para o fornecimento de mobiliário destinado às novas instalações da Direcção de Finanças do distrito de Viana do Castelo, na Rua Major Xavier de Sousa, daquela cidade. A abertura das propostas é feita às 16 horas do mesmo dia. O programa do concurso, caderno de encargos e outros elementos de apreciação indispensáveis à elaboração da proposta estão patentes nesta Repartição Central e nas Direcções de Finanças dos distritos do Porto e de Viana do Castelo, em todos os dias úteis, durante as horas do expediente.

Repartição Central da Direcção-Geral das Contribuições e Impostos, em 11 de Maio de 1972.

O CHEFE DA REPARTIÇÃO,
Francisco João Gomes

**Guarda-Florestal
Precisa-se**
Herde da Formosa
Telef. 62815
CORUCHE

A C. P. INFORMA:

**OBRAS DE RENOVAÇÃO DA VIA
(LINHA DO OESTE)**

Por motivo dos trabalhos de Renovação da Via, na Linha do Oeste, a que se vai proceder nos dias úteis (de segunda-feira a sábado), entre Cacém e Pêro Negro, a partir do dia 12 de Maio de 1972, vemo-nos obrigados a suprimir as seguintes circulações:

Comboio n.º 4022 — Entre Pêro Negro e Lisboa (Rossio), fazendo-se o transporte dos passageiros e bagagens entre Pêro Negro e Cacém por autocarros e entre Cacém e Lisboa (Rossio) pelos tranvias da Linha de Sintra;

Automotora n.º 4025 — Entre Lisboa (Rossio) e Pêro Negro, fazendo-se o transporte dos passageiros e bagagens entre Lisboa (Rossio) e Cacém pelo comboio que parte daquela estação às 13-15 horas e desde Cacém por autocarros com horário semelhante ao da automotora que eles substituem;

Comboio n.º 4027 — Entre Lisboa (Rossio) e Cacém, fazendo-se o transporte dos passageiros e bagagens entre Lisboa (Rossio) e Cacém pelo comboio que parte daquela estação às 18.30 horas

A estação de Mafra e os apeadeiros de Pedra Furada, Alcaíça, Jerumelo e Sapataria estarão encerrados para serviço às circulações n.ºs 4022 e 4025.

Os autocarros passam nos apeadeiros de Meleças e Telhal, nos cruzamentos das estações de Sabugo e Mafra, cruzamentos dos apeadeiros de Alcaíça e Sapataria e na estação de Malveira.

A C. P. pede desculpa dos incómodos causados e esforçar-se-á por reduzir o período em que será de adoptar as medidas acima indicadas.

televisão

HOJE
1.º Programa (22.00)
«Longstreet»
Episódio filmado com a participação dos artistas Marlyn Mason, James Franciscus e James Broderick.

2.º Programa (22.00)
50 anos de História

SIEMENS ESTORIL
O TELEVISOR DOS JOGOS OLÍMPICOS

HOJE

1.º Programa
12.30 Abertura e Missa de Domingo
13.10 Dia do Senhor Pelo Rev. Pe. Dr. Francisco Videira Pires
13.30 Fronteiras do amanhã
14.45 Telegiornal-1.ª edição
14.00 TV Educativa
14.25 Hoje pode ver
14.40 Minuto 0-10
14.55 Eurovisão Transmissão directa do Grande Prémio Automóvel do Mónaco.
15.30 Vamos aprender judo
15.45 Eurovisão Transmissão do Grande Prémio Automóvel do Mónaco
16.15 Nos bastidores da aventura
16.30 Eurovisão Transmissão do Grande Prémio Automóvel do Mónaco
17.15 TV Infantil
18.15 Série juvenil Robin dos Bosques
18.45 Domingo Desportivo-1.ª edição
19.00 TV Rural
19.30 Telegiornal-2.ª edição
19.45 Expedição
20.15 Série de comédia «Os Mauzões de Chicago»
20.35 TV 7
21.30 Telegiornal-2.ª Edição
22.00 «Longstreet»
23.00 Fados
23.20 Domingo Desportivo-2.ª Edição
23.40 Telegiornal-últimas notícias
23.50 Meditação e fecho.

2.º Programa
20.30 Abertura e Dó Lá Si
21.00 Série filmada «Amor e Mau Génio»
21.30 Telegiornal - 3.ª edição
22.00 50 Anos de História
23.20 Fecho.

AMANHÃ

1.º Programa
12.45 Abertura e desenhos animados
13.00 Feminino Singular
13.15 Uma mãe para Eddie
13.45 Telegiornal-1.ª edição
14.00 Um dia com...
14.25 Logo à Noite

2.º Período
14.40 Ciclo Preparatório TV
19.00 TV Educativa
19.25 O Cjco Kiri
19.30 Telegiornal-2.ª edição
19.45 Cartaz TV
20.05 VIII Campeonatos Internacionais de Portugal de Badminton Transmissão directa do Pavilhão dos Desportos
21.30 Telegiornal-3.ª edição
22.00 O Jogo do Galo
22.45 Civilização
23.45 Telegiornal-Últimas Notícias
23.50 Meditação e Fecho.

2.º Programa
20.30 Abertura e um dia com...
21.00 Uma mãe para Eddie
21.30 Telegiornal-3.ª edição
21.55 Boletim Meteorológico
22.00 Noite de Cinema «O Poder da inocência»
23.40 Fecho.



urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C V P	66 5342	Aeroporto	71 1397
H de S. Jose	86 0131	C R G E	53 7021
H de S. Maria	73 0231	C Agas	36 1361
P S P	36 6141	Comboios	32 6226

tempo

HOJE

Situação do tempo

09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado e o vento era fraco a moderado de Noroeste; chovia ou caíam chuviscos em vários locais.

TEMPERATURAS DO AR

09 00 H.

PORTO	11.º
P. DOURADAS	1.º
COIMBRA	13.º
PORTALEGRE	9.º
LISBOA	13.º
FARO	16.º
FUNCHAL	16.º

TEMPERATURAS EXTREMAS

Tavira

Máxima 25.º

Penhas da Saúde

Mínima 0.º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar 13.8.º
Atmosfera 14.5.º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
0.44 4,0 m	10.18 0,6 m
17.04 4,1 m	22.48 0,6 m

Dia 15

5.34 3,9 m	11.03 0,8 m
17.53 4,0 m	23.37 0,7 m

Dia 16

6.25 3,7 m	11.50 1,0 m
18.43 3,9 m	

**PREVISÃO GERAL
ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ**

Céu com períodos de muito nublado; vento fraco a moderado de Noroeste; aguaceiros mais frequentes ao norte do Tejo.

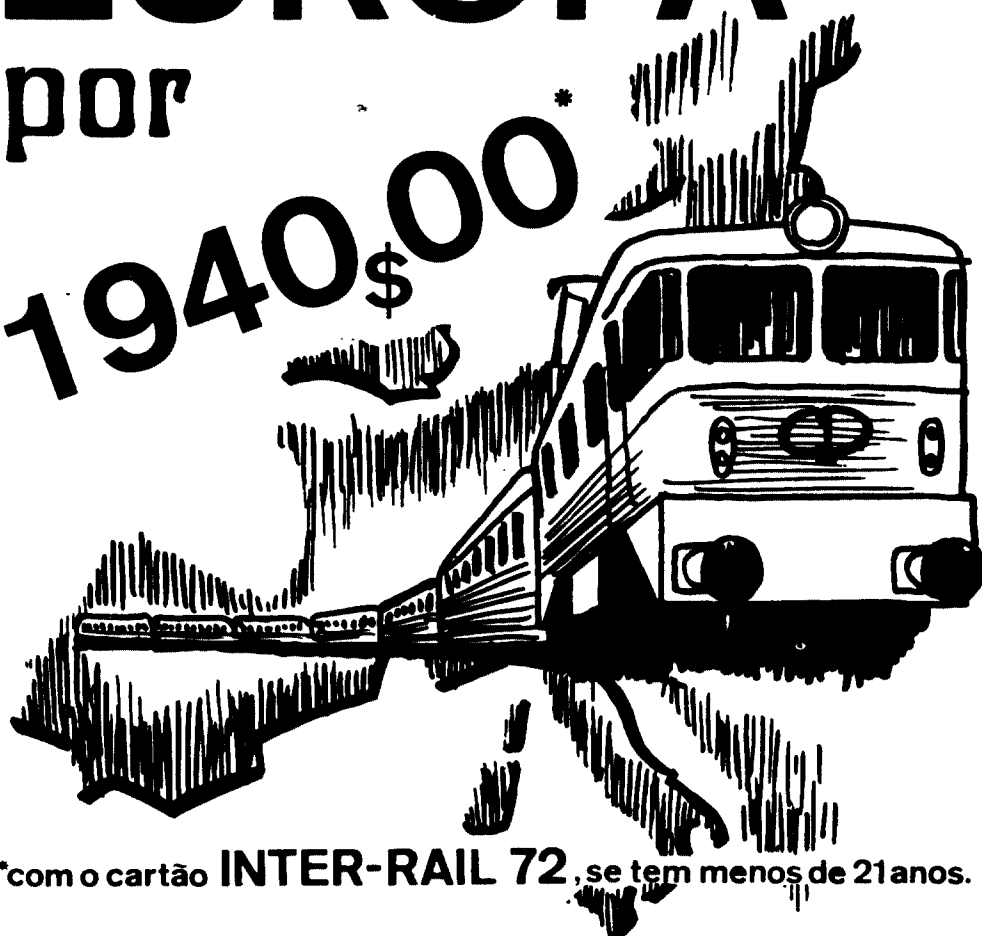
AMANHÃ

Nascer às 6.25
Ocaso às 20.42

Dia 20	Dia 28	Dia 4	Dia 11

**viaje na
EUROPA
por**

1940\$00



*com o cartão INTER-RAIL 72, se tem menos de 21 anos.

Peça informações nas Estações dos Caminhos de Ferro e nas Agências de Viagens



Caminhos de Ferro Portugueses

EMISSORA 1.º Programa			
15.30	TARDE DESPORTIVA — rádio desporto — futebol: Relato e informações dos jogos da 28.ª Jornada do Campeonato Nacional da 1.ª Divisão Actualidade desportiva	21.00	Desdobramento — sai o MF 2. Conhecem Fernando Lopes Graça? — programa distinguindo no concurso internacional pró-música, organizado pela rádio-televisão húngara
18.30	Música sem palavras	21.30	Que quer ouvir? — Programa elaborado por Margarida Brandão
19.10	Música da Europa	23.00	Emissão em línguas estrangeiras
20.00	Diário sonoro	01.15	Fecho.
20.20	Éxitos em parada	Emissão em MF 2	
21.00	Rádio desporto	15.30	Perspectivas da música para dois pianos
21.30	Variedades (ERN)	16.17	«Uma noite no Monte Calvo»
22.00	Teatro das comédias: «O Drama do Pêssego», de William Sidney numa adaptação de Manuel Lereño	16.30	POEMA SINF: DE Mussorgsky 3.º e 4.º actos da ópera «Príncipe Igor» (Borodine)
22.35	Música Portuguesa	17.25	Concerto em mi menor op. 35 para violoncelo e orquestra (Elgar)
23.05	Sole e torres	18.00	Junção
23.30	De um dia para o outro, por Fernando Garcia	PROGRAMA ESTEREOFÓNICO — MF 2	
00.00	Diário sonoro	21.00	Música ligeira variada
00.45	De um dia para o outro — (cont.)	22.00	Oratória «Elias» (Mendelssohn)
02.00	Fecho.	00.25	Sinfonia n.º 5, em mi bemol maior, op. 82 (Sibelius)
2.º Programa			
15.00	Música de piano	01.00	Hino Nacional — fecho.
15.30	Onda musical	RÁDIO CLUBE	
18.00	Concerto de domingo — (1.ª PARTE): Intercâmbio musical	14.00	Domingo à tarde
18.47	Canções de Debussy	14.30	Momento Sacor
18.58	Concerto de domingo — 2.ª PARTE: Intercâmbio musical — (cont.)	15.00	Música pelo caminho
19.45	Trio em ré, para violino, viola de arco e viola dedilhada (Rode)	15.55	Tarde desportiva
20.00	Diário sonoro	18.03	Projectão
20.20	Concerto em sol menor, op. 1 n.º 12 (Locatelli)	18.30	Meia hora depois
20.30	As grandes figuras do mundo português, pelo dr. Caldeira Pais	18.45	Ritmos em desfile
		19.02	Revista desportiva

Emissor de Miramar

15.55 Tarde desportiva
18.01 Música e desporto
18.30 Presença Coimbra
19.03 Conjunto
19.15 Campeão português
19.30 Boletim desportivo
20.10 Norte dia a dia
21.04 Viagens na nossa terra
21.30 A voz da esperança
22.03 Selecção de ritmos
22.15 A hora do templo
22.30 Variedades
23.04 Clube da juventude

RÁDIO RENASCENÇA

14.45 Música ao volante
15.30 Onda desportiva
18.00 Automobilismo
18.30 Terço e missa
20.00 Zona verde — espaço ocupado pela família
20.35 Variedades
21.00 Meditação
21.03 Suplemento especial
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Na hora do regresso
23.00 A 23.ª Hora
24.00 Tempo ZIP

farmácias de serviço

LISBOA

AJUDA
Mendes Gomes, Calçada da Ajuda, 222 (Tel. 638256); Tapada, Calçada da Tapada, 83-A (Tel. 634721)

ALCANTARA
Ester Nogueira, Rua da Alcantara, 5-A (Tel. 637563)

ALFAMA
Cruz de Malta, Largo Chafariz de Dentro, 36 (Tel. 886126)

ALTO DE S. JOÃO
Dalton, Av. Mouzinho de Albuquerque à (Praça Pava Couceiro), 7-A (Tel. 843571)

ALVALADE
Libia, Av. da Igreja, 4-B (Tel. 711681); Cella, Rua Moura Girão, 3-B (Tel. 681515)

AMOREIRAS
Amoreiras, Praça da Aguas Livres, 8-D (Tel. 681515)

ANJOS
Antolin, Av. Almirante Reis, 88-B (Tel. 44173); Magalhães, Av. Almirante Reis 4-D (Tel. 49479)

ARCO DO CEGO
Providência, Rua D. Filipa de Vilhena, 9-C (Tel. 770324)

AREIRO
Marbel, Av. de Roma, 131-A (Tel. 776235); Lusitânia, Av. de Roma, 18-A (Tel. 725443); Chinde, Rua Agostinho Lourenço, 6-B (Tel. 710331); Cella, Rua Moura Girão, 3-B (Tel. 710821)

BAIRRO ALTO
Gonçalves, Rua da Rosa, 176 (Tel. 262687)

BAIRRO DA ENCARNÇÃO
Zira, Praça das Casas Novas, lote 66 (Tel. 310172)

BAIRRO DA LIBERDADE
Zenel, Rua A. 182 (Tel. 651840)

BAIXA
Formosinho, Praça dos Restauradores, 18 (Tel. 30927); Normal, Rua da Prata, 220 (Tel. 321342-325553)

BELEM
Botânica, Rua da Junqueira, 38 (Tel. 638132)

BENFICA
Macedo, Estrada do Poço do Chão, 69-C (Tel. 703697); Benfíluz, Estrada de Benfica, 44-A (Tel. 782606); Canto, Estrada das Laranjeiras, 202-B (Tel. 780841)

CAMPOLIDE
Nova, Rua de Campolide, 297-C (Tel. 687475); Ronil, Rua Rodrigo da Fonseca, 153 (Tel. 683438)

CAMPO DE OURIQUE
Findor, Rua Maria Pia, 514 (Tel. 687949)

CAMPO DE SANTANA
Peninsular, Campo dos Mártires da Pátria, 117 (Tel. 553308)

CASTELO
Santa Luzia, Rua da Saudade, 2-B (Tel. 869831)

CONDE BARÃO
Açoriana, Largo do Conde Barão, 2 (Tel. 661330)

ESTEFÂNIA
Dello, Rua Açores, 32 (Tel. 52368)

ESTRADA DA DAMAIA
Progresso, Est. da Damaia, 64-C (Tel. 702226)

ESTRELA

Linalde, Rua Ferreira Borges, 30 (Tel. 660955); Neves, Rua da Bela Vista, 35 (Tel. 661251)

LUMIAR

Patuleia, Rua do Lumiar, 122 (Tel. 790332); Douro, Alm. das Linhas de Torres, 93-A (Tel. 991131)

MADRE DE DEUS

Madre de Deus, Rua da Margem, 15-B (ao Bairro do Grilo) (Tel. 382470)

OLIVAIS

Simão, Rua Cidade de Cabinda, 16-A (junto à piscina) (Tel. 310581)

PEDROUÇOS

Higilux, Rua de Pedrouços, 50 (Tel. 610280)

PENHA DE FRANÇA

Europa, Av. General Roçadas, 27-A (Tel. 843880); Higienica, Rua Heliodoro Salgado, 20-A (Tel. 844361); Zema, Rua General Justinao Padrel, 21 (à Calçada dos Barbadinhos) (Tel. 832580)

PICHELEIRA

Marluz, Calçada da Picheleira, 140-B (Tel. 720703-728395)

SANTA MARTA

Morais Sarmento, Rua da Santa Marta, 16-A/B (Tel. 46490)

S. BENTO

Micael, Rua de S. Bento, 380 (Tel. 662162)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA

Berna, Av. de Berna, 44-A (Tel. 773563); Sá da Bandeira, Rua Marques Sa da Bandeira, 32-42 (Tel. 41961-54672); Oliveira Viegas, Rua do Viriato, 29-A (Tel. 48966-553601)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Combatentes, Av. Comb. G. Guerra, 166 (Tel. 213953)

CAXIAS

Nova Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)

PAÇO DE ARCOS

Godinho da Silva Av. Patrão Lopes, 4 (Tel. 2432039)

OEIRAS

Oeiras L. Henrique Paiva Couceiro (Tel. 2430485)

PAREDE

Brandão Av. da República, 77-C (Tel. 2471054)

S. PEDRO DO ESTORIL

S. Pedro (Tel. 263052)

MONTE ESTORIL

Lopes R. Hangar, 3 (Tel. 260008)

CASCAIS

Marginal Av. Marginal (Tel. 280078); A. Costa R. Freitas Reis, 24 -C (Tel. 280214)

LINHA DE SINTRA

AMADORA

Melo P.D. João I - Lote 146-B.º Janeiro (Tel. 932756); Central Av. Cardoso Lopes, 25 (Tel. 932210); Igreja P. da Igreja, 22-A (Tel. 937740); Jardim Av. Conde de Oeiras, L.

ja X-1-Reboleira (Tel. 938424)
DAMAIA
D. João V - Av. Gurgel do Amaral, 2-A (Tel. 970461)

YENDA NOVA

Nova R. Elias Garcia, 10 (Tel. 972530)

QUELUZ

Gil Av. Miguel Bombarda, 28 (Tel. 950117); Simões Lopes Av. Elias Garcia, 51 (Tel. 950123)

CACÉM

Garcia Av. dos Missionários, 2 (Tel. 2942181)

MEM MARTINS

Químia Est. de Mem Martins, 285 (Tel. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA

Valentim (Tel. 980456)

SINTRA

Simões R. Heliodoro Salgado, 26 (Tel. 980832)

COLARES

Abreja (Tel. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE

Gamero L. António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 234100)

ALHOS VEDROS

Gusmão R. Cândido dos Reis, 30 (Tel. 224020)

ALMADA

Magalhães R. Capitão Leitão, 8-A (Tel. 270242)

BAIXA DA BANHEIRA

Aliança Est. Nacional, 174 (Tel. 224302)

BARREIRO

Central Av. Alfredo da Silva, 48 (Tel. 2273207)

COVA DA PIEDADE

Império R. Cabo da Boa Esperança, 31-A (Tel. 274356)

MOITA

Silva Rocha P. da República, 16 (Tel. 239029)

MONTIJO

Higien R. José Joaquim Marques, 142 (Tel. 230370)

SESIMBRA

Leão Av. Salazar (Tel. 229471)

SETÚBAL

Lisboa R. Dr. Paulo Borba (Tel. 22248); Salão Av. Portela (Tel. 22709)

SEIXAL

Godinho L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580)

PORTO

SUB-TURNO A

Almeida Cunha, Lda, Rua Formosa, 327; Pereira (de) Rua da Preciosa, 35; Sampaio, Rua de Cedofeita, 636; Saúde, Av. Comb. G. Guerra, 689; Vaz Teixeira, Sucra, Rua do Heroísmo, 56

SUB-TURNO B

Birra, Praça da Liberdade, 125; Costa Lima, Av. da Boavista, 855; Marques de Mendonça, Rua do Amal, 251; Monte Cativo, Rua do Monte Cativo, 444; São Jerónimo, Rua Santos Pousada, 622

COIMBRA

S. Sebastião, Rua António Jardim (tel. 28802); Silcar, Rua Ferreira Borges, 88 - 94 (tel. 22923); Paiva, Pr.º do Comércio, 57-58 (Tel. 23231)

cinemas

S. JORGE (Tel. 54153)
15.15-18.15-21.30
(Grupo C-14 anos) 3.ª Semana
«SIGA AQUELE CAMELO»!
A comédia da Arábias, com os cómicos ingleses ao ataque

VOX (Tel. 720808)
15.15-18.30 e 21.45
Grupo D (M 18 anos)
Peter Fonda, Vuna Blom e Warren Bates, «O REGRESSO»
Este sim! Mesmo colorido.
Av.ª Frei Miguel Contreiras

POLITEAMA (Tel. 326305)
15.15-18.15-21.45
(Grupo D-18 anos)
(12.ª Semana de êxito com Renato Rascel, G. Granata e G. Guiffre «A TRANSPANTACÃO».

ALVALADE (Tel. 717480)
15.15-18.15-21.45
(Grupo D-18 anos)
«VIAGEM ENTRE MULHERES»
com Silva Koscina e Maurice Ronet.

ROYAL (Tel. 885037)
15.00-21.00
(Grupo B-10 anos)
Cantinflas, Artur de Cordova e Marga Lopez em «O CATEDRÁTICO» e «O GRANDE MAS-SAGRE».

MONUMENTAL (Tel. 555131)
15.15-18.15-21.30
(Grupo D-18 anos)
«QUEM É HARRY KELLERMAN?» com Dustin Hoffman

APOLLO 70 (Tel. 763319)
14.30-16.45-19.00-21.45
(Grupo D-18 anos) 6.ª Semana
O último filme de Milos Forman «TAKING OFF» (os amores de uma adolescente).

IMPÉRIO (Tel. 555134/5)
15.15-18.30-21.30
(Grupo D-18 anos)
«LILITA» com James Mason, Shelley Winters, Peter Sellers e Sue Lin.

CONDES (Tel. 322523)
15.00-18.30-21.45
(Grupo B-10 anos)
«LONGE DA MULTIDÃO» com Julie Christie e Alan Bates

IMPERIAL (Tel. 821933)
15.00 - 21.00
(Grupo D - 18 anos)
3.ª Semana «O QUINTO DEDO»
com Franco Nero Ira Firsienberg e Silvia Monti. Em complemento «DOMICÍLIO CONJUGAL».

AVIZ (Tel. 47173)
15.30-21.45
(Grupo B-10 anos)
«TRINITY-COW-BOY INSOLENT» com Terence Hill e Bud Spencer (O Western do ano já em 16.ª Semana

BERNA (Tel. 776098)
15.15-18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
7.ª Semana triunfal com Gene Hackman e Roy Scheider em «THE FRENCH CONNECTION» (Os incorruptíveis contra a droga).

LIZ (Tel. 48560)
15.00-21.00
(Grupo d-18 anos)
3.ª Semana «A LONGA JORNADA» com Marcello Mastroianni e Catherine Deneuve.
«O HOMEM PERDIDO» com Sidney Poitier

ODEON (Tel. 326283)
15.15-18.15-21.30
(Grupo C (14 anos) 13.ª Semana
«NÃO DESEJARÁS O DELICADINHO DO 5.º» com Alfredo Landa, Jean Sorel, Ira de Fustemberg e Isabel Garces

EDEN (Tel. 320768)
15.30-18.30-21.45
(Grupo D-18 anos)
«CONCERTO PARA UMA PISTOLA SOLISTA» com Anna Moffo e Eveline Stewart

TIVOLI (Tel. 50595)
15.15-18.30-21.45
(Grupo D-18 anos)
«OS IMPOSTORES» com Anna Moffo e Olívia de Havilland.

EUROPA (Tel. 651016)
15.15 - 21.30
(Grupo D-18 anos)
«VIDAS CRUZADAS» com Rod Taylor e Carol White.

ROMA (Tel. 727778)
15.30-18.30-21.45
(Grupo C-14 anos)
«LOTAÇÃO ESGOTADA» com Artur Semedo, Luísa Melo e Miguel Franco.

MUNDIAL (Tel. 538743)
15.15-18.30-21.45
(Grupo C-14 anos)
«A NOITE DAS 8 BADALADAS» com Anthony Hopkins, Nathalie Delon, Robert Morley e Jack Hawkins.

LIDO
15.30-21.30
(Grupo D-18 anos)
«A DÉCADA PRODIGIOSA» com Orson Welles, Marlene Jobert e Anthony Perkins.

SATÉLITE (Tel. 562632)
15.00-17.00-19.00-21.45
(Grupo D (18 anos) 3.ª Semana
«A REGRA DO JOGO».

LONDRES (Tel. 730579)
14.15-16.30-18.45-21.45
(Grupo D-18 anos) 5.ª Semana
«TRISTANA» com Catherine Deneuve, Fernando Rey e Franco Nero na obra-prima de BUNUEL. Cinema e ma - Snak-bar - Pub «The Flag» Faça três coisas num sítio só

ESTÚDIO 44 (Tel. 779095)
15.30-18.30-21.45
(Grupo D (18 anos)
«O JARDIM ONDE VIVEMOS» com Dominique Sanda e Helmut Berger em 4.ª Semana (O filme que ganhou o Oscar da Academia)

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)
15.00-17.00-19.00-21.45
(Grupo C-14 anos) 5.ª Semana «UMA ABELHA NA CHUVA» um filme de Fernando Lopes, baseado no Romance de Carlos de Oliveira, com Laura Soveral e João Guedes.

CASINO ESTORIL
18.30-21.30
(Grupo D - 18 anos)
«O MENSAGEIRO».

outros espectáculos

LISBOA Teatros

VARIEDADES
20.45 e 23.00 (M. 18 anos)
«Empresta-me o teu apartamento».

VILLARET
21.00 - 23.00 (18 anos)
«O Tarluto».

LAURA ALVES
20.45 e 23 (18 anos)
«Uma cama para toda a gente».

A. B. C.
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Viva a Pámdilha».

MARIA VITÓRIA
20.45 e 23 (18 anos)
«Pronto a despir».

CASA DA COMÉDIA
22.00 (18 anos)
«Dança da morte» em 12 assaltos

GIL VICENTE
22.00 (18 anos)
«Ivone Princesa de Borgonha».

LISBOA/Cinemas

RESTELO
21.30 (18 anos)
«O Malandro».

PARIS
21.00 (18 anos)
«O Malandro».

CINEARTE
21.00 (18 anos)
«Ben-Hur».

OLYMPIA
21.00 (10 anos)
«O Zorro de Monterrey».

MAYER
21.00 (10 anos)
«Batalha dos Ardenos».

UNIVERSAL
21.00 (10 anos)
«Perdido no deserto».

JARDIM
21.00 (14 anos)
«Sweet Charity».

ARCO IRIS
21.00 (10 anos)
«O Tímulo do pistoleiro».

PROMOTORA
21.00 (18 anos)
«A Filha de Ryan».

LINHA DE CASCAIS

OEIRAS
Oeiras Cine
21.00 (10 anos)
«O Director descalço».

FAREJE

Royal Cine
21.15 (14 anos)
«O Silêncio do amor».

ESTORIL
Casino
18.30 e 21.30 (18 anos)
«O Mensageiro».

Palácio
21.30 (18 anos)
«Doutor Jivago».

Eplanada
21.30 (14 anos)
«O Grande ajuste de contas».

CASCAIS
S. José
21.30 (18 anos)
«A Década prodigiosa».

LINHA DE SINTRA

VENDA NOVA
Cine Portugal
21.15 (18 anos)
«Get Carter».

DAMAIA
D. João V
21.30 (18 anos)
«A Doce Vida de Casta Susana».

AMADORA
Lido
21.30 (18 anos)
«A Década prodigiosa».

Recreios Desportivos
21.15 (10 anos)
«Sete vezes sete».

SINTRA
Carlos Manuel
21.30 (18 anos)
«Bananas».

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (14 anos)
«Callow».

BARREIRO
Ginásio
21.00 (10 anos)
«Pedro o pescador».

Cine-Barreirense
21.00 (18 anos)
«O Dossier Anderson».

TRAFARIA
Pavilhão Jardim
21.15 (10 anos)
«O Gendarme em férias».

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (14 anos)
«Romance de um ladrão de cavalos».

PORTO Teatros

ANTONIO PEDRO
21.45 (14 anos)
«Fim de festa».

LEIRIA/cinemas

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA
21.0

DL/DOMINICAL

RELIGIÃO



RENASCENÇA GRAFICA S. A. R. L.
PROPRIETARIA DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1.º, 2.º, 4.º
TELEF. 654531/2-3-4
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA, TELEX 1363
LISBOA-PORTUGAL

SENHORA DA SAÚDE

PROCISSÃO

TAMBÉM É NEGÓCIO DE JANELA E FATO DE ANJO

Formando um mar policromo e denso, milhares de pessoas assistem hoje — como há quatro séculos — à procissão da Senhora da Saúde, em que se integram fiéis envergando as opas azuis e brancas da Irmandade de N. S. da Saúde e S. Sebastião e centenas de crianças luzindo fatos (alugados) de anjos e santas. Nas janelas, engalanadas, milhares de pessoas assistem ao passar do préstito com fervor ou simples curiosidade. Gente que vem de longe, mesmo de fora de Lisboa, povo que à falta de familiares ou conhecidos que possam valer-lhe não se importa de abrir mão da carteira para dispor de janela ou varanda desafogada.



Ornamentos religiosos para pagadores de promessas

Procissão também é negócio que aproveita a muitos.

Não se pode dizer que o aluguer de janelas e varandas em todo o extenso percurso da procissão da Senhora da Saúde seja um fenómeno de grandes proporções. Como é natural, os próprios moradores são os primeiros interessados em assistir à cerimónia e são eles, afinal, quem com os amigos guarnece as varandas e janelas engalanadas. Mas a verdade é que há

Reportagem
de
MÁRIO
CARDOSO

também quem aproveite para equilibrar o orçamento familiar cedendo por uma ou duas notas de cem (ou mais) o «poleiro» mais ou menos bem situado.

Pensões e casas de hóspedes aproveitam também a maré. Neste dia, os quartos que deitam para a rua não ficam por alugar, muitas vezes ocupados por famílias que todos os anos cumprem o cerimonial da sua presença e lhes permitem falar da «sua» varanda na roda de amigos e comadres — o que, de resto, dá uma certa promoção.

GUARDA ROUPAS

«Isto é quase pior que no Carnaval» — dizem os donos dos guarda-roupas referindo-se ao movimento que nesta altura registam. Pior

é uma Assim de dizer, é claro; o trabalho é muito, mas a receita é também compensadora... Na procissão incorporam-se sempre muitas centenas de crianças vestidas de anjos, Nossa Senhora, Senhor dos Passos, etc. e os fatos são quase sempre alugados, como é natural.

Como, entretanto, os seus acompanhantes têm que levar obrigatoriamente uma opa vestida, estas saem também, em grande parte, dos armazéns daqueles estabelecimentos, pois que a Irmandade de Nossa Senhora da Saúde apenas distribuiu este ano 275 opas a acompanhantes — além de 65 aos «irmãos» — e os dois guarda-roupas que consultámos já tinham, cada um, cerca de trezentos fatos de criança alugados.

Os preços variam em função dos fatos e da própria qualidade dos tecidos em que são confeccionados, além dos adereços que os compõem. Isto para não falarmos da velha regra de que «o preço do capacho é conforme a cara que ih' acho»... Assim, os fatos vão desde o preço mínimo (80 escudos) até aos 400 escudos que são exigidos pelo aluguer de um belo fato de anjo todo bordado e com coroa de pedras faiscantes.

PROMESSAS

Por vezes surge o insólito, há três anos, em cumprimento de uma promessa, uma senhora alugou uma enorme cruz de madeira, de grandes dimensões e pesando nada menos de 45 (1) quilos, e sozinho percorreu com ela todo o trajeto da procissão. A única facilidade que a devota se concedeu foi a colaboração de um pequeno rodízio na base do madeiro... E no ano seguinte foi a vez de um homem cumprir da mesma forma o sacrifício que se impusera.



FAZER PELA VIDA

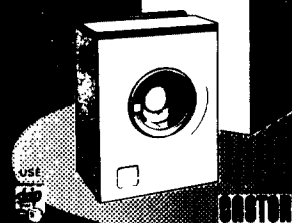
Os muitos milhares de pessoas que inundam as ruas do percurso e a zona do Martim Moniz onde se ergue a pequena capela da Senhora da Saúde atraem, por seu turno — além dos carteiristas, é claro — toda uma multidão de vendedores ambulantes que procuram impingir desde o fresquinho «baunilha ou chocolate» às imagens, medalhas e medalhinhas, passando pelos lenços para a cabeça

e o «amendoim torradinho». É gente que faz pela vida, gente que não pode dar descanso nem ao corpo nem à imaginação, se quer ter um pouco mais de desafogo numa vida feita de desesperança e de pequenas alegrias. Povo que nas mãos brande o ganha-pão ocasional, enquanto lança um olhar rápido mas devoto à imagem que, ondeando ao ritmo dos passos ritmados, vai projectando a multidão a seus pés.

VEJA OS NOVOS MODELOS DE MAQUINAS DE LAVAR E FRIGORIFICOS

CASTOR

QUALIDADE
PRESTIGIO
GARANTIA



5 NOVOS MODELOS DE MAQUINAS DE LAVAR
9 NOVOS MODELOS DE FRIGORIFICOS
SÃO REALMENTE SENSACIONAIS!

A VENDA NOS AGENTES OFICIAIS

RAFAEL BURGUETE, LDA.
Lisboa - Porto

ALBERGARIA DOS DOZE
Dr. Albino
Rodrigues Costa

Sua família participa que serão celebradas missas pelo seu eterno descanso, no próximo dia 15, pelas 11,30 horas em Lisboa, na Igreja do Sagrado Coração de Jesus à Rua Camilo Castelo Branco e às 20 horas na Igreja paroquial de Albergaria dos Doze.

Recebe agradecimento a comparencia a este piedoso acto.

Teka



LAVA LOUÇA
INOX 18/8

FABRICADO POR
Teka-Hergóm Española, s.a.

REPRESENTANTE
ANSELMO SANTOS

AVEIRO — AV. ARAÚJO E SILVA, 109
LISBOA — R. COR. BENTO ROMA, 12-A
REVENDEDORES EM TODO O PAÍS

PASSAPORTES
UM TELEFONEMA...
UMA ASSINATURA...
Agência de Viagens
CATUR

DOVER CLASSE GANHA



Basquete tem ídolo **TÍTULO**

HOJE PODE LER

REPORTAGEM



No Grupo Sportivo de Carcavelos, uma centena de petizes faz ginástica graças à devoção de Fernando Monteiro e à excelente cooperação de uma direcção virada para a frente. Mas os problemas são tantos que mandámos lá uma equipa de repórteres. O resultado, que dá para pensar, está nas páginas 10 e 22 Orlando Dias Agudo escreveu e Lobo Pimentel Júnior fotografou. o tema foi a criança.

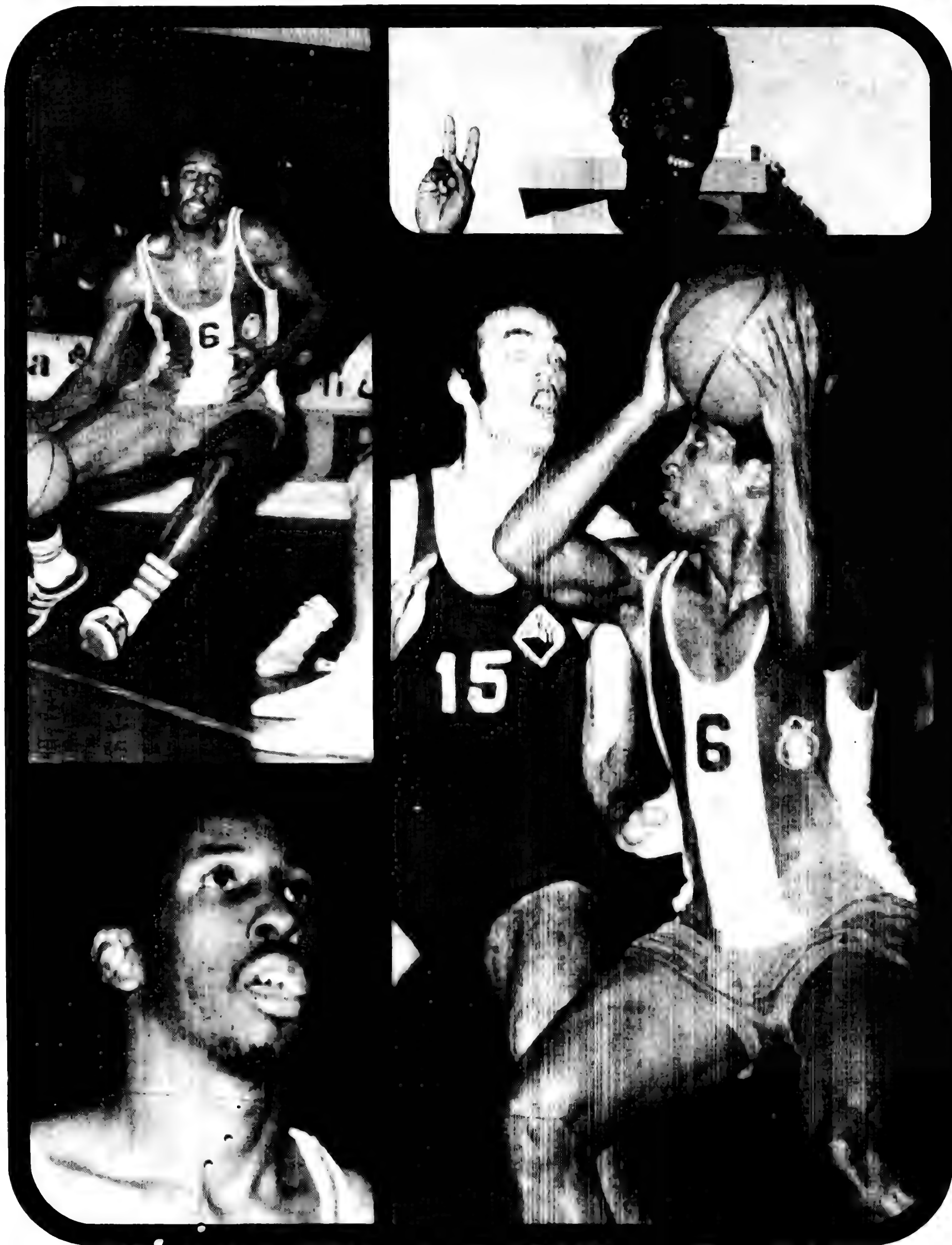
Tema

Que é isso de pedalar por dinheiro? Quantos são os profissionais portugueses de ciclismo? Em que clubes trabalham? Que labuta têm à sua frente na meia dúzia de meses em que podem fazer pela vida? Jesus Cunha conta tudo na central.

SOBRE RONNIE ALLEN



de PRAÇA
a PRAÇA
NEVES DE SOUSA



o seguro de vida
vale a pena



sim, vale a pena porque...

■ Mesmo falando em pequenos pagamentos mensais — equivalentes por exemplo ao valor do Abono de Família — o Seguro de Vida é o único processo actualmente ao alcance da grande maioria dos agregados familiares para fazer face às suas preocupações imediatas de protecção.

■ Os pequenos pagamentos mensais, acumulados e capitalizados ao longo dos anos, constituirão um capital a entregar ao Segurado no fim do prazo do contrato. Mas se ocorrer a morte do Segurado, a Império entrega imediatamente o valor seguro aos familiares indicados na apólice.

■ O Seguro Popular de Vida Império, que alcançou a mais larga expansão alguma vez conseguida na actividade Seguradora portuguesa, é a confirmação do interesse que modalidades deste tipo têm merecido.

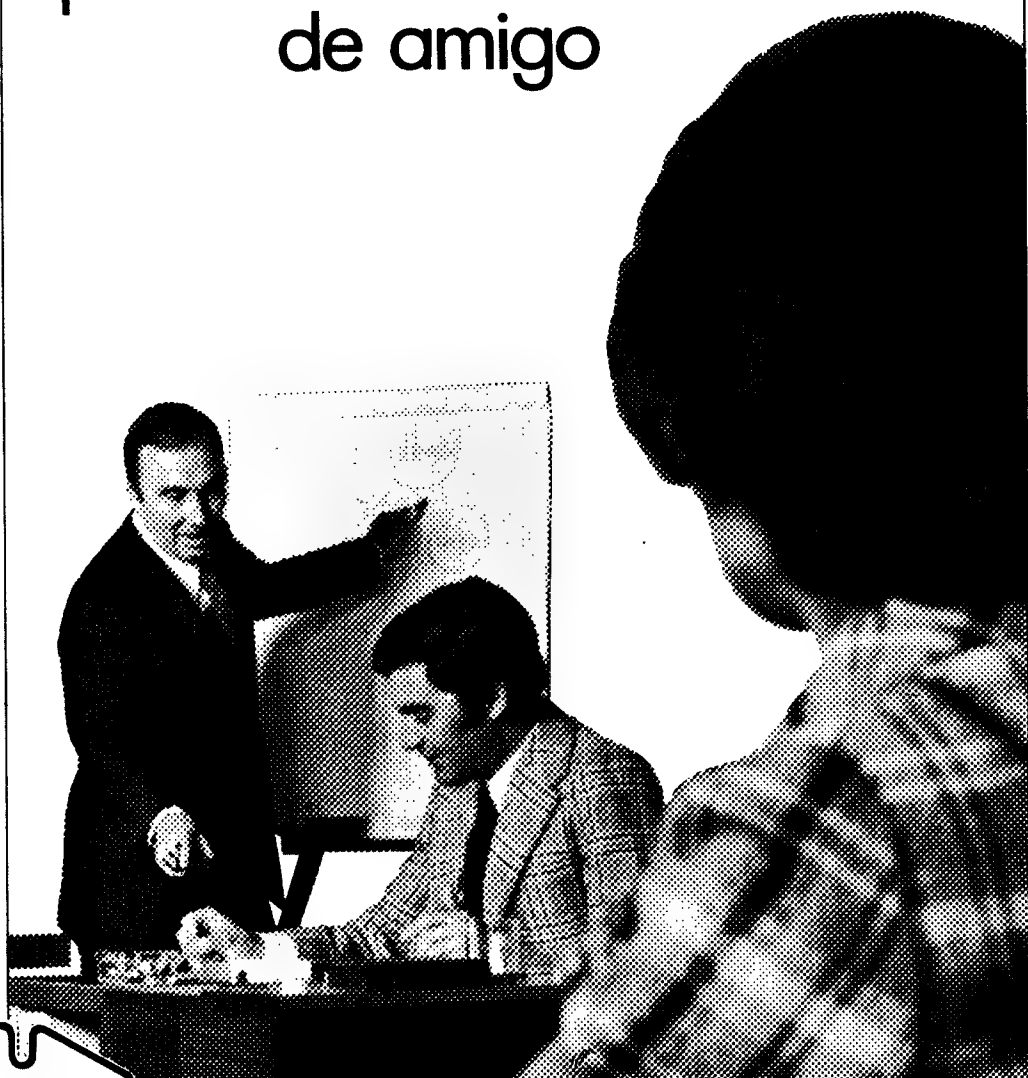
■ Mas o Seguro de Vida oferece-lhe mais alternativas. Da mesma forma, com pequenos pagamentos mensais, poderão ser garantidos capitais ou rendas de montantes muito elevados. É o caso do novo Seguro do Rendimento Familiar Império — agora ao dispor de todos os chefes de família — que garante o pagamento de um capital ou uma renda apenas em caso de morte dentro de um certo prazo.

■ Este novo Seguro permite, ainda, acompanhar a evolução das Necessidades do Grupo Familiar, dando a possibilidade de ajustar os valores seguros de harmonia com as variações do poder de compra de cada Segurado.

■ Por estas e outras razões, de que o Consultor de Segurança Império lhe falará, afirmamos que o Seguro de Vida Vale a Pena.



a Império formou
um consultor de segurança
para lhe dar um conselho
de amigo



SEGURO DO RENDIMENTO FAMILIAR IMPÉRIO

O Consultor de Segurança Império é um homem escolhido para compreender o seu problema pessoal. Um homem preparado pela Império para lhe propor as soluções que melhor se adaptam às suas necessidades. Um homem que representa a dimensão e o potencial de segurança da Império colocados ao seu serviço.

O seu perfil: competência, seriedade, simpatia.

Analise com ele as vantagens do **seguro de rendimento familiar**: o seguro de vida feito à medida das necessidades de protecção dos que estão a seu cargo. E por um preço que nem sente.

Repare neste exemplo: cerca de 150\$00 mensais, para um homem de 30 anos, garantem uma renda anual de 35 contos durante vinte anos.

Para maior comodidade a Império estabeleceu prémios fixos de 50, 100, 150, 200, 250 ou 300 escudos por mês.

Contacte com um técnico e analise seguros com um amigo: o seu Consultor de Segurança Império.

Rua Garrett, 62 - Lisboa



Estando interessado em conhecer (sem nenhum compromisso) o Seguro do Rendimento Familiar, agradecia que me enviassem elementos que completem a minha informação pessoal.

NOME _____

MORADA _____

IDADE DO FILHO MAIS NOVO _____

DALE DOVER: China é a próxima meta do maior ídolo de uma grande cidade

Dale Dover, o homem-do-cesto do Futebol Clube do Porto, verdadeiro ídolo duma multidão para quem o futebol representa frustração. O homem que provocou uma euforia indescritível. Numa cidade desiludida. O maior nome ao serviço do basquetebol português.

Já muito se escreveu, se disse, se gravou e se televisionou sobre o «profeta» americano. Entretanto há sempre qualquer coisa nova em torno de Dale Dover, desportista, que na América terá sido mais «um bom jogador» e que no nosso País é único. Único porque, na verdade, Dover demonstrou soberbamente, em seis meses, o que é jogar basquete. Na elevação, nos passes, no distribuir, na meia-distância, no encastamento. Em todas as «nuances» a que o basquetebol obriga. Dover é, na verdade, um jogador em letras grandes. Elástico. Possante. Sabe-dor. Único.

BASQUETEBOL DE RUA

Foi com Dale Dover que conversámos. Preparava-se para ir até Moçambique. Encontrá-lo num «bureau» oficial, na azáfama da papelada e de horas e horas de espera. Por causa do «visto» para a saída.

Na América também é assim?

Não. Aqui é muito papel...

Dover («flash») diz-nos que praticou atletismo, natação e futebol americano, ao nível escolar. Aliás como o próprio basquetebol.

Aprendi basquete na rua. Tal como em Portugal se aprende a jogar futebol na rua, na América aprende-se o basquete. Existem até tabelas pelas ruas. Uma por cada grupo de quatro ruas. Mesmo em Nova Iorque: Há uma área de cerca de 10 quilómetros, no centro, que não terá tabelas, mas nessa zona existem muitos ginásios e daí a facilidade em praticar este desporto.

PORTUGAL

Vim para Portugal porque gosto muito de contactar com

bem, é necessário defrontar as melhores equipas: só assim terão a oportunidade de aprender a jogar. Veja que, quando eu tinha 3 anos, já jogava com a equipa de meu irmão: que tinha 7 anos. No liceu defrontava equipas de universitários e quando já estava na Universidade competia com profissionais. Assim aprendi muito basquete. Considero Portugal quase pronto para defrontar outras equipas do Mundo. O F. C. do Porto e o Sporting de Lourenço Marques estão potencialmente em condições de competir, com galhardia, com outras

Quem é quem?

Dale Warren Dover nasceu a 2 de Agosto de 1949 em Nova Iorque. Começou a praticar o basquetebol aos 3 anos, como «Mascote» da equipa na qual jogava seu irmão (4 anos mais velho que Dover).

Dos 5 aos 11 anos frequentou a «Primary School», dos 11 aos 15 a «Secondary School», dos 15 aos 18 a «High School» e, dos 18 aos 22, a «Harvard University», onde tirou um curso de chinês. Estudou, portanto, a «sociedade chinesa nos aspectos políticos, culturais, históricos e económicos». Com esse curso exerceria a sua função em embaixadas. Dover passou todos os anos sem reprovar.

os povos e de conhecer sistemas de vida diferentes do meu. É animado destes propósitos que irei, dentro de um, dois ou três anos, até à China.

Sobre o basquete português.

Parece-me que os portugueses ainda têm medo de sair do País e jogar contra a Rússia, a Jugoslávia ou Checoslováquia. Mas para jogar

equipas europeias.

Dover acrescenta:

Se os americanos fossem todos embora o Porto pouco ou nada se ressentiria. Portela e Benjamim têm boa cabeça e seriam capazes de ser orientadores, continuando o meu trabalho.

Faz pausas, pensa as palavras e fala da próxima época.

Ensinarei como jogar basquete, aos juniores e juvenis, além dos seniores, claro. E não quero que eles ganhem, jogando mal. O melhor é que eles aprendam o basquete. Isso é que importa e isso é que pretendo incutir em todos eles. Tecnicamente bem: depois ganhar.

Dover continuará em Portugal?

Depende. Mais um ano ou dois. Não gosto de estar muito tempo no mesmo lugar. Quero conhecer novas sociedades, mundos diferentes. Depois, partir: deixando uma possibilidade de continuação do meu trabalho.

Sobre a euforia dos portugueses com as vitórias dos azuis-e-brancos.

Naturalmente que me agrada muito ver tantos portistas atrás da nossa equipa. Mas acho exagerado: e gostaria que houvesse mais entusiasmo, não por ganharmos mas por jogarmos bem. Acabamos o campeonato começando a jogar basquetebol. A jogar bem, como eu sei, não se pode só pensar em ganhar. O principal é jogar tecnicamente bem.

Dover, um «super man»?

Parece-me que mereço tal consideração e todo o entusiasmo que têm por mim, porque sou, na verdade, um bom jogador. Treinava duas, três horas por dia durante quase todo o ano, para atingir cravemente técnico-atlética. Joguei mesmo muito basquete. Olhe que não jogava só na equipa da minha escola, pertencia também à equipa da minha igreja



Dale Dover: «basquete sei eu»

e à do meu bairro. Jogava portanto em três conjuntos. Era muito basquete...

VEDETISMO EM CAUSA

Quando vou na rua ouço dizer: «Dover é vedeta, é craque». Mas, para mim, Dover é ainda medíocre. Há muitas coisas que não sou ainda capaz de fazer mas que, dentro de 3 ou 4 meses, saberei executar. Não sou o melhor jogador do Mundo mas, com mais treino, devo sê-lo qualquer dia. (Sorri). Não me considero ainda um jogador formado. Mas a vontade de «ser mais», em Dover não se orienta só na directriz do desporto: O basquetebol é só uma parte da minha

força das equipas adversárias. É necessário ser-se bom distribuidor, bom passador, bom lançador: depois, perante os valores individuais das equipas contrárias, pode ocupar-se a melhor posição. Exige-se também que um jogador, tenha orgulho do desporto que pratica e da sua equipa. No F. C. do Porto, e sempre que jogamos, temos de actuar de acordo com os títulos que obtivemos.

Está insatisfeito, Dover?

Não, porque como homem estou sempre a valorizar-me. Aliás, ainda sou muito novo e tenho bastante tempo para aplicar os conhecimentos que obtive. Irei até à China, como já referi: os chineses têm uma maneira especial de

Texto de LUIS MARCOS

vida. Quero falar muitas línguas. Quero ir à China. Quero contactar com gente, com muita gente de outros países.

Medidas para a valorização do basquetebol português?

Contratar bons treinadores, que saibam bom basquete. Que saibam o que é bom e o que é mau. E começar a orientação pelos juniores e juvenis. Se os treinadores não souberem como jogar bem os «alunos» não poderão aprender. Eu sou um exemplo do nível do bom basquetebol. Portanto, os que me imitarem poderão também ser bons jogadores. Há, porém, mentalidades fracas em muitos jogadores: que apenas treinam (por exemplo) só ao lançamento. Quando, na verdade, se exige a um jogador que treine bem todas as exigências da modalidade.

É importante que os jogadores treinem durante muito mais tempo. São os treinos assíduos que dão a elasticidade necessária para se jogar de muitas maneiras, conforme a

viver. Calmamente, sem grandes alardes. Pacatamente. E eu gosto do meu sistema de vida.

Na América, quem seria Dover?

Parece-me que ainda sou um dos melhores jogadores da América. Lá, existem muitos bons jogadores, mas poucos são os que têm condições para orientar uma equipa e chegar a campeão. Tenho habilidade para treinar e muita força de vontade. Portanto, na América continuaria a ser um bom jogador.

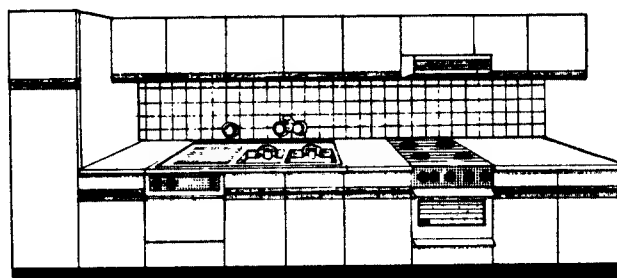
Dover, por vezes confuso, alguns momentos contraditório. Mas, sempre o mesmo: com os esgares que lhe são bem peculiares. Foi Dover. Dale Dover. Um emigrante que, por algum tempo, assentou arraiais na capital do Norte. Para a conquistar.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Francisco António Galrito «Papalaria Castrense». Rua Morais Sarmiento, 22 — CASTRO VERDE



Dois americanos do basquetebol português: Clark (Académico) e Dover (F. C. Porto), ao lado das respectivas noivas, que também são americanas e já moram no Porto

cozinhas
SUSANA



... prolongam a beleza da sua cozinha.

UM PRODUTO

sanimar

LISBOA — Praça José Fontana, 26 — Telef. 56 20 51

BARREIRO — Rua Eusébio Leão, 20-B — Tel. 227 24 03

PORTO — MAGOM — Rua Duque de Loulé, 37. Tel. 29372



Jaime Graça esteve para ser dispensado pelo Benfica ao Vitória: o seu clube de origem. Estevão saiu do Belenenses para o Braga porque não prestava para o futebol «azul»: quando o quiseram recuperar a volta custou bom dinheiro. Atraca deu os primeiros pontapés na bola lá por Faro: depois de ir ganhar a vidinha ao Norte, o «filho pródigo» regressou ao lar. Nelson veio da Madeira com a ideia de prolongar (em fama) a grande «estrêla» local: «Pinga». Agora, no Sporting, tem

(finalmente) direito a lugar efectivo entre os bons do chute. Quanto a Melo (um metro e setenta de altura, já com boa vontade) está na barra porque é o derradeiro guerrilheiro de Coimbra a replicar à sacudidela de divisão. A equipa de «DL/Desportos» juntou nestas páginas porque eles vão estar em foco esta tarde: Cada qual sob sua bandeira têm pontos comuns nas várias histórias.

Nasceu no Funchal (tal como o «Pinga», o saudoso Artur de Sousa) e o pai jogava no União. Estava perfeitamente na lógica das coisas que o menino se interessasse pelo futebol e aparecesse pelo campo de jogos do clube do papá. A lógica, porém, só funcionou até certo ponto: aos onze anos, o menino Nelson resolveu inscrever-se no Marítimo, o eterno rival do União, declarando guerra futebolística ao progenitor. Habilidoso e ambicioso, o jovem jogador do Marítimo deve ter começado a pensar que uma ilha era pouca para ele. E, um dia, ei-lo que chega a Lisboa, com destino ao Benfica.

Claro que já adivinharam: falamos de Nelson Fernandes, o madeirense ao serviço do ataque sportinguista, hoje com 26 anos e uma carreira de profissional da bola um tanto agitada.

Foi nos juniores do Benfica que Nelson, definitivamente, deu provas da sua capacidade. De tal maneira, que, em breve, apareceria integrado na selecção nacional chamada a disputar o Torneio de Juniores da UEFA, na Holanda. Nessa mesma época (a de 63-64) participa no torneio de San Remo e joga pela selecção de Lisboa contra a de Madrid. Tudo indicava que Nelson o caminho aberto para a equipa principal do Benfica, mas...

O Benfica tinha os quadros lotados de jogadores de craveira excepcional. Que lugar, portanto, para o jovem Nelson, valoroso, mas sem a experiência dos grandes jogos com os gran-

des públicos? «Emprestado» por uma época, o madeirense troca Lisboa pela Póvoa: vai jogar pelo Varzim. Ao serviço deste clube, faz uma temporada sensacional. Finda esta, é o regresso ao Benfica. O regresso e novo apagamento, porque as «estrelas» eram muitas: Eusébio, Torres, Simões, Coluna, José Augusto. Nelson tão depressa confia (Gutman e Riera chamam-no várias vezes às «primeiras» e convocam-no, inclusivamente, para jogos internacionais na época de 66-67), como atravessa períodos de desânimo, relegado para as reservas ou para o banco dos suplentes. Entretanto, os apelos para a selecção militar e depois da selecção nacional B, empunham-lhe novo sentido das responsabilidades e apontavam-lhe o caminho da perseverança.

Um caminho que, novamente, vai passar pela Póvoa. Terminada a época de 67-68, Nelson regressa ao Varzim, não tendo concordado com as propostas do Benfica para renovação do contrato. O jogador volta a exibir-se em grande plano, triunfando jogo após jogo. O seleccionador nacional lembra-se dele para o encontro

contra o México, em 1969, no Estádio Nacional. A equipa a que se costuma chamar «de todos nós» actuou tristonha e o encontro terminou com o mais pobre dos resultados: um empate a zero. Mas o facto é que Nelson tinha alcançado um dos objectivos maiores de um futebolista — a representação nacional.

De novo, o excelente serviço prestado ao Varzim, altera a trajectória profissional do madeirense. Os clubes ditos «grandes» interessam-se por ele. O Sporting faz a conquista. Ou melhor: o contrato. Nelson volta a abandonar a Póvoa Onde, aliás, constituiu família anos antes, quando da sua primeira passagem pelo Varzim e volta para as luzes da capital.

Da linha de acção de Nelson ao serviço do Sporting se pode dizer que tem, em certo modo, acompanhado os próprios altos e baixos da equipa, nestes últimos anos. Até porque

Textos de ANTONIO TADEU



o jogador tem tido, e continua a ter, presença regular, na linha dianteira leonina. Chamdo à selecção nacional mais duas vezes (em Outubro de 69 contra a Roménia, e em Maio de 70 perante a Itália), continua a ser elemento a ter em conta. Tudo depende da sua aplicação, tudo depende dos «velhos» e dos novos que o desafiam a jogar melhor do que eles. Há bastantes, ao que consta...

AGUA
BRAVA



BRAVAMENTE MASCULINA

PUIG

BARCELONA PARIS NEW YORK



polimaia · sociedade industrial quimica, s.a.r.l.
preparador e distribuidor em Portugal

Melo: um homem à altura da baliza

Como tanto rapazinho da província (aos 12 anos e finda a instrução primária) procurou emprego em Lisboa. Arranjou-o numa casa de venda de automóveis, como mecânico. Por influência do irmão mais velho, que jogava nos principiantes do Benfica, apareceu um dia no campo de treinos deste clube, então domínio de Valdivieso: o argentino ficou espantado quando o pretendente a «craque» lhe disse que jogava a guarda-redes.

Com essa altura vê-se logo...

Vê-se logo de quem se trata: de Melo, o Melo, actualmente guarda-redes da Académica. De seu nome completo: João Carlos da Conceição Melo. Cidadão de 28 anos de idade, natural da Idanha.

Do Melo (futebolista) se pode dizer que começou pelo princípio, pois claro. Inscrito na escola de jogadores do Benfica, em breve era chamado a defender a baliza dos principiantes. De tal maneira o fez que a direcção do clube apressou a sua inscrição nos juniores, não demorando o aparecimento como titular. Por acaso, havia lá outro jovem guarda-redes, chamado José Henriques...

David Sequerra, seleccionador de juniores, convocou-o para um Porto-Lisboa e, nesse mesmo ano (1961), para o «Europeu» da categoria, disputado em Portugal. Suplente de Rui, Melo jogou apenas contra a França. No ano seguinte, porém, vai à Roménia, como titular, e faz um jogo em cheio.

Mais uma época nos juniores (1963), com nova presença nos jogos do «Europeu»: e é a entrada nas «reservas» (suplente de Vítor). Em 1965, apesar da presença de Vítor e de Nascimento, Schwartz (confiando na agilidade e nas «mãos de ferro» do novato, dá-lhe lugar no grande clã. O mesmo treinador o põe a jogar contra o Atlético (na «Taça de Portugal») e contra o Guimarães (no «Nacional»). Com Gutman, e por altura de prolongada lesão de Costa Pereira, Melo faz um longo período como absoluto da equipa de honra do Benfica. Para muitos, a sua valentia, colocação e poder de elevação não chegavam para superar o defeito que lhe apontavam: a baixa estatura (Melo mede 1 e 70). A controvérsia sobre de tom quando Costa Pereira abandona a prática do futebol: e agrava-se durante aquele longo tempo de crise para a baliza do Benfica. Um período que



só terminou com a fixação do regressado José Henriques no lugar.

Melo sai do Benfica, não sem ter dado o seu contributo às tarefas internacionais do clube. Ainda com Gutman, faz dois jogos contra o representante do Luxemburgo e um contra o da Bulgária, para a «Taça dos Campeões Europeus». Depois, veio a experiência do Salgueiros como um interregno pouco claro na carreira do guarda-redes. Finalmente, a Académica. Melo foi solucionar o grave problema que a saída de Maló deixara em aberto, na equipa dos estudantes. A falta de segurança do sector defensivo que, actualmente, vem revelando o grupo escolar, não contribui nada para a necessária serenidade do guarda-redes: foi o que se viu no domingo passado, na Luz.

A Académica está, neste momento à beirinha de resvalar para a segunda divisão. Muita gente receia que, a acontecer a descida, a secção de futebol da A.A.C. — pelo menos a sua participação em provas federadas — tenha os dias contados. Acompanhará o destino de Melo, futebolista, o destino do futebol da Académica? Aos 28 anos, um homem tem de pensar na vida... Bom, o futuro dirá.



Desempenhando actualmente as funções de médio, Estevão é uma das pedras mais influentes dos movimentos da equipa da «Cruz de Cristo». Ontem - um ontem com dimensão de anos - um dos mais perigosos, extremos-esquerdos do nosso futebol. A razão da diferença está em que a passagem dos anos queima no corpo energias que não mais podem ser recuperadas. E o velocíssimo extremo (que foi Estevão) é hoje o médio: Estevão, mais lento, mas a quem os «tais» anos deram a maturidade suficiente para levar a bom termo a sua nova actividade como profissional de futebol.

Contemos a sua história. Um dia, em Alcochete, nasceu um indivíduo do sexo masculino a quem foi dado o nome de Estevão António do Espírito Santo Massidão. Corria o dia 11 de Agosto de 1940. Treze anos mais tarde, a experiência de Alfredo Pinto (que, então, treinava os juvenis do Desportivo local) deitou as vistas para o moço que, continuamente, esfolava os dedos pontapeando a bola trapeira; e, com o assentimento dos pais, conseguiu a entrada nos «principiantes». Logo ali se iniciou o trilhio que o levaria até ao profissionalismo.

Em 1954 veio morar para Lisboa (com 15 anos). O menino, que se estreara de «verde», tinha coração sportinguista e,

por necessidades da vida, se iniciara nas fainas de marinheiro a bordo da «Flor de Alcochete», tem uma transição na vida. Ingressa no Belenenses e passa a vestir de azul: deixa o trabalho no mar e enceta a carreira de futebolista. Outro modo de vida.

Dois anos ainda como principiante e outros dois na categoria júnior, são suficientes para que os seus méritos, reconhecidos por todos, o transportem para o escalão maior desse Belenenses de grandiosas tradições. Fernando Vaz, o técnico de então, comungava na ideia geral e promoveu-o. E aí surgiu a possibilidade da concretização de um sonho que

Estevão tanto acalentara mas que nunca ousara exteriorizar: ser profissional de futebol.

Aproveitando a sua corrida fulgurante e o seu forte pontapé, Estevão passa a ser um terrível marcador de golos, concitando sobre si a permanente vigilância dos defesas contrários. Então conhece a fama, usufrui das grandezas do futebol, e partilha também do amargo sabor de jornadas menos fulgurantes. Mas o temperamento de grande lutador,

que é apanágio do alcocheten-se vai superando... a poder de trabalho intenso, treino assíduo e vida regrada... to-

das as dificuldades inerentes à sua profissão, atraindo o respeito de dirigentes e companheiros. Profissional probo, íntegro, todos os jogos são encarados por Estevão como coisa séria. Com a camisola azul colada ao corpo, a «Cruz de Cristo» sobre o coração generoso, ele luta, corre aqui e ali,

defende e ataca, tenta constantemente o golo. Justifica (numa palavra) o seu «cachet».

Mas os tempos mudaram. Estevão tem agora quase 32 anos. Perdeu umas características, ganhou outras. Deixou de ser avançado, passou a jogar a médio. Mas, hoje como ontem, ele continua a ser o mesmo atleta vigoroso. Que vai a todas, nunca regateando o seu esforço. Detractores? Alguém, com certeza. Mas a grande maioria dos adeptos do clube do Restelo olham para ele como um símbolo. Quinze anos de doação completa ao Belenenses, um clube de grandes tradições, por onde passaram muitos nomes sonoros com as

mesmas características de Estevão.

Estevão que é caso único do nosso futebol. Um treinador disse: certo dia: «Estevão não serve ao Belenenses». Por tal razão foi transferido para o Sporting de Braga, onde a sua actuação mereceu jus à internacionalização. Jogou em Oslo (8 de Junho de 1967) no segundo encontro com a Noruega que contava para o Campeonato da Europa e que a turma nacional venceu (por 2-1). E foi contratado de novo para o Belenenses: de onde não mais saiu e em que continua a marcar posição de relevo. Depois de ida e volta a Braga e à camisola das quinas.



Textos de JESUS DA CUNHA

Cumprindo uma promessa sempre vivida no coração, Atraca está na sua terra, vivendo e respirando os ares algarvios. E, jogando ainda o futebol: apesar dos seus quase 32 anos. Futebol que, um dia, o levou até ao Norte do Continente; e daí a correr mundo, com passagens por Espanha, França, Alemanha, Jugoslávia, Venezuela... De qualquer forma, de Faro a Faro foi a sua viagem de oito anos, em jornada de glória.

João e Leutério Sousa Atraca é o nome completo do defensor da turma de Manuel Oliveira. Nasceu em Faro, a 10 de Junho de 1940. Um dia, como pre-núncio da sua vida futura, Atraca aparece a jogar nos «Camaradas», em torneio organizado na terra natal. Vestindo de azul, também como que «anunciando» o destino do jovem no futebol verdadeiro. Deu nas vistas nesses encontros do torneio: e, quase de imediato, ingressa nos «principiantes» do Farense. Logo uma grande alegria: com 16 anos é campeão, ajudando o Sporting Farense

a ganhar o primeiro título da categoria. Entra para os «juniores» e repete-se a proeza: outro título para si e para o clube que representa.

Dois anos nessa categoria e Atraca sobe a titular, sem passar pelas reservas. Jorge Porcel era (então) o técnico e utiliza o seu pupilo num jogo particular em Portimão, encontro que o Farense ganha por 4-1. De jogo para jogo aumenta o reconhecimento pelas qualidades do jovem, que se torna uma das vedetas da região.

Vem a altura de cumprir o serviço militar. E o jogador algarvio vai para a Figueira da Foz, onde recebe um convite do Benfica. Mas Atraca fixa residência no Porto: já bastante conhecido, é abordado por elementos do Espinho e do Salgueiros. Outra possibilidade de se vestir de encarnado. Mas o azul tinha sido a sua primeira cor: azul teria de continuar. Vieira (o antigo jogador do Estoril Praia e do Benfica que havia sido seu treinador) influencia a entrada no Futebol Clube do Porto. Depois de se

comprometer verbalmente com o clube das Antas, um representante do Benfica tenta aliciá-lo. Atraca havia já dado a sua palavra. Nada feito. E o contrato surge. O clube norte-nhento entregou ao Farense uma centena de contos pela «carta de desobrigação» do jogador e este recebeu vinte por um acordo com o prazo de um ano.

Honesto e sóbrio de processos, com aquela forma de jogar que não dá nas vistas do público mas perfaz todos os interesses de equipa, Atraca segue a sua carreira. E, depois de uns tantos jogos particulares (ajuda a sua nova equipa a conquistar, contra a Bétis de Sevilha e o Pontevedra, o troféu «Luis Otero» e faz parte da equipa que bateu por duas ve-

zes o Atlético de Bilbao estreia-se a 26 de Maio de 1963, no encontro de 1963, no encontro com o Leixões, para a «Taça de Portugal». Outra estreia: nova vitória. A actuação de Atraca mereceu então, de um comentarista, a seguinte apreciação: «Uma revelação. Faz lembrar o bentiquista Cruz, mas com melhor trabalho de pés».

Estava concretizada a presença no «team» das Antas do rapazinho que iniciara os seus primeiros contactos com o futebol naquelas renhidas partidas que, de manhã à noite, se desenrolavam nas ruas, nas praças, por todo o lado (enfim) da cidade de Faro. E Atraca foi somando êxitos, ao longo dos anos, sempre naquele seu

jeito modesto de se exibir discretamente. Era um dos estelios da defesa portista. O seu nome fazia jus à forma carrega com que perseguia o jogador adversário à sua guarda. Autênticas «atracagens».

Pois os anos foram passando e, com eles, o aparecimento de outros futebolistas. Era chegada a altura do «render da guarda». Muito bem o compreendia Atraca que, precavendo-se contra a vida curta de um jogador de futebol, ia fazendo o seu pé-de-meia. E chegou o momento de cumprir a promessa íntima do regresso ao seu Algarve. Mas, não de dizer adeus ao futebol.

E aí temos Atraca, dono absoluto da defesa do Sporting Farense, o clube que um dia



lhe abriu as portas e o lançou para o galarim da fama futebolística. Atraca (32 anos) que está de pedra e cal no posto, pedindo meças... mercê do seu estilo sóbrio, todo feito (agora) de repouso e sabedoria... a muito jovem que, porventura, sonhe arredá-lo da posição que ocupa. Atraca que, no entanto, não conseguiu a meta maior de todos os futebolistas... envergar à camisola das quinas. Mas que (como reconhecimento das suas reais qualidades) chegou a ser suplente (num jogo contra a Checoslováquia) e na (selecção dos militares. Por afixou.

Completo 30 anos o Jaime da Silva Graça agora promovido, por ausência de Simões, a «capitão» da equipa da Luz. Irmão de Emídio, outro excelente praticante, cedo se revelou o «jeitinho» do Jaime para o pontapé na bola. Aos sete anos, nas «peladas» do Largo Marquesa do Faial (em Setúbal), já a «trapeira», empurrada pela miudagem, se encaminhava para a sarjeta, feita baliza de emergência.

Dai até aos clubes populares foi um pulinho. «Estrelas do Sado», «Beira Mar», «Independente» e «Nacional», foram as primeiras turmas do jovem jogador. Oficialmente, começou mais tarde, nos juniores do Palmelense onde se manteve apenas durante uma época. Foi em seguida, com o mano Emídio, deabalada até Sevilha, «ei-

Texto de ALEXANDRE PAIS

JAIME GRAÇA: regresso ao Vitória falhado por um triz

nou e agradou. Mas a mãe ficara sózinha em Setúbal e o Jaime teve de regressar.

Tinha então 16 anos. Sonda pelo Benfica, acabou por se transferir para o Vitória da cidade que o viu nascer e onde ainda hoje vive. Convocado para a selecção nacional de juniores, seria dispensado na véspera da partida para a Áustria. Sofreu aí, como se

compreende, um dos momentos mais amargos da sua carreira desportiva.

Num jogo com o Estoril Praia a contar para o Campeonato da II Divisão, fez Jaime Graça a sua estreia na categoria principal do Vitória. E, com a subida da turma sadina à alta roda do futebol português, abriram-se para Jaime as portas de acesso ao galarim dos

futebolistas de eleição. Vestiu a «camisola das quinas» no Estádio Nacional, defrontando a selecção grega de «promessas». E, algum tempo depois, alinha na equipa nacional B que jogou em Córdova, contra a Espanha. Finalmente, a 24 de Janeiro de 1965, realiza-se no Jamor o III Portugal-Turquia: é a entrada de Jaime Graça no escalão A. Assina-



le-se a propósito a constituição da selecção portuguesa: Costa Pereira; Festa, Arcanjo, José Carlos e Pedro Gomes; Jaime Graça e Coluna; José Augusto, Eusébio, Torres e Simões. Depois, Jaime nunca mais parou: Noruega (3), Escócia (2), Dinamarca (2), Uruguai, Hungria, Bulgária (3), Brasil (2), Coreia do Norte, Inglaterra (2), Rússia,

Suécia (2), Itália (2), Roménia, Grécia, Bélgica e Chipre. Um ror de internacionalizações: 27 até à actualidade.

Foi após a carreira dos «Magrinhos» em 1966, que se processou a mais cara transferência do futebol luso até então: Jaime ingressou no Benfica. Da luz para Setúbal saíram, nessa altura (como «compensação futebolística») três excelentes jogadores: Pedras, Guerreiro e Arcanjo. Da carreira de Jaime Graça nos campeões nacionais se falou já. Retira-se apenas, a título de curiosidade, que foi por um triz que Jaime não regressou ao Vitória, no final da época passada, incluído na transferência de Vitor Baptista. Não foi nisso o inglês Hagen, que, em tudo quanto não seja tática de futebol, se revela atento zinho. Benza-o Deus...

CICLISMO EM PORTUGAL: PROFISSA

Não é caso para admirar que, uma vez um indivíduo integrado no âmbito de qualquer manifestação velocipedica («baptismo» se lhe costuma chamar) não mais possa separar-se do «micróbio terrível» transmitido pelas bicicletas. São inúmeros os casos comparativos de tal. Vivemos nós, no ano passado, todas as incidências da «Volta a Portugal». E aqui estamos agora, sem vergonha de demonstrar que fomos «mais um» a ingressar na família dos amantes da velocipedia. Numa família que, bastas vezes, tem tido os seus problemas e que nem sempre os resolve a contento. Família que ralha e barafusta. Mas que dá razão ao velho aforismo de que «casa que não é ralhada não é governada».

No momento em que Joaquim Agostinho convalesce, á espera de continuar a espalhar pelo mundo o seu nome e o do «Portugal Ciclista»; em que a «época» se iniciou com as primeiras pedaladas a sério; em que os destinos federativos passam a ser orientados por novas mãos, estivemos na sede da Federação. Para conhecer do instante actual do nosso ciclismo. E soubemos que:

PORTUGAL: PAÍS RICO EM «PROFISSIONAIS»

Estamos recordados da celeuma criada aqui há dois anos (casos houve de triste memória que nem fica bem recordar) acerca do magno problema do ciclismo. Problema que tinha três dimensões: de um lado, os ciclistas que diziam estar mal pagos em relação ao seu trabalho; de outro, as exigências por parte das colectividades denominadas «grandes» em relação á presença nas provas dos seus profissionais; na terceira fase estavam os dirigentes federativos assoberbados com reivindicações de toda a espécie, e que não tinham possibilidades em maneira airosa



Novidade-Benfica: Fulgêncio Sanchez à frente da equipa

de resolver o assunto.

Pois, se as exigências dos clubes se filiavam (e residem ainda) nos parcos lucros obtidos em relação com as despesas de manutenção das suas equipas, não se compreende como continuam a manter tantos elementos nos seus quadros profissionais. O total de 59 elementos inscritos na Federação está assim dividido: Ambar (9); Benfica (10); Coelima (9); Porto (7); Sanga-lhos (5); Sporting (11); Tavira (7); Individual (1).

Se atentarmos na pobreza panorâmica do nosso ciclismo (a existência de um nome sonoro — o de Agostinho — e de uma meia dúzia de outros measas de valor, não deve invalidar a

nossa opinião) não conseguimos compreender como é que Portugal consegue a **maravilha** de ser o país do mundo onde existe maior quantidade de ciclistas profissionais. E, das duas uma: ou o «profissionalismo» é uma **blague** ou os clubes não têm razão nas suas lamentações.

Ademais, o figurino desse profissionalismo já está ultrapassado. Se lançarmos os olhos por esse mundo fora, somos obrigados a constatar o modernismo da situação. Não há mais equipas de clubes. Os detergentes, as pastas dentífricas, as fábricas de berlindes (que sei eu?) esses, sim, são a forma mais aconselhável para que o termo **profissionalismo** tenha incidência verdadeira.

Evidentemente que nós compreendemos a razão da manutenção de tal «statuquo»: filia-se na clubite aguda que impera entre nós. E da qual as colectividades se aproveitam, em termos de completa negação do que é Desporto. De tal forma que um atleta só tem valor dimensional na medida em que é visto pelo prisma do clube que representa. Claro que o valor individual conta: e, de tal forma que é ver a guerra de interesses surgidos á volta de um atleta em que se vislumbra qualidades de campeão...

Prosseguindo no figurino actual, nada admira que os clubes continuem com as suas exigências; e que, em reflexo delas, apenas seja a «Volta a Portugal» a prova que proporciona aos tais profissionais (mas só aos

Texto Por
JESUS DA CUNHA

mais cotados) a obtenção de «uns escudos que se vejam».

Urge, portanto, caminhar para o novo figurino adoptado nos outros países, embora nos arrisquemos a que, enquanto as massas continuarem com a «febre» dos clubes, o ciclismo luso passe por um período de grandes dificuldades. Mas o mesmo sucedeu com os países onde a inovação foi implantada e onde hoje em dia ele está ressurgindo: e, com extraordinário vigor.

CLASSES AMADORAS: OUTRO PROBLEMA

Inscritos como amadores seniores e populares tem a Federação 240 ciclistas. Isto poderá, à primeira vista, dar um aspecto de grandiosidade no panorama velocipedico nacional. E até, fazer supor que está assegurada a continuidade (em valor, claro está) da nossa velocipedia. No entanto, assim não é. Porque, de toda essa quantidade, poderão contar-se pelos dedos de quatro mãos aqueles que na verdade devem render aqueles que, por ora, são valores consagrados. Mas, porque as suas qualidades não são, de certo modo, passíveis de exploração adequada, muitos deles continuarão de subalternidade: e outros acabarão por desaparecer por completo na voragem do tempo que tudo faz esquecer.

Um dos problemas com que a Federação constantemente se debate é o das representações nacionais sabido (como é) que a grande maioria dos convites feitos se confina às categorias amadoras. E, como se apresenta a situação? De autentica colisão entre os clubes e a Federação. Porque, em defesa de interesses que podem considerar-se legítimos, os clubes (a determinada altura) resolvem inscrever como profissionais os seus melhores amadores. E, assim sendo, a Federação fica privada de elementos capazes de uma representação condigna. E esses atletas permane-



Agostinho: maior ou único?

cem arredados do contacto sempre benéficos com corredores e provas de nível bastante superior ao nosso. Não devemos olvidar que a superioridade estrangeira não se cinge apenas aos profissionais; também se encontram por lá, e em grande quantidade, amadores de 3.ª categoria superiores aos nossos mais cotados seniores. E, quantos desses novos profissionais — normalmente lançados na «fogueira» da «Volta a Portugal» — acabam por ver cerceados para si todos os caminhos de um futuro risonho, na medida que outra coisa se lhes não dá que o lugar de

«serventuários» de uma equipa onde pontificar um ou dois «patrões»?

Se tal situação não se verificasse, justo seria presumir que a Federação teria, em «categoria», um lote de amadores capazes de representação condigna nas corridas para que recebemos convite: como (por exemplo) a «Prova 9 de Julho», em S. Paulo (Brasil), já aceite e para a qual serão escolhidos dois ciclistas; em Junho (9, 10 e 11) a «III Volta dos Vosgues» para equipas de seis corredores e, em 1 e 16 de Julho, no México a «Prova Gonzalo Charles». Estas duas últimas estão ainda em estudo

QUEM DIRIGE O CICLISMO

ASSEMBLEIA GERAL - dr. Eduardo Mansinho, Ven-ceslau Teixeira, Levi Neves e António Campos.

DIRECÇÃO - Idalino de Freitas, Fernando Moreira, António Guerreiro, Fiel de Oliveira Farinha, José Maria Simões, Carlos de Matos Peres, Fernando Paixão, José Marques Dias e Carlos Augusto Seabra.

CONSELHO FISCAL - dr. José Feijão Leitão de Castro, Rui M. de Carvalho, Fernando Santiago P. Miranda, Carlos Viana e Sérgio S. Pedro Madeira.

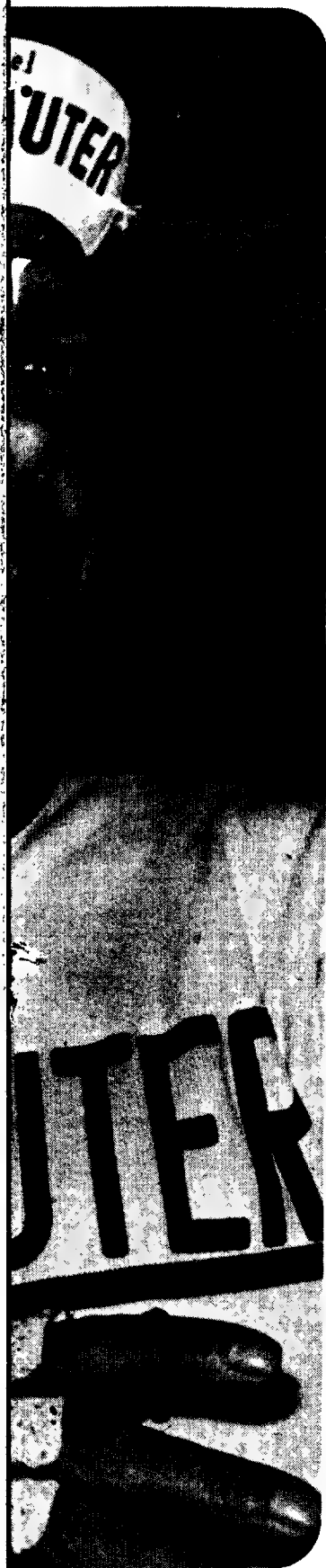
CONSELHO TECNICO - Jorge Lara Everard, Liberto da Conceição, Aristides Martins, Sidónio de Sousa e Fernando Portela.

CONSELHO JURISDICCIONAL - drs. Manuel Lalan-de Vieira Pinto, Luiz Marques Batoque, Manuel Mendes Gonçalves, Augusto Monteiro e António João Graça Gomes da Costa.

COMISSÃO ARBITRAL - drs. Luiz Teles de Abreu, Fernando Sardoeira Pinto, António Luiz de Magalhães Queiroz.

COMISSÃO ARBITRAL DE RECURSO - drs. Augusto Pedro Falcão Lopes Cardoso, João Cascaes Paíno e Rodolfo Manuel M. Lavrador.

NO PARA 59



A resposta mais conveniente é de que se situa numa indeterminada posição que não chega à de profissional mas ultrapassou já a de sénior. Justificar-se-à a existência de tal categoria? Na verdade que sim, se fôr interpretada à face da lógica. Sabemos dos perigos inerentes ao lançamento de um amador nas grandes competições. Basta que, por um qualquer imponderável, ele fique longe de quanto se pretende, para que quase de imediato a sua carreira fique travada. Pois a categoria de «Especiais» seria para todos esses novos profissionais. Que teriam um espaço de tempo suficiente para comprovar (ou negar) as esperanças que neles se depositassem. Assim teria (ou terá) razão a existência da categoria.

Mas, o que tem certa graça é o facto de que, enquanto entre nós ela parece ter tendência para desaparecer, no resto do mundo ela tem viva



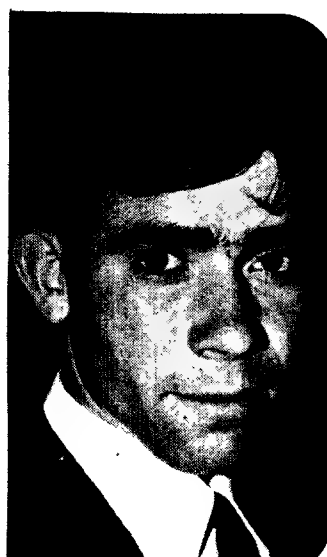
Joaquim Andrade: o Norte à espera de um «ídolo»



António Graça: chegou ali e parou



Firmino Bernardino, o delfim



Fernando Mendes: o conforto de viver na sombra?

incidência. De facto, até há bem pouco tempo, os países afro-asiáticos vetaram sempre o estabelecimento oficial da categoria. Mas, agora, a Rússia abre perspectivas novas, se for autorizada a comparência de uma equipa representativa dessas características na «Volta à França» do próximo 1973. Convenhamos que não deixará de constituir uma experiência de certo modo aliciante e que muito desejamos venha a constituir o passo desejado para o desaparecimento de situações anómalas. No fim de contas, em que lei vive o Ciclismo?

DATAS PARA CICLISMO EM GRANDE

MAIO: 27 e 28 — Lisboa-Coimbra-Porto.

JUNHO: 3 e 4 — «nacionais» de Fundo, amadores séniores (Porto); 10 — Porto-Lisboa; 15 a 18 — IV Grande Prémio Riopelle; 18 — «Nacionais» de clubes, amadores (Porto); 24 e 25 — «Nacionais» de Fundo, profissionais (Lisboa); 25 — Dia Olímpico, amadores, nas zonas de todas as Associações; 29 — Circuito do Montijo, profissionais.

JULHO: 23 — Circuito de Loures; 30 — II Grande Prémio de Valadares, profissionais e Circuito das Caldas.

AGOSTO: 4, 5 e 6 — Grande Prémio Batalha, amadores, por etapas; 6 — Campeonato do Mundo; 12 a 27 — Volta a Portugal.

SETEMBRO: 3 — Grande Prémio Internacional de Sintra e Circuito de Rio Maior, profissionais; 10 — Circuito da Malveira; 17 — «12 Voltas à Gafa» (Bombaral); 24 — Circuito do Cartaxo.

OUTUBRO: 4 e 5 — Festivais de Pista do Ginásio de Tavira; 15 — Campeonato Nacional de Rampa (Assoc. de Faro); 15 ou 22 — Final do Grande Prémio de Iniciação.

NOVEMBRO: 4 e 5 — Campeonato Nacional de Pista (Sangalhos).

A nova direcção federativa tem em vistas a organização de três provas por etapa (para profissionais) que não vão além de dois dias cada. Prevê-se para elas a área de Sangalhos e as datas livres de Junho ou Julho.

PROFISSIONAIS DA PEDALADA

SPORTING — Manuel da Silva Luiz, António Maria Simão, Firmino Bernardino, Joaquim Francisco Agostinho, Leonel Miranda, António Moniz Raimundo Marçalo, Emiliano Rodrigues Dionísio, Vítor Manuel Gomes da Rocha, Francisco Alves Miranda José Dionísio Custó e António José Teixeira.

SANGALHOS — Manuel Lote de Oliveira, Manuel de Oliveira Durão, Celestino Jesus Simões Oliveira, Wilson Gomes Marques de Sá e Lino Augusto Ferreira dos Santos.

AMBAR — José de Sousa Vieira, Valdemiro dos Santos Cardoso, Alvaro Franco Roque, António da Silva Castro, Joaquim Fernandes Guedes, Francisco Augusto Conceição Valada, Cosme Fernando Martins Oliveira, António Pedro Ricatia Moreira e Henrique Arlano Moreira da Silva.

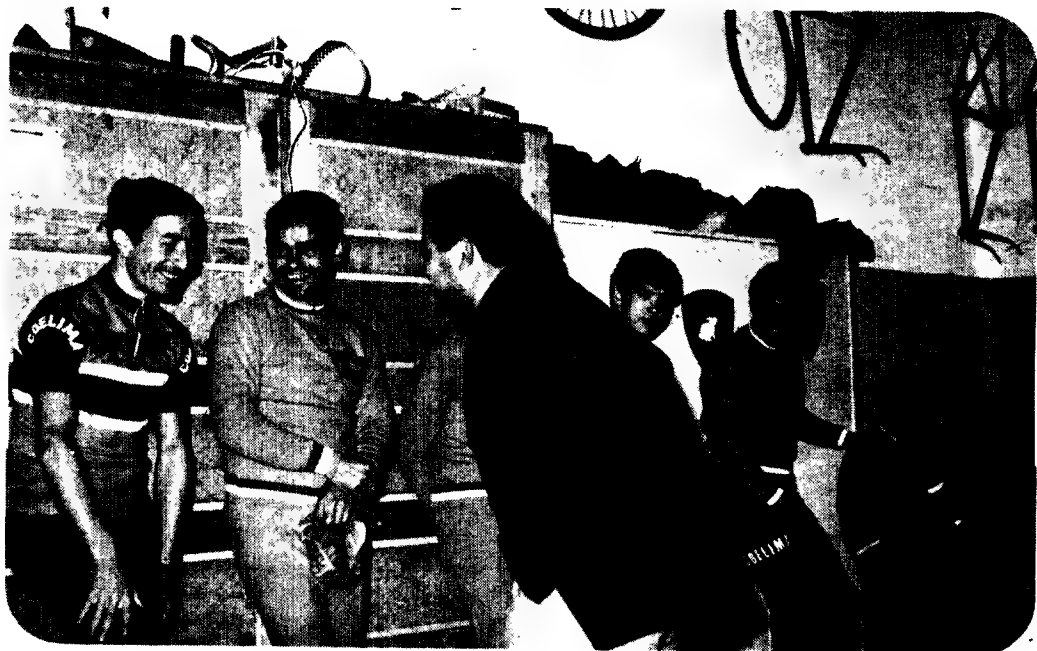
BENFICA — Fernando da Conceição Vieira, João Manuel Texugo Pinhal, António Nogueira Lopes Martins, Fernando dos Reis Mendes, António Paulino Domingues, Orlando Maia Alexandre, Emílio da Silva Ferreira, Manuel António dos Reis Correia, José António Veloso da Silva e Venceslau Domingues Fernandes.

PORTO — Gabriel Moreira de Azevedo, Manuel da Cunha e Sousa, Joaquim de Magalhães Leite, Custódio Alberto Gomes, Manuel Moreira da Costa, José Luís Oliveira Pacheco e Joaquim Pereira de Andrade.

COELIMA — António da Silva Pereira, António Salazar Monteiro, José Gonçalves Ribeiro, José Machado Pereira, Joaquim Castro Moreira, Fernando Dias Ferreira, Luís Pereira da Silva, José de Freitas Martins e José Azevedo Gonçalves da Silva.

TAVIRA — Carlos Alberto da Conceição Vitorino, José Maria Mateus Nunes, Henrique Neto de Jesus, José Armando Viegas Madeira, António Eusébio de Jesus Pereira, António Silvestre Pereira da Graça e Manuel Francisco Guerreiro Mestre.

INDIVIDUAL — Manuel A morim da Silva Petiz.



Coelima: preparação física e psicológica para uma época de nível.



e, na verdade, compreendemos que a entidade máxima do nosso ciclismo hesite na aceitação de todos esses convites, se é que não se pretende fazer má figura.

«ESPECIAIS»: QUE VEM A SER ESTA CATEGORIA?

Nos registos federativos estão inscritos quatro corredores sobre a designação de «Especiais». Um individual e três pertencentes ao F.C. Porto. Número tão exíguo que, precisamente, nos indica que a categoria tem tendência para acabar. E qual é ela?

Oliveirense invicto na terceira divisão espera título no ano das "Bodas de Ouro"



Há já vinte e seis anos que a União Desportiva Oliveirense, de Oliveira de Azeméis, deixou o convívio dos clubes chamados «grandes». Com efeito, aquela colectividade militou na I Divisão Nacional, na época de 1945/46, mas na temporada seguinte regressava ao «regional», já que naquele tempo não existia a II Divisão. Volvidos onze anos (em Leiria) disputou uma final, que lhe garantiu a subida para a II Divisão Nacional (Zona Norte), onde se manteve até 1963/64, estando presentemente a disputar o «Nacional» da III Divisão.

Mas, a Oliveirense volta a ser notícia, pois é um dos dois clubes (o outro é o Montijo) que disputam os «nacionais» e que ainda não perderam. Daí que a nossa reportagem tivesse ido a Oliveira de Azeméis.

Antes do mais, é de referir que se respira um ar de absoluta confiança nas hostes oliveirenses. O comportamento brilhante da equipa enche de contentamento a gente da vila. Aliás, não é caso para menos, se atendermos a que a zona a que pertence o Oliveirense é das mais fortes que tem o «Nacional» da III Divisão.

A União Desportiva Oliveirense foi fundada em 1922 (comemora este ano as «Bodas de

Ouro»). Idéia da criação: a prática do futebol. Presentemente dedica-se, ao hóquei em patins e ao Ténis. Há dois anos que a Oliveirense está a ser dirigida por uma comissão administrativa: aquela data apresentava um «deficit» de 700 contos e, não houve possibilidades de se arranjar um elenco directivo. Daí a Comissão Administrativa, a frente da qual se conta o prof. António Custeira, que diz:

«No princípio da época que decorre, foi nossa intenção dotar a equipa de bons elementos. Contratamos cinco reforços: Victor Armada (ex-junior do F. C. do Porto), Joaquim Santos, «Quim» (ex-Régua, João Pinto (ex-União de Lamas), Dario (ex-Chaves) e Nunes (ex-Oliveirense). Chamamos também para as nossas fileiras um técnico Osvaldo Cambalacho) capaz de dar uma boa preparação à turma (e, se possível, que nos leve à conquista do título: a nossa maior aspiração. E, na verdade, a equipa tem-se portado como nós esperávamos: as próprias lesões não têm constituído grande problema, pois felizmente surgiram precisamente numa altura em que os jogos a disputar eram menos importantes.

VERBAS: 18 CONTRA 50
O presidente da Comissão

Administrativa fala com entusiasmo:

«A Oliveirense tem cerca de 1.300 sócios: cotização mensal de cerca de dezoito contos, verba insuficiente para fazer face às despesas com a secção de futebol, que totalizam aproximadamente cinquenta contos, nos quais estão englobados os prémios dos jogos. Estou certo, porém, que se atingirmos a II Divisão Nacional o número de sócios subirá, de contrário as dificuldades financeiras continuarão a surgir. Acho que a II Divisão está perfeitamente ao nosso alcance, até porque a ponta final do campeonato me parece mais favorável do que para o nosso adversário mais directo — o Vilecabrense».

O comércio local?
«Sempre que uma equipa faz boa figura, o adversário traz consigo grande número de adeptos e isso é sempre benéfico. No entanto, parece-me que o comércio das outras localidades beneficiam muito mais, pois a Oliveirense consegue levar sempre maior número de simpatizantes.

**CAMBALACHO
OPTIMISMO
MODERADO**

Osvaldo Cambalacho: depois

da passagem pelo Elvas, impôs-se na turma principal do F. C. Porto, durante largos anos, até que o menisco o obrigou a parar durante uma época. Depois disso, esteve ao serviço do Vila Real, mas novamente o menisco o impossibilitou de prosseguir na sua carreira de jogador: pelo que enveredou pela de treinador, funções que vem desempenhando há já doze anos.

Ele fala-nos da sua vida como treinador:

A minha estreia deu-se no Freamunde, após o que conheci o Vizela, Avintes, Boavista, Levenense, Régua e, finalmente, a Oliveirense. Tenho tido outras épocas boas. Recordo, por exemplo, a minha passagem pelo Boavista, no ano em que o clube subiu à II Divisão Nacional. E quando estive no Freamunde, que auxiliei a guindar à III Nacional. Também no Vizela estava a desenvolver um trabalho engraçado, até porque tinha uma equipa bastante jeitosa, mas a falta de dirigentes obrigou-me a rescindir o contrato».

Momento actual:

«Tenho uma equipa de rapazes humildes, que se empregam com entusiasmo na preparação e levam a sério todas as instruções que lhes dou. Assim,

não se torna difícil fazer o melhor. Em todas as equipas que tenho trabalho há sempre uma vedeta: o trabalho de todo o conjunto».

Possibilidades neste Campeonato?

«As nossas são iguais às do Vilecabrense. Temos ainda alguns jogos difíceis, mas o Vilecabrense também, pelo que considero os dois clubes em circunstâncias semelhantes, mas com algum favoritismo para a equipa sobre a minha orientação, pois está muito animada e confiante na conquista do título. Depois gostaria de continuar no clube, pois já conheço o ambiente. Com mais três ou quatro elementos, estou certo de que faria uma excelente carreira no segundo escalão».

O FUTURO:

Demonstrar que sou um treinador à altura de trabalhar em qualquer clube da II Divisão Nacional. É nesses que conseguimos grande prática, pois surgem-nos dificuldades que exigem esforço e saber, para vencer. Acho mesmo que todos os treinadores deveriam passar por clubes secundários pois neles aprende-se muito: chegar a uma equipa recheada de «craques» e fazer obra não constitui problema».

Fernando Passos



Osvaldo Cambalacho: o técnico



ANDRÉ

O jogador mais antigo é o «capitão»: Chama-se André Vicente Tavares, tem 36 anos e é natural de Oliveira de Azeméis.

«Há já 20 anos que sou atleta da Oliveirense. Comecei a minha carreira futebolística nos juvenis e sempre me conservei no clube, onde fui Campeão Nacional da III Divisão, em 1958.

«Só o bom trabalho de Osvaldo Cambalacho e de todos os meus colegas possibilitaram realmente, que a Oliveirense chegasse a este ponto, merecidíssimo, pois todos nós contribuímos do coração.

Título ao alcance?

«Acho que sim. Se tudo correr como até agora, não nos fugirá. Aliás, seria uma prenda excepcional para o fim da minha carreira, uma vez que tenciono abandonar no final da época a prática do futebol.

QUIM

Joaquim das Dores dos Santos («Quim») é o goleador da equipa. Tem 28 anos e iniciou-se como futebolista nos juniores do Vitória de Setúbal, atingindo ali a categoria sénior.

«Vim depois para o Feirense e estive no Régua, onde fui o melhor marcador da III Divisão Nacional, na época de 1969/70. Findo este campeonato, fui para o Canadá, onde joguei pelo First Portuguese, ao lado do laíca. Voltei ao Régua (em 1970/71) e estive de novo no Canadá, tendo jogado pela equipa italiana «Tigres de Ottawa». Este ano vim para a Oliveirense: por intermédio do nosso técnico, que já me conhecia do Régua onde também estive como treinador».

Sobre este campeonato?

«Marquei vinte golos, mas não ficarei por aqui. Isso deve-se ao facto de termos um bom lote de jogadores e um bom orientador, elemento que não tem tido grande sorte dentro do futebol português, embora reúna excepcionais qualidades. Além disso, os elementos directivos têm cumprido integralmente as suas promessas. Assim, tudo teria de correr pelo melhor».

Conclui:

«Gostava de voltar a actuar num clube da II Divisão, pois sei que tenho qualidades para isso: se a Oliveirense subisse...

CELNORTE

CELULOSE DO NORTE, S.A.R.L.

Rua da Constituição, 797-4.º PORTO

OS SERVIÇOS DE PRODUÇÃO DE PASTA SELECIONAM PARA ADMISSÃO IMEDIATA:

CHEFES DE TURNO

• **FUNÇÕES:** dirigir e controlar a operação do Digestor, Lavagem e Crivagem, Caustificação e Forno da Cal; elaborar os relatórios de turno; colaborar em programas de formação de pessoal e num plano de conservação preventiva para o Sector da Pasta.

• **CONDIÇÕES EXIGIVEIS:** curso industrial completo (mecânico ou electricista) ou equivalente; experiência industrial; vigor físico para trabalho em regime de turnos; qualidades de chefia e vocação para trabalho em grupo.

É condição de preferência o conhecimento de inglês técnico.

OPERADORES DA CAUSTIFICAÇÃO

• **FUNÇÕES:** conduzir a instalação de caustificação operando todo o sistema de controle automático; executar os ensaios de controle analítico imediato; elaborar o mapa de controle diário da operação; cooperar com os serviços de conservação mecânica, eléctrica e de instrumentos.

• **CONDIÇÕES EXIGIVEIS:** curso industrial preparatório ou equivalente; vigor físico para trabalho em regime de turnos; espírito de equipa.

É condição de preferência ter já alguma experiência industrial.

OPERADORES DO DIGESTOR

• **FUNÇÕES:** conduzir a instalação do Digestor contínuo (530 ton/dia de capacidade nominal) operando todo o sistema de controle automático; executar os ensaios de controle analítico imediato; elaborar o mapa de controle diário da operação; cooperar com os serviços de conservação mecânica, eléctrica e de instrumentos.

• **CONDIÇÕES EXIGIVEIS:** curso industrial completo (mecânico ou electricista) ou equivalente; vigor físico para trabalho em regime de turnos; espírito de equipa.

É condição de preferência ter já alguma experiência industrial.

OPERADORES DO FORNO DA CAL

• **FUNÇÕES:** conduzir a instalação de Recuperação de Cal (forno rotativo com capacidade para 120 ton/dia) operando todo o sistema de controle automático das condições de queima e da operação de calcinação das lamas; executar os ensaios de controle analítico imediato; elaborar o mapa de controle diário da operação; cooperar com os serviços de conservação mecânica, eléctrica e de instrumentos.

• **CONDIÇÕES EXIGIVEIS:** curso industrial preparatório ou equivalente; vigor físico para trabalho em regime de turnos; espírito de equipa.

É condição de preferência ter já alguma experiência industrial.

NOTA — A experiência prévia em funções similares dispensa as habilitações literárias mínimas acima referidas

RESPOSTAS DETALHADAS, POR CARTA, PARA A DIRECÇÃO ACIMA, COM A INDICAÇÃO «PESSOAL — PASTA» MENCIONADA NO ENVELOPE

LUISA SALGADO

do Salgueiros à canção

Luisa Salgado, cançonetista que foi atleta do Salgueiros, é mulher de Zézinho, futebolista de «Os Belenenses». Na história deste casamento há várias curiosidades que ainda não foram contadas ao grande público. Por exemplo: sabiam que Luisa Salgado esteve cinco anos no Brasil e conheceu o Zézinho (brasileiro por nascimento) em Guimarães?

As voltas que o mundo dá... Filha de carioca e de português de Guimarães, chegou do Rio e viajou até ao Norte: a entrega de uma encomenda trazida da cidade maravilhosa, proporcionou-lhe a apresentação de um jogador do Vitória. Não foi apenas uma amizade que nasceu, foi também um amor forte e profundo que culminou no casamento. Desde há oito meses, que são marido e mulher.

Luisa de Assunção Salgado é natural do Porto e a sua juventude foi passada no Sal-

gueiros: o atletismo era a sua paixão, o salto em comprimento a especialidade escolhida. Também praticou natação, com o fato de banho salgueirista. Mas tornou-se conhecida do grande público, através da música.

«Já desde os tempos do Salgueiros que a música me fascinava. Ainda miúda (ou quase) participei em diversos programas radiofónicos especialmente dedicados aos amadores. Fui feliz nesse primeiro contacto, vindo a ser convidada para ser a solista de um grupo de

Paranhos. Depois, em 1959, concorri ao título de Rainha do Fado: a minha maior adversária era a Cândida Ramos, mas acabei por vencer. A seguir foi o sucessivo cumprimento de contratos na província, em espectáculos organizados por muitos empresários. Aos 16 anos prestei provas na Emissora Nacional. Fiquei aprovada e tornei-me profissional. Conheci então os rapazes do Conjunto Boreal que, de imediato, me convidaram a ingressar no grupo. Com eles percorri diversos pontos de ro-



Natação foi modalidade que praticou em representação do Salgueiros

teiro, sempre com interesse, até que, um dia, fui obrigada a abandonar o Trio Boreal: Bruxelas, Espanha, Brasil, Estados Unidos e Canadá reclamavam a minha presença e só tinha, como solução, ficar novamente sózinha. No entanto, durante a digressão pelo Canadá, integrei-me novamente no Trio, a pedido dos muitos portugueses radicados naquele país: os rapazes do Boreal estavam também integrados na digressão e a junção aconteceu com naturalidade. Até que, há cerca de um ano, deixei de novo a sua companhia: o casamento trouxe-me para Lisboa, sendo impossível continuarmos juntos. Através de Artur Pereira, vou agora apresentar-me no Hotel Embaixador e no Casino Estoril.

Luisa Salgado, que no Rio de Janeiro foi proprietária do restaurante típico «O Galo», esteve durante cinco anos no país irmão. E, quem havia de dizer, foi preciso voltar um dia a Guimarães, para conhecer Zézinho então jogador do Vitória que era brasileiro em foco.

«Foi aquilo a que se poderá chamar amor à primeira vista. Olhámos um para o outro... e o amor nasceu naquele instante. Agora, estou a procurar conciliar a vida de casada com a artística. Não posso deixar

de cantar: está na minha massa do sangue. Mas, entendo que a vida do lar está primeiro. E estará. Todos os domingos acompanho a equipa de «Os Belenenses», vibrando com o Zézinho.»

É o fado de Luisa Salgado, porventura aquele que ela canta (e vive) com mais entusiasmo e vibração.

O.D.A.



Zézinho (careca...) antecipa-se a Romão e João Carlos



Um casal feliz: Luisa Salgado e Zézinho, o luso-brasileiro que joga no «Belenenses».

Jogos Olímpicos decretam mobilização geral da polícia

Munique está a preparar uma certa recepção a um grupo específico, dentro das 350 mil pessoas que devem chegar à capital bavera durante as Olimpíadas.

Fazem parte desse grupo milhares de gatunos, carteiristas, criminosos de pequena envergadura e elementos semelhantes, que a Polícia está certa de que vão concentrar-se em Munique, para os Jogos, que principiam a 26 de Agosto.

Olimpíadas, pois consideram os jogos a grande oportunidade para as suas obscuras actividades.

«Igualmente está mais do que prevista, a chegada de bandos especialmente treinados e coordenados de carteiristas».

Por outro lado, de acordo com Haering, também haverá (durante os Jogos) grandes afluências de «Hípies» o que faz prever o aumento ainda

bavara serão, na sua maioria, da Polícia Estadual e da Guarda - Fiscal das alfândegas.

Outro motivo de preocupação é o facto de, na Alemanha Federal, ter um especial significado a confrontação com o Leste.

«Temos também de estar preparados para manifestações e protestos, realizados por grupos que querem chamar a atenção mundial, aproveitando a ocasião dos jogos, para as suas ideias e exigências», disse Haering.

Grupos de imigrantes, especialmente dos países do Leste Europeu, talvez também causem problemas ao tentarem influenciar aos seus compatriotas que assistirão aos Jogos.

Portanto, para além de reforçar o número de agentes policiais, as autoridades bavas também solicitaram, ao Ministério Federal do Interior (em «lei especial de paz olímpica».

Essa lei, abrangendo apenas as duas semanas dos Jogos, proibiria toda e qualquer manifestação ou propaganda política no solo olímpico e numa área circundante de segurança.

por Hartmut Scherzer
exclusivo UPI / ANI

O chefe da Polícia Criminal de Munique, Hermann Haering, explicou alguns dos problemas num folheto intitulado «A polícia na Baviera». Sublinhando que os pessimistas prevêem já um aumento de cerca de 100 por cento na criminalidade, durante os jogos, observava:

«Sabe-se, por experiência, que muitos criminosos, tanto nacionais como internacionais, serão atraídos pelas multidões distraídas que ocorrem às

maior do tráfico de drogas na Alemanha Federal.

A «Comissão de recepção» para estes «hóspedes» indesejáveis é constituída por unidades policiais fortemente reforçadas.

Haering esclareceu que a força policial de Munique, composta de 4.000 homens, será reforçada até aos 10.600 no período dos Jogos e revela que andrão disfarçados, sem fardas, e que os agentes de trânsito que virão até à capital



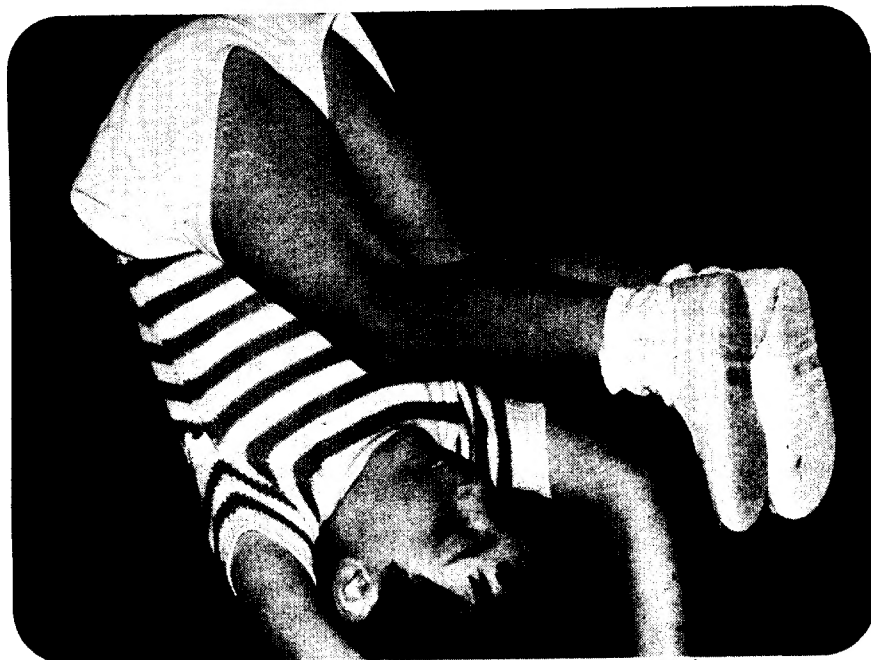
Munique cresce dia-a-dia: à esquerda, nota-se o Palácio do Desporto, enquanto à nossa direita, se avista o Estádio Náutico, com lago artificial e tribuna ao ar livre. Ao fundo: a cidade olímpica.

REPORTAGEM

Grupo Sportivo de Carcavelos.



Fernando Monteiro ajuda na cambalhota.



Numa rua escondida de Carcavelos, na esquina da praia com o campo, mora todas as tardes o sorriso franco e leal da juventude: são as lições de educação física para quatro classes distintas (consoante as idades) orientadas por um homem sem diploma de professor que gosta da sua actividade feita de amor e dedicação.

Numa rua escondida de Carcavelos, a juventude distrai-se, formando-se.

O Grupo Sportivo de Carcavelos conta actualmente 1186 sócios. No entanto, apenas 400 pagam as suas quotas. E são estas quatro centenas de entusiastas que conseguem manter o grupo: que vive (conforme facilmente se adivinha) com imensas dificuldades. Diz-nos Bernardo da Costa, o presidente:

«Já tivemos mais esperanças na única resolução viável para sairmos de uma situação que é quase aflitiva: a Câmara Municipal de Cascais cedeu-nos um terreno, junto ao rínque, para ali contruirmos a nossa sede. Mas, o erguer de um edifício condigno exige dinheiro que não temos nem conseguimos arranjar.. Dai o alvi-

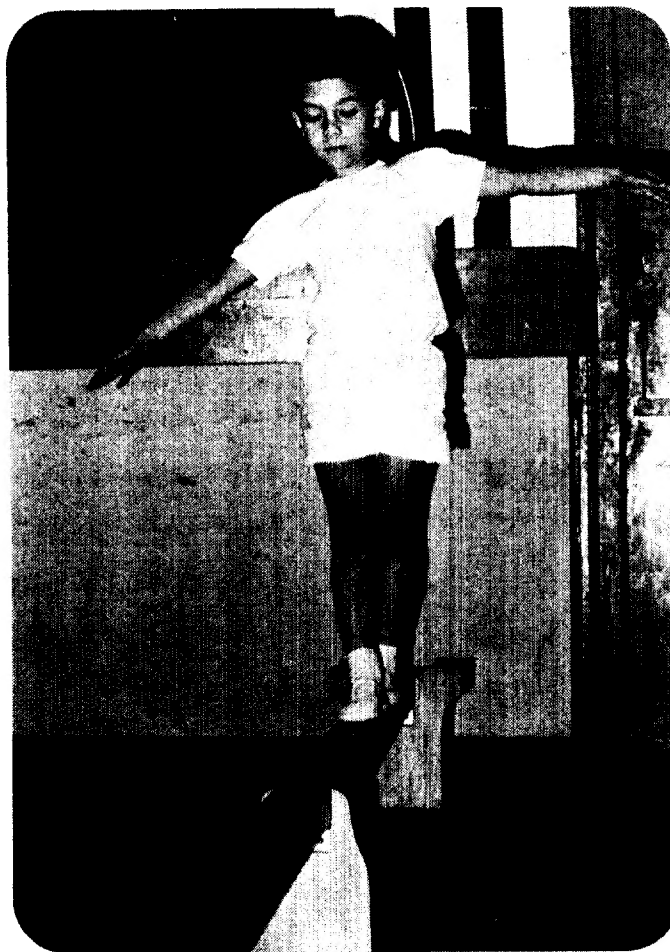
Entrevista por
**ORLANDO
DIAS AGUDO**

Fotos de
**LOBO PIMENTEL
JUNIOR**

tre que fizemos: na troca do terreno cedido por aquele onde se situa o rínque e que nos está alugado por um preço simbólico. Se o nosso pedido fôr aceite, talvez seja possível erguer umas paredes, colocar um tecto e transformar um rínque de patinagem num mini ginásio polivalente. Já estivemos à beira de ver satisfeito este velho sonho. Porém, o homem que nos garantia a troca deixou o número dos vivos, adiando com a sua morte a solução que é urgente. Só esperamos que o actual presidente de Câmara Municipal de Cascais tenha um minuto livre para nos atender, para que maiores sacrifícios sejam feitos e do rínque abandonado (e sem utilidade) nasça um ginásio que ofereça maiores e melhores condições de trabalho a uma juventude que gosta da educação física e a ela se dedica de alma e coração.

**MAIS DE UMA
CENTENA
DE GINASTAS**

Duas vezes por semana, quatro classes de educação física recebem lições num ginásio de pequenas dimensões que poucas ou nenhuma condições oferece a quem dirige e a quem pratica. Ao todo, serão 105 atletas que sonham com um ginásio poli-valente, de mais largas dimensões e melhores condições de trabalho. Mas, mesmo assim, o entusiasmo e a dedicação fazem esquecer os problemas: e a iniciativa



VIAGENS ACOMPANHADAS

DE LISBOA A LISBOA

UTILIZANDO AVIÃO E AUTOCARRO
EXCURSÕES EM GRUPO A PREÇOS REDUZIDOS

- 10 DIAS A ITALIA** Esc. 6.970\$00
Lisboa, Zurique, Milão, Veneza, Florença, Roma, Pisa, Génova, Milão, Zurique, Lisboa.
- 11 DIAS — CAPITAIS EUROPEIAS** Esc. 10.250\$00
Lisboa, Paris, Londres, Amesterdam, Bruxelas, Lisboa.
- 19 DIAS — PAISES DO LESTE EUROPEU** Esc. 22.880\$00
Lisboa, Bruxelas, Varsóvia, Moscovo, Leninegrado, Kiev, Budapeste, Praga, Zurique, Lisboa.
- 7 DIAS — UMA SEMANA EM PARIS** Esc. 4.860\$00
Lisboa, Paris, Lisboa.
- 15 DIAS — EUROPA ORIENTAL** Esc. 13.950\$00
Lisboa, Bruxelas, Budapeste, Sofia, Bucareste, Beigrado, Praga, Zurique, Lisboa.
- 8 DIAS — TERRA SANTA** Esc. 10.890\$00
Lisboa, Zurique, Tel Aviv, Tiberíades, Nazaré, Haifa, Cesarea, Jerusalém, Lugares Santos, Tel Aviv, Lisboa.
- 16 DIAS — BRASIL — DA AMAZÓNIA A S. PAULO** Esc. 33.780\$00
Lisboa, Recife, Manaus, Brasília, Rio de Janeiro, Quedas do Iguassu, S.Paulo, Lisboa.
- 11 DIAS — NEW YORK** Esc. 11.400\$00
Lisboa, New York, Lisboa.
- 16 DIAS — MÉXICO E NEW YORK** Esc. 28.990\$00
Lisboa, México, Taxco, Acapulco, Mérida, Uxmal, New York, Lisboa.
- 29 DIAS — ÁFRICA** Esc. 36.950\$00
Lisboa, Joanesburgo, Cidade do Cabo, Ondshoorn, Wilderness, Port Elisabeth, Durban, Lourenço Marques, Kruger Park, Beira, Parque da Gorongosa, Salisburia, Joanesburgo, Luanda, Lisboa.

Peça-nos o programa detalhado e reserve desde já o seu lugar, pois a respectiva lotação é limitada

Informações e reservas em:

Belos Turismo Setúbal-Av. 5 de Outubro- Tel. 23291
Évora-Rua da República-Tel. 24254

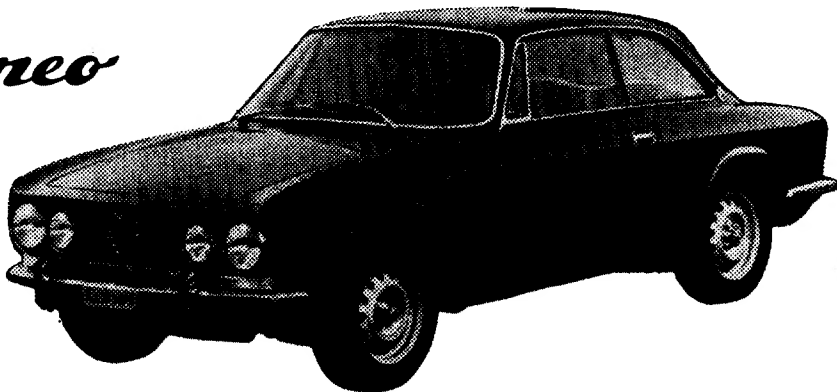
2000

CAMPEÃO DA EUROPA



Alfa Romeo
GT VELOCE

1962 c.c. 150 CV
195 Km/h.
Km de arranque em 30,6 seg.



MOCAR, LDA
AV. DUQUE D'AVILA, 66A/B
LISBOA 1

A POTÊNCIA ALFA ROMEO É SEGURANÇA

continua em exposição

O BELO SORRISO DA JUVENTUDE



Um júri atento, que procura ser justo na atribuição dos pontos.

de promover concursos ganha novos adeptos, como faz nascer um espírito de camaradagem pouco vulgar nos dias de hoje.

Fernando Monteiro é um homem igual a tantos outros, que tem o seu emprego normal: de entrada às nove e saída às seis da tarde. Só que, mal o relógio bate as badaladas do fim de tarde, corre até ao Cais do Sodré para apanhar o comboio das 18 e 11. Porque em Carcavelos as aulas começam às seis e meia e ele não pode faltar: é o professor. Um professor sem diploma, mas competente e conhecedor de tudo quanto ensina:

«É verdade que não tenho diploma do I.N. E.F., mas frequentei cursos em diversas cidades da Europa. Gosto da Educação Física e aqui, no Sportivo de Carcavelos, temos conseguido fazer qualquer coisa de útil. Há dois anos, quando tomei conta das classes, tínhamos apenas 18 alunos. No ano seguinte, esse número subiu para 60. E, este ano temos 90 nas classes infantis e mais 15 adultos, pois o entusiasmo transbordou de pais para filhos, obrigando-nos (gostosamente) a organizar uma classe mista de adultos».

Fernando Monteiro sabe aliar o gosto pela educação física com o estímulo da competição. Todos os anos, por alturas do Natal e da Páscoa, organiza concursos entre as classes mais jovens, premiando os melhores com rebuçados ou amêndoas. Depois, no fim de cada ano lectivo (Maio) realiza um concurso que premia os mais aplicados e os de maior rendimento:

«Temos medalhas para os melhores: que são escolhidos por um júri constituído pelos pais dos alunos das outras classes.

Tanto pelo Natal, como pela

Páscoa e agora em Maio, realizamos uma espécie de concurso, à imagem e semelhança

dos grandes torneios que a Televisão por vezes nos dá a conhecer. É grande o entusiasmo



São oito de um grupo de dez admiráveis: Ana Cunha, Ana Santos, Bruno Palma, Hugo Rocha, Ilda Mendes, Luis Florindo, Mário Ventura, Nuno Monteiro, Paula Florindo e Ricardo Rodrigues.

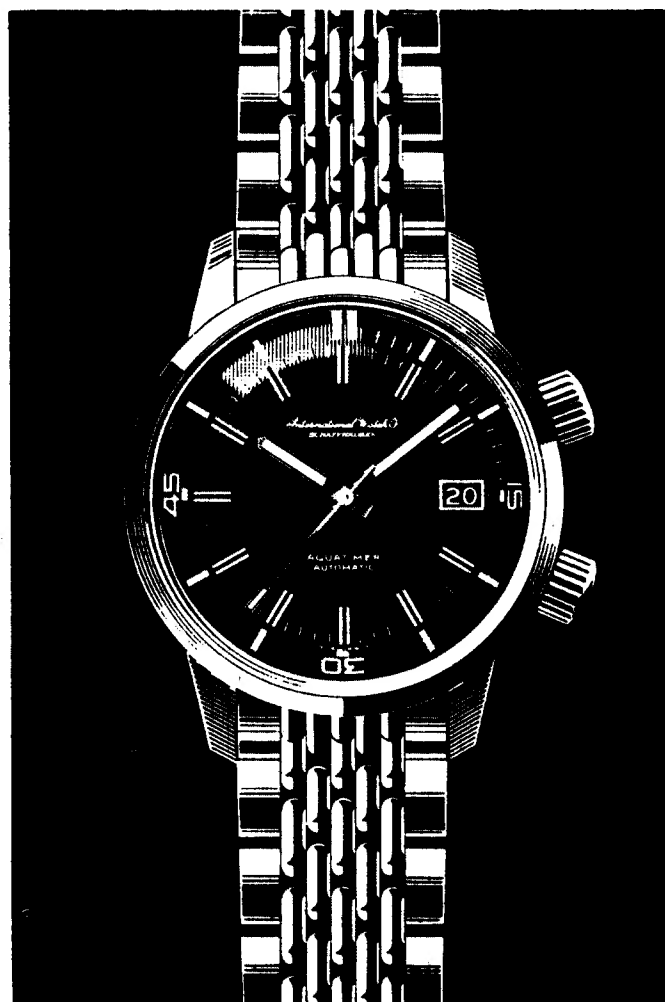
que uma iniciativa destas desperta entre os jovens dos 3 aos 5 anos, dos 6 aos 9 ou nas classes de rapazes ou raparigas (dos 10 aos 12 anos): o prazer de competirem num concurso como os grandes que a Televisão transmite. É isto a que terminou de assistir: eles encaram a competição como se fosse um concurso para apurar os elementos de uma selecção olímpica».

Apreciamos, efectivamente, o respeito e a seriedade com que cada jovem (da classe dos 3 aos 5 anos) se entregava à exibição do esquema proposto. Ao todo, 10 miúdos (quase acabados de sair do berço) em exercícios de equilíbrio, flexão ou destreza. Um encanto para os olhos, uma satisfação para o espírito.

No grupo Sportivo de Carca-

velos, não há doutores na gerência nem professores no ginásio. Porque os diplomas, que

só servem para embelezar paredes de escritórios, não cabem numa oficina de trabalho.



IWC Aquatimer

Com indicação automática da data

Impermeável até uma profundidade de 200 metros (20 atm.). Isento de condensação.

Segurança: O aro giratório encontra-se no interior da caixa e é accionado por uma segunda coroa. Desta forma, o aro giratório não pode ser danificado por obstáculos existentes debaixo de água.

É resistente à corrosão e ao desgaste.

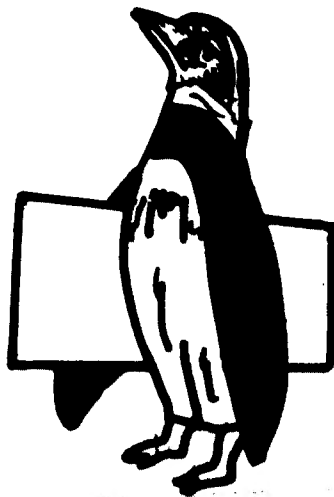
IWC
International Watch Co.
Schaffhausen, Switzerland

A venda nas melhores ourivesarias e relojoarias do País.

CHAPAS ACRÍLICAS VIDRO PLÁSTICO

PRODUTO DA INDÚSTRIA
PORTUGUESA

Sadoplas



FABRICO DE

plásticos do SADO, LDA.

LISBOA

AVENIDA 28 DE MAIO, 51/A

TELEF. 76 17 83

PORTO

RUA FARIA GUIMARÃES, 260

TELEF. 49 04 78

MAY I COME IN?

de PRAÇA
a PRAÇA
NEVES DE SOUSA



De Londres, com esperança. Ronnie Allen, um cavalheiro. De Londres, com optimismo. Ronnie Allen, sujeito alegre.

De Londres, com «palmarés»: Ronnie Allen, história com texto.

Que vem Ronnie Allen fazer a Portugal?

Sacar o Sporting da subalternidade.

Tirar o Sporting da penumbra.

Oferecer ao Sporting personalidade.

Mas, será que Mário Lino falou?

Mas, será que Mário Lino pediu algum confronto?

Mas, será que Mário Lino não deu novo corpo ao definhado?

Mas, que armas vai ter Ronnie Allen? Mas, que armas teve Mário Lino?

O caso do Sporting, meus amigos, não será propriamente de ter (ou não) um treinador português.

De ter (ou não) um treinador brasileiro.

Chinês, malaio ou negro.

Inglês, por exemplo.

O caso do Sporting, meus amigos, é de ter (ou não) jogadores.

O caso do Sporting, meus amigos, é de ter (ou não) organizações.

O caso do Sporting, meus amigos, é de ter (ou não) dirigentes.

E dinheiro para gastar.

Dinheiro que não seja apenas promessa.

Dinheiro que se possa pôr em cima da mesa, na hora da opção.

Quando Rui Rodrigues está hesitante.

Quando Vítor Baptista não sabe para que lado se vai virar.

Quando Eusébio se ilude com meia dúzia de contos na palma da mão.

Quando Artur Jorge não quer viver de conversa.

Quando Pedras e Augusto Silva desistem e vão bater a outra porta.

Aqui, em tempos diferentes, já havia treinadores de fora.

Brasileiros.

Óptimos.

Inglêses.

Excelentes.

Franceses.

Magníficos.

Espanhóis.

Bons rapazes.

Já tinha tudo: campo, camisolas, botas, bolas, calções.

Um posto médico com o melhor massagista do futebol mundial.

Um posto médico em que Manuel Marques já sabia virar os maus diagnósticos dos clínicos.

Já sabia emendar os erros feitos nas operações. Já sabia recuperar os irreconciliáveis com a sorte.

Já tinha tudo: uma massa associativa espantosa. Que seguia o «team» para todo o lado.

Que pagava tudo quanto lhe pediam. Que só queria, de quando em vez, que a sua gente arregaçasse as mangas e desse umas palmadas no rival de peito.

Só isso.

Não exigia taças europeias.

E conseguiu uma.

Não obrigava a triunfos nas digressões particulares.

E obteve muitos.

Não queria mais nada para além desse tal prazerzinho de piscar o olho trocista aos parceiros de emprego com cor aziaga.

E já vivia feliz.

Com este ou aquele treinador. Mas, quase sempre, com remendos no «team».

Vadinhos ou Seminários.

Fernandos ou Faustinos.

Mercenários.

Nômadias.

Arrivistas.

Geos trabalhadores e Ivsons aplicados.

Diegos sacrificados e Lúcios entusiastas.

E muitos «penduras» à mistura, quase a estabelecerem um «record» espantoso.

Os Pacotis, os Aníbais, os Mosqueras, os Carabalhos. Os

paraquedistas de ontem.

Os Joaquins Rochas de hoje.

Mas, que armas teve Mário Lino?

Só isso, ou também jogadores?

Aí paramos: onde estão os jogadores?



Primeiro passo em Alvalade: Allen não é supersticioso

Mas, que armas vai ter Ronnie Allen?

Preparação física para dar à vontade?

Massagista como outro não há?

Relvado fôfo e público que espera por D. Sebastião como pobre sonha com carne?

Só isso?

Só tácticas e força?

Só humanidade e optimismo?

Só palavras bonitas a pedir-lhe esforço?

Onde estão os alimentos para o prato?

O banquete pode servir-se mostrando só uma baixela?

O banquete pode oferecer-se tendo só criados de libré?

O banquete pode ser apenas uma mesa vazia?

Vamos agora por partes: o

Sporting tem (ou não) jogadores?

Eu juro: tem mesmo.

Tem um Damas.

Potencialmente, o maior sucessor de Carlos Gomes, o mais apetrechado continuador de Costa Pereira.

Tem um Laranjeira.

Em embrião, o colega ideal para o Humberto Coelho da selecção.

Tem um Peres.

Quando lhe apetece, o homem que melhor sabe colocar a bola na frente de ataque.

Tem um Yazalde.

Que, quando Peres deixar, será outra vez o rabulista que domina o espectáculo.

Tem um Chico.

Que é, só, um dos quatro melhores extremos do futebol português.

Tem um Dinis.

Que quiseram vencer inventando-o como médio.

Tem um Tomé.

Grande em qualquer equipa de futebol.

Tem um Wagner.

O perfume do Brasil no esforço de um latino.

Tem um Nelson.

Que não vira a cara à guerra.

Tem um Lourenço.

Ainda um dominador da bola.

Tem um Gonçalves.

Que joga tanto como o «internacional» Matine.

Tem um Pedro Gomes. Tem um José Carlos. Tem um Hilário.

A experiência, o saber, a inteligência.

Tem um Nando: Jordão-1973.

Tem um Dani: Artur-1973.

Tem um Álvaro Jorge: Vítor Martins-1973.

Tem um Rui Paulino e um Botelho. À espera de vez.

Tem, por aí fora, um Juvenal e um Bastos. À espera de apelo.

Então, que falta?

Falta ao Sporting a coragem

de deitar fora o que fica na peneira, o que não escapa ao exame, o que não serve.

Falta ao Sporting cabeça fria na hora de ter de investir o seu capital.

Falta ao Sporting um golpe de propaganda que pode nascer com o lançamento internacional.

Falta ao Sporting dinheiro para competir no mercado das compras internas.

Em Portugal há óptimo material para a construção da equipa; e o Brasil ajuda ao resto.

Em Portugal há jogadores tão bons como os melhores lá de fora: Eusébio (como Travassos, como Matateu) não é caso virgem.

Em Portugal há campo de recrutamento e estrelas para o «show». Só que é necessário procurá-las.

Em escolas de onde possam saltar outros Travassos, outros Fernandos Mendes, outros Manuel Marques.

As armas que podem contrabalançar negócios em impasse: a vinda do académico Costa, do belenense Laurindo, do cufista Manuel Fernandes, do leixonense Horácio.

As armas que não deram a Mário Lino.

As armas que só prometeram a Ronnie Allen.

As armas que se compram antes de entrar na luta.

Aí, o busílis, dear Ronnie.

COMÉDIA BATE «RECORD»

NOVA YORK — O próximo dia dezassete de Junho a comédia musical «O Violinista do Telhado» atinge, na Broadway, os 3225 espectáculos, ultrapassando, assim, nesse dia, o recorde estabelecido em 1940 pela comédia «Life With Father».

NÓS E A MULHER

Munique está à porta. Daqui a poucos meses (Agosto/Setembro) vão encontrar-se na Alemanha as grandes figuras dos mais cotados desportos. As maiores «estrelas» internacionais, da Rússia, da Polónia, da Checoslováquia, dos Estados Unidos, da França, de Inglaterra. De todos os pontos do globo, saltando fronteiras e afastando grilhetas, os colossos desportivos em luta amiga, na procura de uma hegemonia

que não exclui amizade, camaradagem, compreensão. Uma espécie de concílio desportivo, em que a fraternidade é uma constante inamovível.

Munique servirá para competir, não para guerrear. Que alguns países, algumas bandeiras, se servem hoje do Desporto para outros fins, é uma verdade: mas, não uma novidade, pois essa ideia já vem de longe, praticamente dos primórdios dos Jogos Olímpicos. Porém,

Alguém vai a Munique?

Por LÍDIA FARIA

RECORDISTA
INTERNACIONAL
DE ATLETISMO



na sua essência geral, Munique (as Olimpíadas) é a meta de milhares de carreiras. O horizonte de muitas vidas. A esperança que obrigou a muitos sacrifícios. Ir lá, por mérito e com possibilidades de fazer boa figura, é que já não está ao alcance de qualquer sonhador...

Parece-me inevitável abordar este assunto. Focar essa ideia. Ainda que muito boa gente possa ficar melindrada, comigo, claro. Todavia, valerá a pena lembrar o que já afirmei em várias ocasiões, vivo para o desporto e não do Desporto. Daí a minha segurança e a serenidade que tenho na minha consciência quando faço qualquer afirmação deste estilo. Assim, também, a minha total insensação no apreciar da

eventual deslocação de atletas portugueses a Munique.

Segundo parece, as condições financeiras agora proporcionadas aos desportos considerados «pobres» são diferentes. Melhoraram? Pioraram? Basta dizer: mudaram. Do «bolo» do Totobola (que não é inesgotável) talvez se pudesse tirar mais um «fatia» em favor do Atletismo Feminino. As marcas das nossas atletas mais cotadas, não sendo muito más, deixam de ser «famosas» se as compararmos com as que as adversárias estrangeiras podem conseguir. Com os «tempos» e «distâncias» que todos os dias, lá por fora, aparecem em telegramas das agências noticiosas. Mas, não havendo promoção de meio, que se pode (ou deve) exigir?

Por isso eu pergunto: quem admitiu, a longo ou a curto prazo, a nossa participação nos próximos Jogos de Munique? Alguém (com responsabilidades e capacidade) «puxou» ou incentivou (especialmente através de contactos prévios com atletas de outras nações) as melhores campeãs portuguesas? Quem está a seguir uma preparação intensa, séria, objectiva?

Talvez tenha sido um feixe de perguntas para o deserto. Porque o panorama é desolador, e para quem se sentir com ânimo e força para tentar os mínimos para a viagem até Munique, basta citar a tabela elaborada pela nossa Federação. E confrontá-los, em seguida com a tabela organizada pela Federação Internacional, no fundo a que melhor pode servir para ir tirando um passaporte. Só uma coisa, antes de tratar de números, quantos atletas masculinos podem fazer estes resultados? Ora as marcas que vou citar são exigidas a mulheres...

Enfim, um registo. Primeiro, o que se pede cá em Portugal. Depois, o que se exige lá, nas Olimpíadas. 100 metros (11 e 6 s; 11 e 5 s; 200 m (24,2; 23,6);



Adília: está quase!

400 m (55; 54); 800 m (2 minutos 8,5 s; 2 m 5 s); 1500 m (4 m 30; 4 m 20 s); 110 barreiras (14 s; 13,5 s); altura (1 e 70; 1 e 76); comprimento (6 e 10; 6 e 30); peso (15,50 e 16,20); disco (52; 55); dardo (52; 54); pentatlo (4500 pontos; 4800 p.).

De momento, Adília Silvério é a atleta com a marca mais próxima dos mínimos para a viagem. No entanto, Helena Relvas (200 metros e comprimento) tal como Angélica Mana (100 metros) ainda têm uma palavra a dizer para acompanharem a recordista ibérica do lançamento do peso. Força, raparigas!

FAROL
(CROMADO)

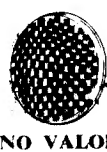
LONGO ALCANCE

NEVOEIRO (VIDRO AMARELO)

150.00

OPORTUNIDADE
ÚNICA!

GRÁTIS



CAPA

(NO VALOR DE 45.00)

BAPAL

IMPORTADORES-ARMAZENISTAS

LOJA 2 — Av. Óscar Monteiro Torres, 35-A

TEL. 778273 — LISBOA I